

E

A Revista do Expresso

EDIÇÃO 2618
30/DEZEMBRO/2022

A caneta ou o bisturi Prémio Pessoa 2022

João Luís
Barreto
Guimarães
nasceu há
55 anos e
vive no Porto.
É um médico
a escrever
poesia ou um
poeta a exercer
medicina?
Para ele, uma
coisa e a
outra, já pouco
se distinguem.
Entrevista de
Valdemar Cruz
e Rui Duarte Silva



Anjos de Lisboa
Uma visita guiada
Por Ana Soromenho

Lionel Messi
Um deus na brisa da tarde
Por Bruno Vieira Amaral

Letizia aos 50 anos
Uma rainha com sorte
(e muito trabalho)
Por Ángel Luis de la Calle

A DESENVOLVER TALENTO EM TODO O MUNDO.

axians



Cientistas e pensadores têm uma maneira simples de descobrir as coisas. Eles fazem perguntas, não o que alguém os manda fazer. É isso que esperamos do nosso talento. Se querem um ambiente desafiador para trabalhar, têm que fazer parte do desafio. E trazer com eles uma atitude curiosa e positivamente provocativa. E a partir daí, cria-se um novo tipo de transformador digital. Um profissional que percebe que usar a sua visão é tão importante quanto entender as regras e utilizar as ferramentas. Daqueles que criam as pequenas revoluções que fazem o mundo evoluir. **E isso, a Axians sabe fazer.**

A Axians tem 12 500 colaboradores em todo o mundo, nos quais investimos continuamente com formação, aprofundamento de know-how e habilidades interpessoais.

NÃO IREMOS À RÚSSIA

PUTIN ESTÁ A DESTRUIR O Povo e o País a que pertence, tornando-os párias

Se a Terra ainda rodasse como dantes, estaria a fazer a malha para visitar a Rússia. Pele primeira vez. Uma confissão embrarosa para quem andou pelo mundo e nunca pôs um pé em Moscou ou São Petersburgo. Para quem aprecia o calor e o deserto, o ar gelado a golpear a cara não é uma qualidade da natureza. Todas as vezes que estive para viajar para a Rússia desisti, trocando o país por risonhas paragens. Nunca tive empatia com o regime soviético, pelo contrário, e no regime pós-soviético sempre considerei Vladimir Putin excessivamente perigoso para lhe tolerarmos os caprichos e aceitarmos o dinheiro. Em Londres, o dinheiro russo era conspicuo e arrogante. Reparar-se-ia que um partido político, o Conservador, estendia a mão e nomeava um russo com fama de ser um agente russo para a Câmara dos Lordes enquanto sonegava as conclusões do relatório sobre os crimes por envenenamento com polónio e novichok de dissidentes russos no Reino Unido. O aviso à navegação passou despercebido em nome da ganância.

Muito mais do que as políticas erradas da Alemanha e da senhora Merkel, a política do governo inglês foi, além de moralmente errada e claramente corrompida de Putin e da corte. Os oligarcas russos mandavam e compravam Londres, enquanto membros do governo, tanto no tempo de Blair como dos governos conservadores que se seguiriam, passavam férias nos iates russos no Mediterrâneo e fins de semana nas mansões russas em Itália. Não admira que o russo julgasse que a Europa estava no bolso.

A viagem à Rússia foi sendo adiada. A Rússia não é tão fria como foi, mercê das alterações climáticas. A decisão foi tomada com vigor depois de uma viagem a Paris para ver a Coleção Morozov na Fundação Louis Vuitton (FLV), inaugurada em setembro de 2021, quando a Terra ainda rodava nos eixos. Enquanto a FLV mostrava uma das coleções mais extraordinárias de pintura moderna francesa e russa, com obras impressionistas que teríamos de ir ver à Rússia, o Grand Palais mostrava pintura russa do século XIX para o XX e o meu favorito Ilya Yefimovich Repin, um grande naturalista, um verdadeiro realista russo. Repin é o autor de um dos retratos mais coamentoes da história da pintura, o do poeta Vsevolod Mikhailovich Garshin (1855-1888), hoje exposto numa das galerias do Metropolitan Museum em Nova Iorque. Garshin assombra-nos com os olhos pisados de um homem perseguido pela dor dos suicídios do irmão e do pai. Garshin acabaria por matar-se atirando-se pelas escadas. A alma russa em conhecido desespero.

Repin pintava seres atormentados com expressões demenciais, atraído pelo romantismo desviado de criaturas condenadas. É dele o grande quadro "Ivan, o Terrível, e o Seu Filho Ivan", de 1885, em que o

czar enlouquecido ampara nos braços o filho que matou. Tal como esta arte, a Rússia é um território de excesso, de sentimento delirante, de potestade e grandeza maligna ao serviço de talentos e cabeças excepcionais. Não é preciso ler Dostoevsky para perceber, basta ler qualquer autor russo, ouvir música russa, ver ópera russa, saber a história do ballet russo de Diaghilev e Nijinsky a Nureyev e Baryshnikov. A tela de Repin é um claro comentário à tirania czarista.

A Europa ocidental tem dificuldade em compreender o excesso temperamental e a escuridão que o gerou, um país com uma cultura que continua a ser parte da cultura europeia, que a formou quando a Europa civilizada e culta parava nos Pirenéus e ia de São Petersburgo a Londres e Paris e que escapa à harmonia estétizante que na cultura europeia tentou domar as paixões. Morozov comprou os impressionistas que davam cor e pontos de luz à escuridão.

A Rússia é um mistério, mais ainda para a América, que não a comprehende e a analisa sempre com a lupa do comunismo e do anticomunismo, rejeitando a compreensão histórica e ontológica do fenômeno. O autor que mais influenciou a literatura americana terá sido Tchekhov, que escreveu os contos mais notáveis dos séculos XIX e XX e é um dos fundadores do teatro moderno e contemporâneo. Ora, Tchekhov é um autor benigno, demasiado humano, que não se encharca em sangue, suor e lágrimas. Tchekhov, Tolstoi, Pasternak, Gogol e o fundador Pushkin, bem como os autores pastorais e os poetas da craveira de Mandelstam e Akhmatova, exaltam a literatura da Rússia sem deixarem de participar na tendência para a complexidade patológica e a recusa de continência existencial. A *angst* russa suplanta as outras, geradas na obra do século XIX para século XX e que ajudaram a moldar o homem moderno. No século XX, os génios dissidentes Nabokov e Brodsky foram obrigados a mudar de língua, do russo para o inglês, amparados pela Europa e a América.

Ilya Repin participa no fenômeno, representando-o em traços e luminosidades perfeitos, e a oportunidade de Paris ajudou-me a decidir de uma vez por todas ir ao Hermitage, em São Petersburgo, e à Galeria Tretyakov, em Moscou. Nesta galeria está o quadro do czar com o filho assassinado a simbolizar a grandeza megalomania, narcisista e destruidora. Ilya Repin nasceu em Chuguyev, na província de Kharkov, ou Kharkiv, no país que é hoje a Ucrânia e que foi parte do império russo. A relação entre a Rússia e a Ucrânia é semelhante ao quadro do imperador com o filho que ele mata num ato de ira e desconfiança. Não sei se Vladimir Putin é um homem com inteira consciência da cultura e das artes do país onde impõe. Sabe-se que é um leitor da História da Rússia, que interpreta como uma peça de teatro universal onde faz de herói e que usa como alegoria o poder e dominação, mas não se sabe se é um leitor dos russos, se gosta de teatro russo, se aprecia a arte russa e de um modo geral se está à altura das criações artísticas que tornaram a Rússia uma referência cultural universal. No século XXI, e aos olhos da estrutura geopolítica

que mantém o mundo mais ou menos nos eixos, a invasão da Ucrânia é um anacronismo, mas a brutalidade da soldadesca está em consonância com o que conhecemos da violentíssima história da Rússia, que não se resume ao período soviético. Sei que a Rússia, com os pecados originais e veniais, tinha adquirido uma camada de verniz que levou a Europa a concluir que podia dormir descansada depois da queda do Muro de Berlim e levou a América a abrandar o furor maccarthysta que a empurrou para combater a Rússia soviética em todos os palcos planetários e construir uma máquina militar destinada a impedir aventuras que ameaçasse a supremacia de Washington e do Pentágono.

Sei que a Rússia é um país isolado e paranoico, chefiado por um homem isolado e paranoico e rodeado de uma corte de aproveitadores, cobardes, bandidos, conspiradores e nostálgicos da Rússia branca e imperial, e se tornou um lugar inóspito. Não irei visitar a *dacha* de Pasternak e as ruas de Dostoevsky, não irei ver o Bolshoi ou a grandeza açucarada dos palácios dos czares, não aprenderrei sobre Catarina a Grande e Pedro o Grande, e este Grande que juntamos o nome é um programa de poder, não verei o corpo petrificado de Lenine no mausoléu nem a Catedral de São Basílio enfeitada como um bolo. Não caminharei nas noites brancas de São Petersburgo nem olharei as águas do rio Volga, cujos barqueiros Ilya Repin pintou. Não levarei no bolso os contos de Tchekhov ou um livro de Lemontov ou Turgenev. Ficarei longe da Rússia. Esta distância pode gerar uma frieza intelectual à qual teremos de resistir.

Muita gente desistiu ou desistirá da Rússia, enquanto o regime não mudar e esquecermos o mal que a Rússia fez. Muita gente nunca irá à Rússia. Putin está a destruir o povo e o país a que pertence, tornando-os párias. Para quem quis reconstituir um império, não desejo maior dano à grandeza da Rússia e ao nosso desejo de a conhecer. Um obscuro funcionário do KGB transformado em imperador tinha de dar mau resultado. ●



/ CLARA
FERREIRA
ALVES

SUMÁRIO

EDIÇÃO 2618
30/DEZEMBRO/2022



NUNO FOX

18

Anjos de Lisboa

Mediadores entre a terra e o céu, espreitam um pouco por toda a cidade, contemplando a vida dos homens ao virar de cada esquina

FICHA TÉCNICA

Editor
João Vieira Pereira

Diretor-Adjunto
Miguel Cadete
mcadete@expressoimpresa.pt

Diretor de Arte
Marco Gréco

Editor
Ricardo Marques
rmarques@expressoimpresa.pt

Editor de Fotografia
João Carlos Santos

Coordenadores
João Miguel Salvador
jm salvador@expressoimpresa.pt

Luis Guerra
lguerra@blitz.impresa.pt

Coordenadores Gerais de Arte
Jáime Figueiredo (Infografia)
Mário Henrique (Desenho)

fisga

+E

7 | Armamento

As armas que sustentam o mundo em guerra, num xadrez geopolítico que põe a Humanidade em xeque

10 | Os Cadernos e os Dias

Atlas-Cristo, os viajantes e os turistas

Por Gonçalo M. Tavares

14 | Planetário

Sé feliz sempre que conseguires

Por João Pacheco

26 | Lionel Messi

É uma história longa de um génio precoce que teve de chegar à terceira idade futebolística para saborear o triunfo mais sublime. O melhor jogador do nosso tempo é, por fim, campeão do mundo

32 | Caviar

É um dos alimentos mais falsificados e mal interpretados e até podia ser produzido em Portugal

38 | Rainha consorte

Jornalista de origem plebeia, divorciada e de esquerda, Letizia Ortiz tem 50 anos e é um ativo importante para a monarquia espanhola

44 | Prémio Pessoa

“O poema existe no momento em que é lido por alguém”, diz nesta grande entrevista João Luís Barreto Guimarães, um médico que escreve poesia, um poeta que exerce medicina

72 | Exposições

“Canción de Pedro Costa” Exposição sobre a vida e a obra do cineasta

56 | Arte do insano

Livros em sinergia entre autores com e sem doença mental

60 | Livros “Ferry”, de Djaimilia Pereira de Almeida

64 | Cinema
“irmão e Irmã”, de Arnaud Desplechin

66 | Televisão

“Glass Onion: Um Mistério Knives Out”, de Rian Johnson, na Netflix

68 | Música

“Chasing Contradictions”, do Ricardo Toscano Trio

74 | Exposições

“Em Matéria de Matérias-Primas”, de Júlio Pomar, André Romão, Jorge Queiroz e Susanne Themlitz, no Atelier-Museu Júlio Pomar, em Lisboa

Vícios

75 | Bicicletas elétricas

Tudo o que precisa de saber para pedalar em direção a um ano novo sustentável

78 | Receita

Por João Rodrigues

79 | Restaurantes

Por Fortunato da Câmara

80 | Vinhos

Por João Paulo Martins

81 | Recomendações

De “Boa Cama Boa Mesa”

82 | Design

Por Guta Moura Guedes

83 | Moda

Por Gabriela Pinheiro

84 | Tecnologia

Por Hugo Séneca

85 | Automóveis

Por Vítor Andrade

87 | Passatempos

Por Marcos Cruz

CRÓNICAS

3 Pluma Caprichosa por Clara Ferreira Alves | **12 O Mito Lógico** por Luís Pedro Nunes

16 Cartas Abertas por Comendador Marques de Correia | **52 Que Coisa São as Nuvens** por José Tolentino Mendonça

63 O Outro Lado dos Livros por Manuel Alberto Valente | **74 Fraco Consolo** por Pedro Mexia

86 Diário de Um Psiquiatra por José Gameiro | **88 Deixar o Mundo Melhor** por Francisco Pinto Balsemão

90 Estranho Ofício por Ricardo Araújo Pereira



GRAFF

THE MOST FABULOUS JEWELS IN THE WORLD



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

ART AVENIDA: AV. DA LIBERDADE 194C – LISBOA
AV. ALIADOS – PORTO: AVENIDA DOS ALIADOS, N° 127 – PORTO



50 ANOS DE SUSTENTABILIDADE

Há valores que levamos à letra

Expresso

50 anos de Liberdade para pensar

fisga

"QUEM SABE TUDO É PORQUE ANDA MUITO MAL INFORMADO"



Armados até aos dentes

A CHINA TEM O MAIOR EXÉRCITO DO MUNDO, A RÚSSIA POSSUI O MAIOR ARSENAL NUCLEAR, OS EUA SÃO OS QUE MAIS INVESTEM NO REFORÇO MILITAR E OS QUE MAIS LUCRAM COM O NEGÓCIO DA GUERRA.

EIS O XADREZ GEOPOLÍTICO QUE PÔE A HUMANIDADE EM XEQUE

TEXTO ANDRÉ MANUEL CORREIA INFOGRAFIA CARLOS ESTEVES

ILUSTRAÇÃO CRISTIANO SALGADO

Now I am become Death, the destroyer of worlds" ("Agora eu tornei-me a Morte, o destruidor de mundos"). Estas palavras, eternizadas na escritura hindu "Bhagavad Gita", composta por 700 versos, tornaram-se ainda mais simbólicas quando foram resgatadas, num tom de assombro e arrependimento, por Robert Oppenheimer, físico norte-americano que dirigiu o Projeto Manhattan, programa criado pelos EUA para o desenvolvimento da bomba atómica. Oppenheimer sabia que o mundo não voltaria a ser o mesmo a partir do momento em que as superpotências tivessem nas mãos uma arma capaz de arrasar uma cidade, um país, num abrir e piscar de olhos. O "pai da bomba atómica" tinha plena consciência de que o mesmo cogumelo radioativo que estilhaçou a resistência japonesa e precipitou o fim da II Guerra Mundial iria também transfigurar perigosamente o xadrez geopolítico, colocando toda a humanidade em xeque.

Desde o final da Guerra Fria, após a implosão da União Soviética, assistiu-se a um abrandamento da escalada nuclear, mas atualmente o stock global de ogivas continua a ser verdadeiramente assustador, sobretudo pelo facto de o poder destrutivo ter aumentado astronomicamente através das bombas de hidrogénio. E o conflito entre a Rússia e a Ucrânia só veio reavivar o temor de que um holocausto nuclear deixe de ser um cenário apenas explorado pela ficção científica e se torne uma realidade.

EUA E RÚSSIA DETÊM MAIS DE 90% DAS OGIVAS NUCLEARES

De acordo com dados referentes a 2022 e divulgados pela Federation of American Scientists, existem atualmente mais de 13 mil ogivas na posse de nove potências nucleares – mais de 90% pertencem à Rússia e aos Estados Unidos. O arsenal nuclear russo conta com 5977 ogivas e está em crescimento, apesar de o Kremlin ter assinado com a Casa Branca os tratados START I, em 1991, START II, em 1993, e New START, formalizado em 2010 e que vigora até 2026, para a redução de armas estratégicas. Os EUA possuem 5428 bombas nucleares, embora tenham emagrecido o seu stock ao longo dos últimos anos. A China consolidou-se como a terceira potência e tem 350 armas nucleares, número que tem vindo a crescer. A França segura a hegemonia nuclear na Europa Ocidental, com 290 ogivas, seguida pelo Reino Unido, com 225. Na tensão entre o Paquistão e a Índia, os dois vizinhos mantêm uma marcação cerrada, com 165 e 160 ogivas, respectivamente. Por fim surge Israel, com 90 armas nucleares, e a imprevisível Coreia do Norte, com 20 ogivas, que podem ser colocadas nos mísseis balísticos que o regime de Pyongyang não pára de testar. O Irão pode juntar-se a esta exclusiva liga das nações, face à

MAIORES EXÉRCITOS DO MUNDO

Pessoal ativo em 2022, em milhões



MAIORES ARSENALS NUCLEARES

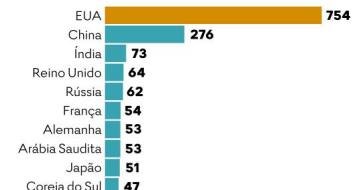
Distribuição global de ogivas nucleares em 2022



FONTE: FEDERATION OF AMERICAN SCIENTISTS

PAÍSES QUE MAIS INVESTEM NO REFORÇO MILITAR

Gastos em mil milhões de euros em 2021



FONTE: STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE

DE ACORDO COM DADOS REFERENTES A 2022 E DIVULGADOS PELA FEDERATION OF AMERICAN SCIENTISTS, EXISTEM ATUALMENTE MAIS DE 13 MIL OGIVAS NA POSSE DE NOVE POTÊNCIAS NUCLEARES — MAIS DE 90% PERTENCEM À RÚSSIA E AOS ESTADOS UNIDOS

NO QUE TOCA AOS PAÍSES QUE MAIS COMPRAM ARMAMENTO ESTRANGEIRO, A ÍNDIA REPRESENTOU 11,3% DAS IMPORTAÇÕES ENTRE 2017 E 2021, UM POCO MAIS DO QUE A ARÁBIA SAUDITA (11%)

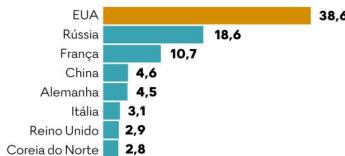
ausência de um acordo internacional que limite o desenvolvimento do seu programa nuclear, que tem em curso há décadas.

Olhando para os países que mais investem no reforço militar, os Estados Unidos assumem a liderança de forma destacada: só em 2021, de acordo com um levantamento do Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), os norte-americanos gastaram 801 mil milhões de dólares (€754 mil milhões). Também no ano passado a China canalizou o equivalente a €276 mil milhões. A Índia investiu €73 mil milhões, o Reino Unido gastou €64 mil milhões, acima dos €62 mil milhões desembolsados pela Federação Russa. Em sexto lugar surge a França, com €54 mil milhões gastos para incrementar a sua capacidade militar, seguida pela vizinha Alemanha (€53 mil milhões), o mesmo valor que a Arábia Saudita. O nono país que mais investiu na sua capacidade bélica foi o Japão (€51 mil milhões), e a fechar o top 10 surge a Coreia do Sul (€47 mil milhões). Só estes 10 países representam 75% do valor investido em todo o mundo para o reforço militar.

Quando se olha para os maiores exércitos do mundo, a China figura no topo da lista, com dois milhões de soldados no ativo — o que é particularmente preocupante num momento em que o braço de ferro com Taiwan ganhou novo ímpeto —, seguida pela Índia, com 1,45 milhões de efetivos. A Coreia do Norte, pequena em extensão territorial, possui o quarto maior exército do mundo (1,2 milhões de militares), mais do dobro do que a Coreia do Sul (555 mil).

MAIORES EXPORTADORES DE ARMAS

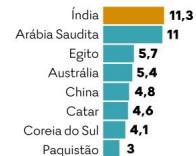
Distribuição global entre 2017 e 2021 em %



FONTE: STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE

MAIORES IMPORTADORES DE ARMAS

Distribuição global entre 2017 e 2021 em %



FONTE: STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE

A Rússia conta com 850 mil soldados no ativo e recentemente avançou com uma “mobilização parcial” de 300 mil reservistas para a “operação militar especial” na Ucrânia, que, de acordo com dados do SIPRI, tem 200 mil militares prontos para combater. Na América do Sul sobressaem dois países: o Brasil, com 360 mil soldados, e a Colômbia, com 295 mil efetivos. No vespero do Médio Oriente, o Irão dispõe de um exército com 575 mil militares, o Egito reúne 450 mil, a Turquia tem 425 mil, a Arábia Saudita mantém 225 mil em estado de prontidão e o Iraque possui uma força de 200 mil homens. Na Europa Ocidental, a França é dona do 21º maior exército a nível global (205 mil) e o Reino Unido ocupa a 25ª posição, com 194 mil.

EUA LIDERAM O NEGÓCIO DA GUERRA

No negócio da corrida ao armamento, os EUA são quem mais lucra com a venda de armas: entre 2017 e 2021 exportou 38,6% da totalidade de armas vendidas a outros países, o que corresponde a mais do dobro das exportações

de armamento russo (18,6%). A França é o terceiro maior fornecedor, com 10,7%, seguida pela China (4,6%), pela Alemanha (4,5%), por Itália (3,1%), pelo Reino Unido (2,9%) e pela Coreia do Norte (2,8%).

Do outro lado da moeda, ou seja, no que toca aos países que mais compram armamento estrangeiro, a Índia representou 11,3% das importações entre 2017 e 2021, um pouco mais do que a Arábia Saudita (11%). Depois aparece o Egito (5,7%), seguido surpreendentemente pela Austrália (5,4%). China e Catar representam, respectivamente, 4,8% e 4,6% das importações de armamento. A Coreia do Sul, com 4,1%, e o Paquistão, com 3%, completam o grupo dos que mais se reforçam com equipamento militar estrangeiro.

O mundo é um palco de guerra e estes são os protagonistas, armados até aos dentes. Tal como disse José Milhazes quando um míssil disparado pela Ucrânia acabou por atingir território polaco, “estamos sentados num barril de pólvora, não só a fumar como a preparar uma espetada”. ●

A ALMA DOS VINHOS DE LISBOA



VENHA FAZER A PROVA DOS
9

Na D.O. Bucelas e D.O. Alenquer

Bucelas é região de reputados brancos e espumantes da casta Arinto, que encontra aqui todo o seu potencial qualitativo. Em Alenquer, o clima temperado propicia a maturação gradual das uvas que resulta e vinhos de grande qualidade. Duas regiões que esperam pela sua visita.



Coordenado por:



Uma Iniciativa



Descubra mais:



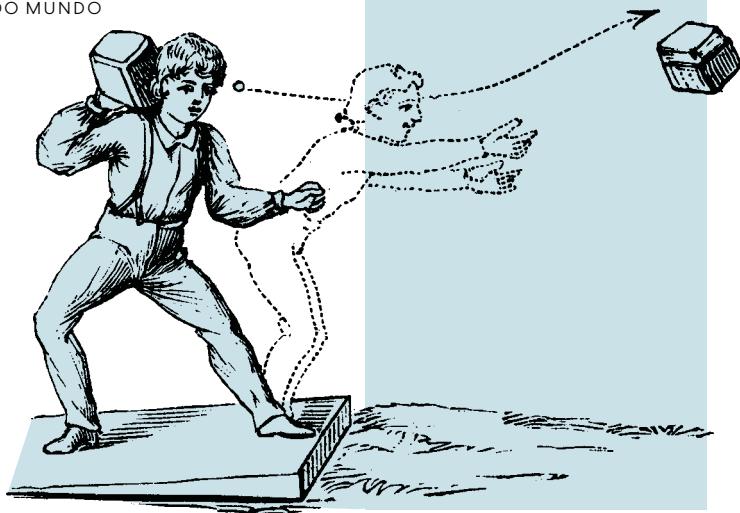


POR
GONÇALO
M. TAVARES

Atlas-Cristo, os viajantes e os turistas

"Talvez estas estradas consintam Jesus Cristo um entre nós na nossa freguesia, mas dando ao mesmo tempo sentido a tudo isto"

RUY BELO



1.

Cristo e a mitologia grega.

Atlas, figura mitológica, um dos titãs, super-heróis antigos, tentou derrotar Zeus, mas por este foi derrotado e depois castigado. Uma força enorme, a de Atlas, e por isso essa força — revolucionária, poderíamos dizer — tem de ser imobilizada pelo grande poder, o de Zeus. Como o poder imobiliza a revolução? Colocando-a nesse ofício interminável de suportar um peso gigante. Como se imobiliza a revolução? Outra resposta: transformando-a, fazendo-a passar de revolução-animal (que muda de sítio) para revolução-árvore — que não se pode mexer. (No entanto, podemos definir dois tipos de revolução, entre muitas outras hipóteses: a revolução-animal, revolução ansiosa, e a revolução-árvore, revolução paciente. Não sair do sítio evidentemente não significa estar morto.) O castigo aplicado ao revolucionário Atlas: suportar os céus; mais tarde — na pintura, na escultura, nas várias representações — suportar a Terra, o planeta inteiro.

O planeta pesa tanto que toda a sua força, a de Atlas, é necessária. A sua força assim não desaparece, mas fica no mesmo sítio, imóvel, tentando apenas suportar o fardo de um mundo inteiro em cima das costas.

2.

A figura de Cristo e algumas semelhanças — no meio, novamente, de muitas diferenças. Cristo que leva a cruz às costas, o mundo inteiro às costas. Mas talvez uma diferença essencial. Com um enorme peso às costas, físico e concreto, mas acima de tudo simbólico — para os crentes, Cristo leva às costas a humanidade inteira —, porém, apesar de tudo, ao contrário de Atlas, Cristo caminha, avança. Tem força para suportar o peso do que está em cima das suas costas e mesmo assim sobra-lhe força para avançar,

para mudar de sítio e para ir espalhando as suas palavras por diferentes espaços.

3.

Todo o ser humano que já fez um esforço físico prolongado sabe que, a certa altura, não se é capaz sequer de dizer uma palavra. Falar exige energia, cansa; quando estamos já bem exaustos, falar torna-se um esforço físico bem acima da nossa capacidade do momento. Eis, portanto, uma das hipóteses para descrever a figura histórica de Cristo. Um Atlas-Cristo que caminha carregando um enorme peso e no caminho tem ainda energia para falar. E não traz informações, material para ser acumulado num armazém qualquer; traz, sim, narrativas, parábolas — material para pensar.

4.

Qual o peso que te imobiliza, qual o peso máximo que suportas nas costas e mesmo assim consegues avançar?

Qualquer viajante com peso a mais na mochila não conseguirá sair do sítio. Deixa de ser viajante e passa a ser um imobilizado. Mesmo que tenha pernas hábeis. Demasiado peso imobiliza até o mais forte, Atlas.

**QUALQUER VIAJANTE COM PESO
A MAIS NA MOCHILA NÃO
CONSEGUIRÁ SAIR DO SÍTIO. DEIXA
DE SER VIAJANTE E PASSA A SER UM
IMOBILIZADO. MESMO QUE TENHA
PERNAS HÁBEIS. DEMASIADO PESO
IMOBILIZA ATÉ O MAIS FORTE, ATLAS**

Viajante, tantas vezes em tantos livros, assinalado como a designação-metáfora para o vivo: o viajante, o vivo. O final da viagem, a morte. Metáfora clássica.

O viajante sem qualquer peso nas costas, sem mochila, está totalmente leve: consegue deslocar-se bem facilmente — porém nada transporta, não muda a posição de nada e não ser de si próprio.

E não carrega nenhum peso, ou seja, caminhar não é para ele um sacrifício.

E sem sacrifício não há dádiva, uma tese antiga que Andrei Tarkovsky, por exemplo, recuperou no último dos seus filmes.

Dar sem sacrifício seria uma forma falsa de dádiva, um simulacro de dádiva. Uma brincadeira, pois. Dou o que não me faz falta. Ou seja, dou os restos. Ou seja: não dou, finjo que dou.

5.

O viajante que avança sem sacrifício transforma-se em turista. Cristo e os apóstolos não eram evidentemente turistas.

Mesmo para os não-crentes isso é claro.

6.

Uma frase terrivelmente maravilhosa de Elias Canetti: "Deus era coxo e criou os humanos como sua muleta."

Que maravilhoso, os humanos são a muleta de Deus, aquilo em que ele se apoia.

E sim, que terrível, os humanos são a muleta de Deus. ●

Gonçalo M. Tavares escreve de acordo com a antiga ortografia

BEM NOSSO E SER A ESCOLHA DOS NOSSOS CLIENTES

PELA 9^a VEZ CONSECUTIVA



O Recheio foi mais uma vez, distinguido como marca N°1, na categoria DISTRIBUIÇÃO GROSSISTA.

O reconhecimento de que cumprimos a nossa missão de estar ao lado dos nossos clientes e de contribuir para o sucesso dos seus negócios, é sempre um motivo de orgulho. Mas um prémio que se conquista pela 9^a vez consecutiva, significa muito mais. Ser a Escolha dos Profissionais do setor de forma continuada, é a confirmação de um percurso que temos traçado juntos.

É sentir a certeza de que seguimos na direção certa, a ganhar força a cada ano. Esta é a melhor prova de que temos uma excelente equipa para fazer bem pelo negócio dos nossos clientes. E essa confiança, é um dos nossos maiores bens.

OBRIGADO



**BEM
NOSSO.
BEM
PRÓXIMO.**

 **RECHEIO**
CASH & CARRY



POR
LUIΣ
PEDRO
NUNES

Dar milho aos pardais

HÁ MILÉNIOS QUE PARTILHAMOS COMIDA COM ANIMAIS, NUM ATO QUE APARENTEMENTE NÃO NOS TRAZ BENEFÍCIO ALGUM

Como somos lembrados nesta época natalícia, os rituais ligados à comida são únicos da nossa espécie, e o juntar pessoas à volta da mesa, a partilhar comida com outros além dos familiares diretos, “faz de nós humanos”. Um cliché. Aliás, relembra-se num texto que li algures que a comida está de tal forma intrincada às relações com as pessoas que “companhia/companheiro” advém de *cum panis*, ou seja, “o que come pão connosco”. Mas estes rituais têm vindo a mudar, muito devido à tecnologia e a estilos de vida. Cada vez menos se junta a família à volta da mesa e se presta atenção ao que ali se passa. Há que colocar a hipótese de o jantar de Natal no mundo cristão se tornar no derradeiro momento em que a família se consegue juntar à volta de uma mesa. E de se tornar, assim, numa espécie de “Última Ceia” simbólica que é preciso cumprir, com prazer ou por obrigação. Partilhar o pão com um conhecido ou um estranho é, portanto, prova de humanidade. Agora, o que é intrigante é o porquê de esses humanos, desde sempre, em muitas culturas e ao longo da História, terem decidido alimentar animais, mesmo aqueles que não lhes trariam benefício algum, dado não lhe servirem de alimento ou proteção. Que impulso é esse que ainda hoje está presente quando se alimenta os patos no parque, ou se tenta dar comida a animais selvagens no passeio pelo campo, ou bichos que resistem nas cidades? Que se dê carne a milhares em Deli ou que se atire instintivamente um pedacinho de pão a um pardal? Repare-se: é um ato que não tem nenhum retorno/benefício a não ser, possivelmente, o bem-estar interno, o pensar - se que se “ajudou” o animal. Há grupos de investigadores de vários países a tentar responder à questão de onde ou para quê surge esse desejo de alimentar animais ao longo da História. Do ponto de vista prático, foi assim que foram domesticados. Dá-se comida às galinhas para ter ovos, ao cavalo para que possa ter força, à ovelha para que dê lã e carne, ao cão para

proteção, ajuda no trabalho e companhia. Mas, de Nova Iorque a Bombaim, há sempre pessoas dispostas a alimentar animais sem recompensa imediata: passarada de todos os tipos, gatos ferais, tubarões, jacarés, veados, patos, cisnes, pombos e o mais que aparecer – aceitam o que lhes damos e pisgam-se para nunca mais serem vistos. “Não se consegue compreender completamente esse desejo de alimentar animais porque ninguém escreveu nada acerca do assunto, ninguém deu atenção ao fenômeno, e por isso é difícil refazer a história”, diz a equipa de investigadores, que engloba geneticistas, antropólogos e arqueólogos que estão a tentar perceber como se deu a introdução de animais domésticos na Grã-Bretanha. Nota: quase todos foram os romanos, das galinhas aos gatos. Aliás, os gatos na Europa estão diretamente ligados ao cristianismo. Os monges nos mosteiros tinham interesse em os proteger para comerem os ratos que destruíam os manuscritos. E alimentavam-nos também. Ora, os monges nos seus jejuns comiam mais peixe do que carne. Daí a ligação do gato ao peixe. E não foram só os franciscanos na sua bondade para com os animais. Há uma grande atração pelas aves. De tal forma que no século XIX, em Inglaterra, existiam sociedades naturalistas de aristocratas, nomeadamente uma famosa liderada pela naturalista e escritora Eliza Brightwen, unicamente dedicadas a alimentar animais – designadamente aves –, “mas de sua livre vontade” e com regras precisas. Exigia mesmo um juramento para que se os alimentasse no inverno. Nos EUA, era um barão prussiano quem estava à frente do movimento que detalhava os métodos de “atrair e proteger aves selvagens”, e, assim, de as alimentar com uma mistura de gordura com sementes nas ranhuras dos troncos

das árvores para sobreviverem ao frio. “Pessoas de bom coração sempre tiveram piedade pelos nossos convidados de penas que nos visitam no inverno”, dizia Hans von Berlepsch. Durante a I Guerra Mundial, alimentar pássaros era considerado um ato patriótico, pois assim comeriam os insetos e poupariam as colheitas. Já na China, conta-se que Mao Tsé-Tung terá pedido ao povo para matar milhões de pardais para que estes não comessem os cereais; e teve como resultado uma praga de insetos que levou a uma grande fome que dizimou milhões. Mas esta é uma história de que me lembro de cabeça. Vale o que vale.

O que é interessante é que não hesitamos em dar a nossa comida mas sentimos a maior indignação se formos “roubados”. Há uma ordem que consideramos a correta. Se se consegue dar comida à mão a um animal, há uma sensação de êxtase, mas se uma gaivota furtá a sandes, a sensação é quase de ultraje, refere Helen Macdonald, naturalista da Universidade de Cambridge. “E as relações humanos/gaivotas estão atualmente num ponto de rutura exactamente porque estas deixaram de procurar comida e passaram a exigir-las dos humanos nas zonas turísticas. Tal como há animais bons e animais maus.” O pombo é hoje associado ao mal das grandes metrópoles. Não só foi cunhado de “rato com asas”, como há quem insista em alimentar essas aves. Quem? “Os velhos, os solitários, os marginalizados, os sem-abrigo.” Na Rua Garrett vejo uma pedinte com dois cães aninhados no colo. Um cartão onde pede algo para os alimentar. É quem tem mais “sucesso” do rol de mãos estendidas. Num tempo de pouca empatia para com os humanos, ainda resta o impulso primordial para alimentar os animais. E usá-los para nos salvar. ●

lpnunesxxx@gmail.com



GETTY IMAGES

Deixar o Mundo Melhor



Podcast

Por Francisco Pinto Balsemão

Oça o podcast de Francisco Pinto Balsemão que assinala o início das comemorações dos 50 anos do EXPRESSO. Durante 50 semanas, em contagem decrescente até ao dia do aniversário (6 de janeiro de 2023), o fundador e primeiro diretor do jornal entrevistará 50 personalidades marcantes dos mais diversos setores da sociedade portuguesa.

Simultaneamente, a revista E do Expresso publicará, todas as semanas, alguns dos momentos mais relevantes de cada uma das 50 entrevistas.



Episódios já disponíveis

J.M. Durão Barroso**J. Germano de Sousa****Leonor Beleza****Manuel Alegre****Mariza****António Damásio****J.B. Mota Amaral****Isabel Mota****Isabel Jonet****Joana Carneiro****António Vitorino****Rui Chafes****Tiago Pitta e Cunha****Luís Tinoco****Emílio Rui Vilar****José Tolentino de Mendonça****Maria Manuel Mota****Clara Ferreira Alves****Joana Vasconcelos****Luís Marques Mendes****António Horta Osório****Miguel Albuquerque****Simone de Oliveira****Patrícia Mamona****Marcelo Rebelo de Sousa****Arlindo Oliveira****José Maria Neves****Carlos Monjardino****Manuel Aires Mateus****Ana Pinho****Nuno Maulide****Vasco de Mello****Carlos Pimenta****Artur Santos Silva****Paula Amorim****Daniel Oliveira****Ricardo Costa****Henrique Monteiro****Rita Blanco****Ricardo Araújo Pereira****Fernando Santos****D. Manuel Clemente****Henrique Gouveia e Melo****José Ramos-Horta****José Milhazes****Graça Freitas****António Guterres****António Costa**Disponível em expresso.pt/podcasts/ e todas as plataformas de podcasts

fisga

PLANETÁRIO

NO CAMINHO DAS ESTRELAS



POR
JOÃO
PACHECO

BERLIM

As aventuras de Schliemann

É preciso distinguir entre a realidade e os mitos. Sim, Heinrich Schliemann nasceu na Alemanha, em 1822. E antes dos 40 anos já tinha enriquecido com oportunidades como a Guerra da Crimeia (1853–1856) e a febre do ouro na Califórnia. Quando se reformou dos negócios, aos 36 anos, dedicou-se a viajar e a estudar. Terá chegado a dominar 17 línguas, mas a fama apareceu-lhe quando procurou a Troia cantada por Homero, com poucos escrúpulos e optando por métodos arqueológicos questionáveis, mesmo para os padrões da época. A história desta obsessão com a Grécia Antiga foi

sendo contada pelo próprio em livros e em jornais. Popularizou assim a arqueologia, alimentando mitos que mais tarde dariam boa matéria-prima para personagens de ficção, como o professor de arqueologia Indiana Jones. Agora, as aventuras de Schliemann são o assunto da grande exposição "Schliemann's Welten" [Os Mundos de Schliemann], patente até 8 de janeiro de 2023 em

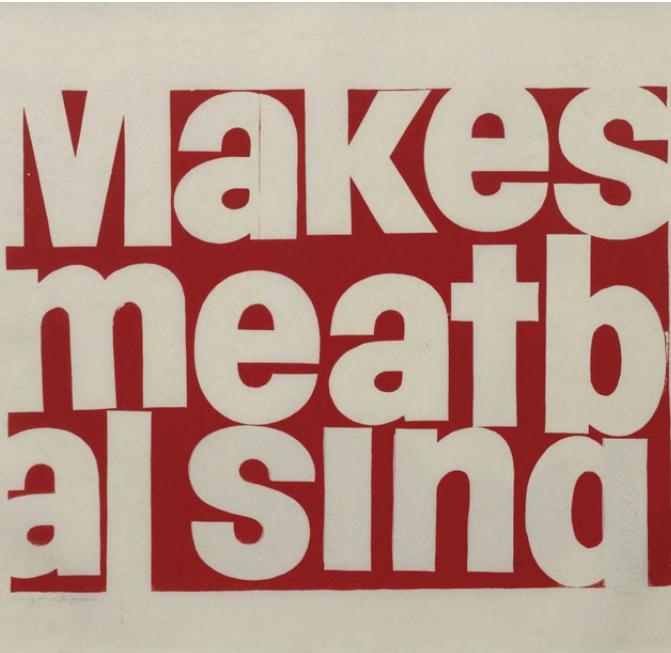
Berlim, na James-Simon-Galerie e no Neues Museum. Com um olhar crítico sobre este aventureiro que marcou o início da arqueologia e com perto de 700 peças vindas de vários museus, mas sem o ouro do chamado tesouro de Príamo, que Schliemann retirou da atual Turquia de forma clandestina, em 1873. A sua vontade de protagonismo facilitou o trabalho às autoridades do Império Otomano, porque Schliemann divulgou o roubo publicando fotografias da mulher (na imagem) coberta de joias do tesouro. Para voltar a poder escavar em território otomano teve de esperar, negociar e devolver uma parte do tesouro. O resto ficou em Berlim, mesmo depois da morte de Schliemann, em 1890. Quando se aproximava a queda de Berlim durante a II Guerra Mundial, o tesouro acabou por ser escondido no jardim zoológico da cidade, para escapar à pilhagem do Exército soviético. Nada feito. Em 1945, o tesouro foi mesmo descoberto e levado em segredo para Moscovo, onde ficou no Pushkin Museum, como foi revelado passados quase 50 anos, já depois do fim da União Soviética. E, segundo o plano inicial desta exposição, o dito tesouro deveria vir agora até Berlim de forma temporária. Impossível, diz a guerra.

ASC/S&A



SISTER CORITA KENT

SISTER CORITA KENT



NIVÂ — SÃO FRANCISCO — LOS ANGELES

Sê feliz sempre que conseguires

Esta é a nona de dez regras que a Irmã Corita escreveu com a participação de alunos: "Sê feliz sempre que conseguires. Diverte-te. Custa menos do que te parece." Outra dessas dez regras é que a única regra é o trabalho, porque se trabalharmos isso levará a algum lado. E são as pessoas que trabalham que as tantas percebem as coisas. Apesar de lembrarem os Dez Mandamentos recebidos de Deus por Moisés, estas Dez Regras feitas para uma escola de artes têm um lado feliz e revolucionário que tem tudo a ver com a obra da freira mais famosa da arte pop. Pelo meio das regras do departamento de artes do Immaculate Heart College há também espaço para mensagens implícitas aplicáveis à sociedade fora da sala de aulas, como na regra em que se fala sobre o valor do

trabalho e sobre a perspicácia de quem trabalha. Antes de abandonar, em 1968, a ordem de freiras católicas Immaculate Heart of Mary, Corita Kent (1918–1986) já tinha ficado famosa como professora e como artista plástica. Nessa altura, a ex-freira tinha 50 anos e continuou a trabalhar como artista e como professora. No ano seguinte, a maior parte das freiras da mesma ordem acompanhava o gesto, acabando a ordem por se desvincular da Igreja, tornando-se uma organização laica. Além do lado libertador, para Corita Kent a arte pop de Andy Warhol foi uma inspiração visual e metodológica, como se pode ver até 15 de janeiro de 2023 na exposição "Somewhat Is Now — Danh Vo Presents Sister Corita" ["Qualquer Dia É Agora — Danh

Vo Apresenta a Irmã Corita"], que está em exposição no Niivaagaards Malerisamling, em Nivå, na Dinamarca. Já em São Francisco, a arte de Corita Kent faz agora parte da exposição "Strikethrough: Typographic Messages of Protest" ["Riscá — Mensagens Tipográficas de Protesto"], patente até 1 de abril no Letterform Archive. E a partir de Los Angeles, o Corita Art Center é a instituição responsável por preservar e divulgar a obra artística e a memória de Corita Kent, uma mulher que pensava fora da caixa e que teve a coragem de ser artista plástica, apesar da condição de freira. Kent estudou artes e tornou-se influente como pedagoga e também como artista numa altura em que no mundo católico o Concílio Vaticano II era uma força de mudança importante. No contexto dos Estados Unidos, a contestação à guerra do Vietname e a luta pelos direitos civis terão contribuído também para tornar a arte de Corita Kent cada vez mais política.

Criava sobretudo serigrafias, demonstrando um fascínio por tipos de letra usados em publicidade e em jornais, reutilizando imagens e aproveitando muitas vezes slogans publicitários que faziam parte do quotidiano de todos. Foi assim que Kent transmitiu mensagens poéticas como nesta obra, "a song about the greatness" (de 1964, na imagem), onde são matéria-prima divina a atitude de fazer almôndegas e o ato de cantar. Já quando foi convidada para criar um selo para os correios, pintou um arco-íris estilizado, com seis cores, a sobrevoar a palavra amor, em inglês. O selo teve tanto sucesso nos Estados Unidos que foram vendidos mais de 700 milhões de exemplares. Numa nova versão que criou depois do lançamento do selo, a artista acrescentou ao arco-íris uma frase que talvez tivesse diminuído o número de selos vendidos, caso fosse essa a versão adotada pelos serviços postais. Passou assim a ler-se "Love is hard work" ["O amor é trabalho duro"]. Por falar em novas camadas e em mudanças e aperfeiçoamento contínuos, falta contar que, depois das Dez Regras escritas com os alunos, Corita Kent acrescentou estas sugestões: "Aparece sempre por cá, vai a tudo. Vai sempre às aulas. Lé tudo aquilo em que conseguires pôr as mãos. Vê os filmes com cuidado, muitas vezes. Guarda tudo, pode vir a dar jeito depois." Deverá haver novas regras na próxima semana. ●

FLASHES



LONDRES

Chamava-se "Sudan", era o último macho de rinoceronte-branco do Norte e morreu há quase cinco anos. Sobram duas fêmeas e o nosso sentimento de culpa coletiva. E sobram também células do coração de outro macho de rinoceronte-branco do Norte, conservadas na esperança de que venha a ser possível recuperar esta subsespécie agora condenada à extinção. E para quê? Esta pergunta é o ponto de partida da instalação "The Lost Rhino" ["O Rinoceronte Perdido"], de Alexandra Daisy Ginsberg, até 19 de março de 2023, no Natural History Museum, em Londres.



LOS ANGELES

Antes de morrer, em 1987, Andy Warhol estava a fazer uma série de obras de arte ligadas à história dos automóveis e a um carro icónico em particular, o Mercedes-Benz. A encomenda ficou incompleta, pertence à Mercedes-Benz Art Collection e é agora exibida na exposição "Andy Warhol: Cars" ["Andy Warhol: Carros"], até 22 de janeiro de 2023, no Petersen Automotive Museum, em Los Angeles.

PARIS

Léopold Sédar Senghor (1906-2001) foi Presidente do Senegal entre 1960 e 1980. Mas esses 20 anos de poder executivo não justificariam uma exposição como a que estará patente em Paris, de 7 de fevereiro a 12 de novembro de 2023, no Musée du Quai Branly — Jacques Chirac. Chama-se "Senghor et les Arts — Réinventer l'universel" ["Senghor e as Artes — Reinventar o Universal"] e tem a ver com a importância de Senghor como poeta e como dinamizador do movimento da negritude.

VIENA

Ídolos e rivais

Antes de se tornar pintor, o norte-americano Charles Willson Peale (1741-1827) fez selas, arranjou relógios e foi ourives. Até que um dia fez um negócio com um pintor de retratos, trocando uma sela por lições de pintura. Mais tarde, na família do pintor, houve várias pessoas a escolher a pintura como forma de subsistência e de arte. Talvez o verbo 'escolher' não seja o mais apropriado, porque logo à nascente seria difícil escapar ao mundo das artes. Os nomes dos filhos de Peale eram indicadores claros da expectativa familiar, que se espalharia pela família alargada. Tanto Rembrandt Peale como Raphaelle Peale haveriam de ser pintores. O irmão Rembrandt seguiu a veia retratista do pai e deixou para a História um retrato famoso de Thomas Jefferson, o terceiro Presidente dos Estados Unidos da América. Já o irmão Raphaelle destacou-se como pintor de naturezas-mortas, embora também tenha criado esta pintura (na imagem), que tem tanto de vivo como de erotismo e de citação.

Chama-se "Venus Rising from the Sea — A Deception" ["Vénus a Sair do Mar — Um Engano"] e faz agora parte



JANISON MILLER / NELSON ATKINS MUSEUM OF ART

da exposição "Ídole & Rival" ["Ídolos e Rivais"], que está em exposição até 8 de janeiro de 2023 em Viena, no Kunsthistorisches Museum Wien. O que estas obras é o facto de terem nascido de situações de rivalidade ou, pelo contrário, em contextos de admiração entre artistas. Com uma escolha que começa na Grécia Antiga e termina no século XIX, entre as 120 obras de pintura e de escultura presentes hão perto de 60 que viajaram de museus internacionais, incluindo criações de Michelangelo, Rubens, Tintoretto e Van Dyck.

PHOTO MATON



ANASTASIA SAMOYLOVA

Este bicho é protagonista de "FloodZone" ["Zona de Cheias"], a exposição da fotógrafa norte-americana Anastasia Samoylova que está patente até amanhã no Guernsey Museum, em Candie, no Reino Unido. A seguir, viajará até à galeria Studio Hannibal, em Berlim, onde estará de 24 de fevereiro a 14 de abril de 2023. Na mesma cidade, Samoylova terá no C/O Berlin a exposição "Florida", de 28 de janeiro a 4 de maio de 2023. Sim, aqui as alterações climáticas são parte do assunto.

CRÓNICA DE UM ANÚNCIO DE UMA MORTE ANUNCIADA, COM MUITO CHORO PARA VOS PROVOCAR PENA

D

Em primeiro lugar, vejamos o que se pretende de uma crónica de humor: é um tipo de escrita que se propõe divertir o leitor, geralmente por piadas, ironia ou absurdo. Para escrever uma crónica de humor, o autor deve ter um bom sentido de humor e conseguir encontrar o lado cómico de qualquer situação. Além disso, é importante que o escritor mantenha o tom apropriado e evite ofender ou ferir os sentimentos dos leitores. Ao escrever uma crónica de humor, o autor deve lembrar-se de manter o equilíbrio entre o divertimento e a precisão das informações fornecidas. Há limites para o humor numa crónica de jornal ou em qualquer outro tipo de escrita. É importante lembrar que o humor deve ser usado de maneira responsável e respeitosa e não deve ser usado para ofender ou ferir os sentimentos de outras pessoas. Além disso, o humor deve ser usado de maneira apropriada no contexto em que se utiliza. Por exemplo, pode não ser apropriado usar um humor muito irreverente ou ofensivo num jornal sério ou numa situação formal. Além disso, é importante lembrar que o sentido de humor é subjetivo e o que é engraçado para uma pessoa pode não o ser para outra. Portanto, é importante estar consciente do público-alvo da crónica e tentar evitar fazer piadas ou usar humor que possa ser ofensivo para essa audiência.

Em resumo, enquanto o humor pode ser um recurso eficaz para tornar uma crónica mais divertida e interessante, é importante usá-lo de maneira responsável e respeitosa e levar em consideração o contexto e o público-alvo.

O período em que uma crónica de humor deve ser publicada depende de vários fatores, como o veículo em que é publicada, o público-alvo e o próprio conteúdo da crónica.

Em geral, as crónicas de humor são publicadas por um período mais curto do que outros tipos de escrita, pois podem perder a eficácia com o tempo.

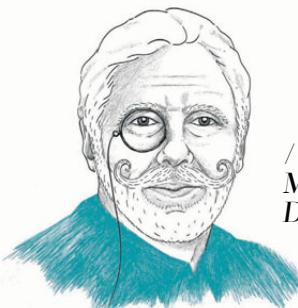
Mas é regra clara que nunca devem ultrapassar os 33 anos, não só por ser uma idade mítica como número cabalístico da plenitude, santidade e trindade. Adão, segundo a mitologia babilónica, teria sido criado com a aparéncia de 33 anos; o número é igualmente o do grau mais alto da Maçonaria escocesa, além de ser considerado esotérico e vibracional. Alexandre "o Grande", como Mitra, Bel, Hórus, Krishna

**HÁ AQUELA VELHA HISTÓRIA DO HOMEM QUE PERGUNTAVA:
“TENS CANETA?” E O OUTRO RESPONDIA: “NÃO, TENHO PENA.”
ERA O QUE SE CHAMAVA CALEMBOUR**

evo, no entanto, anunciar que, muito embora o título seja descaradamente roubado a Gabriel García Márquez, e depois devidamente adaptado, como fazem os bons plagiadores, esta é a sério. Não se trata de chiste, calembour, pilhária ou coisa semelhante. É uma morte pura e dura! Sem dor, tipo anestesia da qual não se acorda.

e Tammuz, morreram aos 33 anos, assim como Jesus foi crucificado com a mesma idade. No geral, as crónicas são publicadas durante menos tempo do que 33 anos. Isso deve-se ao facto de os autores enriquecerem antes disso. Não foi o meu caso; eu precisei de 33 anos de crónica e ainda da ajuda de um lavador de dinheiro profissional para poder considerar-me desafogado (caso o Governo não continue a afogar-nos). Por isso, e com total surpresa dos responsáveis deste e doutros jornais, esta crónica tem uma morte anunciada, como Santiago Nasar, que desfilarou Angela Vicario, desonrando-a e levando-a que o seu marido, o rico Bayardo San Román, a devolvesse à família (mas leiam o livro do García Márquez, que conta isto um poucochinho melhor do que eu). O certo é que para a semana, dia do 50º aniversário do Expresso e do 33º do Comendador Marques de Correia, esta crónica publica-se pela última vez, no meio de uma trágica ocorrência, em que o Comendador cai do alto da sua vistosa idade e vê-se obrigado a arrumar carros, em troca da moedinha, até ser atropelado por um (isto caso o Dr. Balsemão não se condoa e lhe pague um lar de idosos decente).

Em resumo, e para não vos enganar, digo-vos que o texto desde as palavras "Em primeiro lugar, vejamos" até "pois podem perder a eficácia com o tempo" não foi escrito por mim, mas pela Inteligência Artificial criada pelo sr. Musk (estas palavras fazem parte da prestação que tenho de pagar pelo meu Tesla). Daí para a frente tudo foi escrito pela Inteligência Artificial do Comendador, que anda por aqui há 33 anos. Não estão fartos? Eu estou! E direi mesmo mais: não só estou farto deles como desta sociedade em que nada se pode escrever sem ser considerado qualquer coisa que não somos, de todo. Por isso, Bom Ano e até para a semana, em que a morte sai à crónica! ●



/ COMENDADOR
MARQUES
DE CÓRREIA



FELIZ
2023

É BOM VIVERMOS JUNTOS

OBRIGADO POR FAZER DA SIC
O CANAL MAIS VISTO EM PORTUGAL
EM 2022

+E

Entre anjos e homens

REPRESENTAÇÃO
Pormenor do interior
da Igreja de São Roque



Indelével traço da presença e da força divina no mundo terreno, os anjos são como nuvens. São seres incontáveis, imateriais e que, um pouco por toda a Lisboa, espreitam ao virar de cada esquina, contemplando a vida dos homens



TEXTO **ANA SOROMENHO**
FOTOGRAFIAS **NUNO FOX**

D

O frontispício da porta sul do Mosteiro dos Jerónimos, no entrelaçado das figuras esculpidas, um olhar de pedra atravessa-nos no tempo. Vínhamos à procura de um anjo. Tínhamos planeado que nestes dias do Advento iríamos dar atenção aos anjos. Com a ajuda de João Sarmento, padre e curador responsável pela galeria de arte da Brotéria — uma casa de cultura dos Jesuítas Portugueses — estabelecêramos um roteiro que nos fizesse atravessar a cidade ribeirinha à procura de figurações destes seres alados e dos homens que nos pudessem contar as suas histórias. A indicação que tínhamos era a de que a encimar o topo da porta da igreja encontráramos a mais antiga escultura de anjo feita na fachada exterior de um edifício de Lisboa, uma das raras que sobreviveram ao terramoto de 1755. E aqui estamos nós, num dia aguado de luz cinzenta de cabeça apontada para o céu, indiferentes às centenas de turistas e de vendedores de guarda-chuva que se agrupam junto a um dos monumentos mais visitados do país.

Lá está ele. Belo e colossal como um príncipe da Renascença. Numa das mãos segura o escudo de armas do reino, na outra, agora vazia, ficou marcado o lugar da espada. São estes os atributos que simbolizam os anjos custódios protetores dos reinos entre os países de tradição católica. Em Portugal, a festa oficial de devocão ao Anjo Custódio do Reino foi instituída no calendário litúrgico em 1504, por deliberação do rei D. Manuel I, o homem que mandou construir este mosteiro criando um estilo renascentista nacional intitulado Manuelino. Para que a festa do culto se pudesse oficializar, o soberano de Portugal, um dos mais poderosos do seu tempo, teve de pedir ao Papa Leão X que autorizasse a sua realização no terceiro domingo de cada julho. Com o passar dos séculos o culto foi-se perdendo. Até ser novamente reabilitado em pleno século XX, durante o Estado Novo, precisamente dez anos depois de ter terminado a II Guerra Mundial. Passou então a ter entrada e celebração no calendário civil no 10 de junho, decretado dia de Portugal, ainda hoje feriado nacional.

Simbologias e devoções à parte, estas memórias dos inícios ficarão para sempre inscritas nas coisas terrenas.

PENSAMENTOS NA TERRA A OLHAR O CÉU

Indelível traço da presença e força divina no mundo terreno, os anjos são como nuvens. Incontáveis, imateriais. “Segundo os textos bíblicos para cada ser que nasce é-lhe atribuído um anjo. Desde a infância até à morte a vida humana é rodeada pela sua custódia e interação”, informa João, o nosso cicerone jesuíta que também é escultor. “Esta ideia de proteção é tão forte que se mantive mesmo para aqueles que não são crentes.” Perguntamo-lhe se acredita em anjos, e então ele conta: “Há uma expressão muito engraçada, em que se diz quando duas pessoas repetem em simultâneo a mesma palavra ou quando subitamente se instala um silêncio: ‘Passou um anjo.’ São momentos como estes que nos fazem sentir uma intensidade de espiritual de outro calibre. Esta presença pode ser continua mas só por vezes tomamos consciência dela.” Continua, João, que estudou Filosofia e Teologia em Roma e em Madrid: “Nas escolas de teologia, onde se estudava angiologia, as matérias sobre anjos e demônios ocuparam a doutrina durante muito tempo. No último século o pensamento filosófico e teológico teve muito medo de não ter explicações demasiado acabadas para estes assuntos e alguns teólogos contemporâneos consideram-nos uns entes um pouco mitológicos. Defendem que nos devemos concentrar no que importa, que é a Santíssima Trindade. Esta é uma herança de um pensamento racional e científico e faz todo o sentido na medida em que a teologia se tornou mais limpa e mais direta. Mas, nessa tentativa de desmitificar a teologia e de retirar o mito, perderam-se muitas camadas que nos ligam a outros mundos espirituais, e que estão também ligadas à beleza e a lugares não tão explicáveis. Dentro do pensamento contemporâneo, creio que a arte foi um dos lugares que se permitiram ficar

TRAGÉDIA

No Museu Nacional de Arte Antiga está um quadro de João Glama Ströberle, o pintor lisboeta com origem na Boémia que assistiu ao terramoto de 1755 e nele perdeu a sua mulher. Os anjos pairam sobre a destruição



no pensamento livre e no mistério. Neste sentido, os anjos continuam a ser a mais perene relação dos homens com a divindade e a sua representação, mesmo na contemporaneidade, permanece para além da iconoclastia e das crenças.”

MULHERES E ANJOS

Não sabemos se Paula Rego acreditava nos anjos. Sabemos, sim, que ao longo do seu percurso artístico lhes deu bastante atenção. Em 1998, por exemplo, realizou uma obra, precisamente intitulada “O Anjo”, que hoje pertence à coleção da Fundação Calouste Gulbenkian. Sobre este ser protetor, representado num corpo sem asas de uma mulher poderosíssima que segura em cada mão a espada e a esponja, instrumentos simbólicos da Paixão de Cristo, a artista revelou que se tratava de um trabalho que gostaria de levar para a sua última viagem. Não foi o único anjo a ocupar cenários interiores e emocionais de Paula Rego. Em 2002, numa viagem a oficial a Londres, Jorge Sampaio, então Presidente da República, convidiu-a para realizar uma obra para a capela desacralizada do Palácio de Belém, composta por oito pinturas referentes ao “Círculo de vida da Virgem Maria”. É para as ver que atravessamos Belém, pouco tempo depois de deixarmos o Anjo Custódio a pairar sobre os céus do mosteiro.



Se os anjos não têm sexo — embora ao longo dos séculos fossem sendo representados através de figurações andróginas muito mais próximas de corpos masculinos — no universo da mais internacional artista portuguesa, eles adquiriram asas nos corpos pesados de mulheres poderosas e com os pés bem assentes no chão. Revela Jorge Iácio, conservador do Museu da Presidência que nos acompanha na visita. “Paula Rego nunca tinha feito pintura de cariz religioso e ficou bastante afflita com encomenda. Mas, à medida que foi fazendo os estudos cujos desenhos também pertencem à nossa coleção, foi-se entusiasmado e no final apresentou um trabalho muito particular sobre esta temática.” Apropriando-se das temáticas bíblicas referentes à vida de Maria, a artista projetou momentos da sua história íntima — o nascimento, o aborto, a fuga para Londres. A obra causou polémica. Na cena da Natividade, por exemplo, a mais controversa das oito pinturas, o que vemos é um verdadeiro parto de uma mulher muito humana. “Para muitos cren tes foi chocante ver a virgem assim exposta a dar à luz. Ainda hoje há pessoas que tapam os olhos e recusam-se a entrar na capela”, revela o conservador. “A mim não choça absolutamente nada”, reforça João Sarmento. “Apesar de não ser a representação tradicional, é o anjo que ampara o corpo de Maria, como se fosse a parteira. Mas na aura das

asas também se revela a sua dimensão espiritual e na força da composição sublinha-se a humanidade de Cristo.”

VOANDO NA HISTÓRIA

Na etimologia da palavra grega e latina, “ánge los” significa “mensageiro”. Mediadores entre o céu e a terra, são eles os mensageiros protetores da palavra de Deus, os únicos entre todos os seres das religiões do livro, que desde o início do verbo transitam livremente entre o sagrado e o profano. Logo no século IV d.C. foram definidos como uma espécie de exército celeste por Pseudo-Dionísio, o Areopagita, o primeiro exegeta bíblico a classificar os vários coros de anjos em três triades distintas. A primeira, a mais próxima de Deus, a que partilha da essência divina, é composta por serafins, querubins e trons. Seguem-se as dominações, as virtudes e as potestades. Finalmente, os principados, os arcangéis, e os anjos. Entre todos, só os arcangels têm nome e funções definidas — Miguel, vestido de soldado é o protetor máximo da Igreja; Gabriel protagoniza o momento da Anunciação a Maria; Rafael simboliza a cura divina. Se os homens são feitos à imagem de Deus, como se pode representar o que não se vê e que é pura matéria espiritual? Esta questão ocupou o pensamento cristão até ao século VIII, até ser determinado no Concílio de Niceia que o culto

**Numa das mãos segura o escudo de armas do reino, na outra, agora vazia, ficou marcado o lugar da espada.
São estes os atributos que simbolizam os anjos custódios protetores dos reinos entre os países de tradição católica**



ROTEIRO 1 Detalhe do interior da Igreja de São Roque 2 Ao sair da Graça, à entrada do primeiro bairro operário da capital, num grande painel de azulejos, dois anjos seguram uma filactera com a data de inauguração do Bairro Estrela D'Ouro, 1908 3 Fachada do Mosteiro dos Jerónimos, onde se encontra a mais antiga escultura de anjo feita na fachada exterior de um edifício de Lisboa 4 O acervo do Museu Nacional de Arte Antiga permite perceber como ao longo de séculos, no mundo da arte, os anjos foram adquirindo tónicas e feições distintas



das imagens fosse restaurado contra a corrente iconoclasta de então, fazendo dos interiores das igrejas verdadeiros lugares de propaganda da fé cristã.

Recorremos ao acervo do Museu Nacional de Arte Antiga (MNA), para visualizarmos como, ao longo de séculos no mundo da arte, os anjos foram adquirindo tónicas e feições muito distintas, refletindo e traduzindo as mentalidades das várias épocas.

Tal como os anjos, que não têm o mesmo tempo cronológico que regula a vida dos homens, também nós transitamos aleatoriamente entre salas, para observar como toda esta hierarquia celeste foi ganhando forma. Olhamos para a belíssima "A Coroação da Virgem", de Domingos Sequeira, realizada em cerca de 1830, onde uma nuvem de anjos, serafins e querubins é pintada num turbilhão que contorna um luminoso arco-íris e onde as figuras da trindade presidem em forma de luz. É preciso pôr o nosso olhar muito próximo da pintura para conseguirmos distinguir nas pinceladas sépias do mais metafísico artista português do pré-romantismo, as minúsculas cabeças dos querubins e quase sentir a aragem do bater de asas destes seres que compõem o reino de Deus. Foram precisos muitos séculos para que a representação em torno do divino se pudesse libertar dos cânone e apresentar-se tão imaterial como são os anjos ou como é a espiritualidade.

Recuando ao início do século XV vislumbramos numa pequena tábua de Álvaro Pires de Évora, a mais antiga figuração em pintura de um anjo que se encontra neste museu, cujas asas vermelhas e douradas do arcão Gabriel apontando o céu descem brevemente à terra a anunciar a Maria que irá gerar o filho de Deus. Muitas outras anuniações povoaam as salas. Mas é a composta por Frei Carlos que prende a nossa atenção, pois foi este frade de origem flamenga e uma das maiores figuras da pintura retabular peninsular do início do século XVI quem criou a mais espantosa figura do mesmo arcão da anuncação que se conhece em toda a pintura portuguesa.

Desde os primitivos cristãos até meados do século XVI, as narrativas bíblicas — que na verdade são os únicos temas que durante vários séculos ocuparam a história de arte oriental — são ainda muito delineadas para melhor cumprirem a sua função doutrinal. Cada arcão transporta na tela o atributo que o identifica. Gabriel é acompanhado dos lirios que simbolizam a pureza da virgem; Rafael, o arcão da cura física e espiritual, traz consigo um bordão, um frasco de antídoto e um peixe; Miguel tem a espada e a balança. É ele quem defende a porta do paraíso e faz a triagem das almas no dia do juízo final, tal como vemos no "Julgamento das Almas", do Mestre de 1549. É a espada do arcão Miguel, verdadeiro guerreiro do céu, que garante a separação entre o bem e o mal. As forças malignas são remetidas para o fundo das composições, como aparecem no "Inferno" de um autor anônimo de cerca de 1520, onde uma figura de asas de morcego presido à cerimónia dos suplicios de cada um

dos vícios humanos. As asas deste morcego são de um seguidor de Lúcifer, o primeiro anjo caído a ser expulso do paraíso por cobiçar o poder de Deus.

A propósito de anjos caídos, lembramo-nos de um inusitado momento, quando, em 2016, um turista para se fotografar numa selfie junto a uma monumental escultura do Arcanjo Miguel, e uma das obras icónicas deste museu produzida no final do barroco, aproximou-se de tal forma que o derrubou, espalhando-o em mil bocados pelo chão. Este acontecimento desastroso que teve direito a abertura de notícias em vários telediários do mundo, revelou-se profícuo. Como nos explicou Maria João Vilhena, conservadora responsável pela coleção de escultura do MNAA, "acabou por ter de ser estudado a fundo e revelar coisas que jamais se saberiam se não tivesse de ser totalmente restaurado". Coisas como a sua identidade artística e a maneira como foi executado por Nicolau Pinto, escultor e mestre de Machado de Castro, com oficina na Calçada de Santo André, o lugar em Lisboa onde se executavam estátuas de anjos e trabalhavam os escultores de maior qualidade da capital.

Na mesma sala, somos cercados por uma imensa pléiade de esculturas de anjos. Devem-se à mão de Joaquim José de Barros, conhecido como "o Laborão", o homem que mais presépios produziu em Portugal, a maioria deles injustamente atribuídos a Machado de Castro. Consta que Laborão tinha particular prazer em modelar anjos. Também Giambattista Tiepolo, o veneziano oitocentista que revestiu os tetos de muitos palácios em céus rosa e azuis celestes, tinha um visível prazer pintar estes seres imateriais. Numa pequena e preciosa tela, o único registo que sobreviveu ao destruído palácio Archinto de Milão bombardeado e destruído no Segundo Guerra Mundial, e que hoje pertence ao acervo do museu, representou o "Triunfo das Artes", através das figuras alegóricas de pintura, da escultura e da música, onde anjos transportam elementos identificadores de cada uma das artes. Violinos, compassos, pincéis, esquadros... Tudo serve para o programa iconográfico de um contexto pagão da mitologia clássica. Agora já não são os anjos tradicionais cristãos que ocupam as telas dos artistas mas sim génios de tradição greco-romana. Ao perderem a ligação à tradição religiosa, os anjos, então dessacralizados, continuaram com feição laica a ocupar o espaço público, transformando-se em aladas representações vitoriosas como aconteceu na Revolução Francesa e na República. Este programa estendeu-se até aos nossos dias.

Luz e sombra entre São Roque e o Rato

"A partir do XVI, na Idade Moderna, os anjos definitivamente estão sempre presentes participando triunfalmente em todas as narrativas. Isto acontecia para combater o ascetismo reformista dos teólogos do norte da Europa que se insurgiram contra o excesso em que se tinha tornado a Igreja de Roma na sua exuberância imagética no interior das igrejas e

Mediadores entre o céu e a terra, são eles os mensageiros protetores da palavra de Deus, os únicos entre todos os seres das religiões do livro, que desde o início do verbo transitam livremente entre o sagrado e o profano

Ao perderem a ligação à tradição religiosa, os anjos, então dessacralizados, continuaram com feição laica a ocupar o espaço público, transformando-se em aladas representações vitoriosas

onde as procissões públicas se transformavam em espetáculos quase círcenses”, conta João Sarmiento. Todo este ambiente de festa apontava o pecado, o contrário do que a igreja deviria ser na perspectiva protestante. A este movimento da Reforma o Vaticano reagiu, acentuando a importância das imagens na catequese dos crentes. Nunca como neste período as igrejas se tinham visto com tamanha profusão de esculturas de santos sustentadas por riachos de retábulos de talha dourada.

No interior da Igreja de São Roque, a casa-mãe da Companhia de Jesus, verdadeiro exército de Roma católica para impor os designios do Concílio de Trento, deparamo-nos com uma quantidade infinitável de retábulos, quase como se fossem um museu de retabulística nacional. Na capela da Virgem de Nossa Senhora da Piedade, anjos com cara de crianças travessas, com e sem asas, enrolam-se nas colunas salomónicas espreitando por entre cachos de uvas, as fénix e as folhas de acanto, como se estivessem a fazer disparates. É uma autêntica festa que simultaneamente exalta a eucaristia e a consequente promessa da vida eterna. Mesmo em frente, a Capela de São João Batista – a encomenda de D. João V aos arquitetos romanos Luigi Vanvitelli e Nicola Salvi, em 1740, para celebrar o santo do seu nome – exibe uma profusão de imagens feitas como pinturas em minúsculos mosaicos das mais ricas pedras semipreciosas; lápis-lazúli, ágata verde antigo, alabastro, ametista e jade, compõem o projeto dedicado ao batismo de Cristo. Mas o que mais surprende é a alvura dos anjos de mármore branco de Carrara. Uns adoram o símbolo da Santíssima Trindade, outros amparam as armas do reino de Portugal, enquanto cabeças de querubins elevam o teto. “O barroco é um estilo muito sensorial, uma coisa festiva, para demonstrar que a fé tem de ser dinâmica e o elemento iconográfico, que dá movimento e teatralidade, é altamente explorado. Foi este o ambiente de representação da fé no esplendor do barroco, cujo encantamento e assombro foram instrumentos fundamentais para o movimento contrarreformista,” informa João.

Abandonamos o peso e a ofuscação da talha dourada para ir ao encontro da leveza da luz. Atravesando São Pedro de Alcântara e a Rua da Escola Politécnica, entramos na Capela do Rato, onde no último dia do ano de 1972, o grupo dos católicos progressistas organizou uma vigília contra a Guerra Colonial e o regime do Estado Novo. Detrás do altar um vulto alado atravessa a vidraça da janela iluminando a sombra. É uma obra da artista madeirense Lourdes Castro. O “Anjo de Berlim”, assim se chama, foi feito com Manuel Zimbro, companheiro da artista, no Natal de 1978, naquela cidade, onde viviam então. Foi a partir da sombra do seu corpo que a artista criou um dos mais belos anjos da contemporaneidade.

DE BERLIM À MOURARIA

Também Wim Wenders não resistiu ao poder dos anjos. No seu filme “Asas do Desejo”, realizado em

1987, Daniel e Cassiel, os únicos que podem atravessar livremente o Muro de Berlim, descem das estátuas douradas para se encostarem aos homens, osculando as suas inquietações e mágoas para lhes emitirem sinais invisíveis de esperança.

Sugestionados pelo realizador alemão, deambulamos por vielas entre Arroios e o Intendente, tentando encontrar o olhar do anjo. Do interior de uma cave surge um som de forró. Espreitamos a janela onde, lá em baixo, os pares dançam sem suspeitar que estão a ser observados. Em redor da Igreja do Bairro dos Anjos, um grupo de semi-abrigos recolhe-se dentro de tendas. Logo em frente, num dos centros da Misericórdia, distribui-se sopas e aconselhamento. Passamos por uma loja onde se vendem cestos de cores intensas laboriosamente trabalhados por um artesão da Guiné-Bissau. Na Rua Maria, homens com lenços cor de rosa e açafarrão entram no templo indiano da comunidade Ravidassia Portugal e prostram-se no chão. À Rua do Benfornoso, chamam-lhe agora a *banglatown*. Num inquérito publicado pela Junta de Freguesia de Arroios, consta que há mais de 70 nacionalidades diferentes de gente que partilha estas ruas. “Cada um tem o seu anjo espiritual que se pode materializar num vizinho, num pequeno gesto de solidariedade. As pessoas podem ser anjos umas das outras,” observa o nosso companheiro do caminho.

A FORÇA DO PASSADO

“Não passa por nós um sopro daquele ar que envolveu os que vieram antes de nós? Não é a voz a que damos ouvido um eco de outras já silenciadas?”, perguntava o filósofo judeu Walter Benjamin, no seu texto “o Anjo da História”. O sopro do tempo ficou gravado nestas artérias que acabáramos de atravessar como um aceno permanente de partidas e regressos. Historicamente sempre foi uma das zonas de acolhimento dos mais desfavorecidos das franjas da sociedade. Em 1147, logo no tempo da reconquista cristã, após a tomada de Lisboa, foi para esta vertente mais sombria da colina do Castelo, que foram empurradas as comunidades muçulmanas e judaicas que habitavam em Alfama, a face virada ao sol da mesma colina. É no meio da Mouraria que encontramos o largo das Olarias, a zona mais antiga de produção cerâmica da cidade, onde estavam radicados os oleiros islâmicos que traziam o conhecimento ancestral das técnicas e do fazer do barro. Segundo Alexandre Pais, diretor do Museu do Azulejo: “Uma das razões que levaram estas comunidades a fixarem-se aqui foi a qualidade do barro destas terras, onde corre submerso até ao Campo Grande um grande veio de terra boa. Os oleiros subiam à colina da Graça, para extraírem o barro para a olaria. A quantidade era tanta que provocavam a derrocada dos edifícios lá no topo e, a certa altura, saiu uma lei ameaçando com prisão aqueles que explorassem esta barreira.” Trepamo-la pelo caracol da Graça, a escada que nos leva até ao miradouro e nestes

Se os anjos nos protegem, também se enchem de fúria. Numa grande tela que se guarda no Museu Nacional de Arte Antiga há uma pintura carregada de céus negros onde anjos furiosos e de espadas de fogo em riste, investem contra Lisboa

patamares vamos encontrando as plataformas sedimentadas pela exploração das olarias.

Perto da Calçada do Menino de Deus, na Rua dos Cegos, Alexandre Pais chama a nossa atenção para um pequeno azulejo, provavelmente o registo cerâmico mais antigo numa fachada de um edifício em Lisboa, onde se expõe uma custódia ladeada de anjos azul e amarela. “Há um sabor oriental na representação destes anjos e das nuvens. Seguem um padrão indiano nos corpos dos anjos e de desenho e chinês na forma das nuvens que nos indica que foram executados pelos oleiros da mouraria.”

Ao sair da Graça, tropeçamos na entrada do primeiro bairro operário da capital, onde noutro grande painel de azulejos, dois anjos seguram uma filacteria, com a data de inauguração do Bairro Estrella D’Ouro, 1908, mandado erigir por Agapito Serra Fernandes, industrial de confeitearia de origem galega, onde ele próprio tinha a sua casa familiar. “A nossa memória está marcada por estes anjos decorativos e ornamentais, muito usados na iconografia romântica do século XIX e que nada têm de religioso. basta lembrar os postais e as capas dos folhetins da época, cheias de anjinhos sorrientes de caracóis e cabelos claros”, revela o especialista. Indagamos sobre a razão do regresso desta profusão de iconografia angelical e Alexandre Pais descreve um cenário de Charles Dickens: “Estamos em pleno período industrial, é preciso imaginar as zonas operárias da cidade do século XIX. Escuras, cheias de carvão e de fuligem, onde as pessoas vivem em condições miseráveis e as crianças trabalhavam e morriam aos milhares. Cada vez mais, há um maior afastamento de Deus e da humanidade. É no contexto daquela desgraça toda que renasce esta ideia do anjo da guarda.” Reforça o padre jesuíta. “Nestas imagens de anjinhos com rostos de crianças, existe uma relação muito forte com a morte infantil. Um bebé que vira anjo pode ser uma ideia que consola.” Ouven-se as sirenes de uma ambulância e na ruia estreita um elétrico passa.

PARA LÁ DO TEMPO

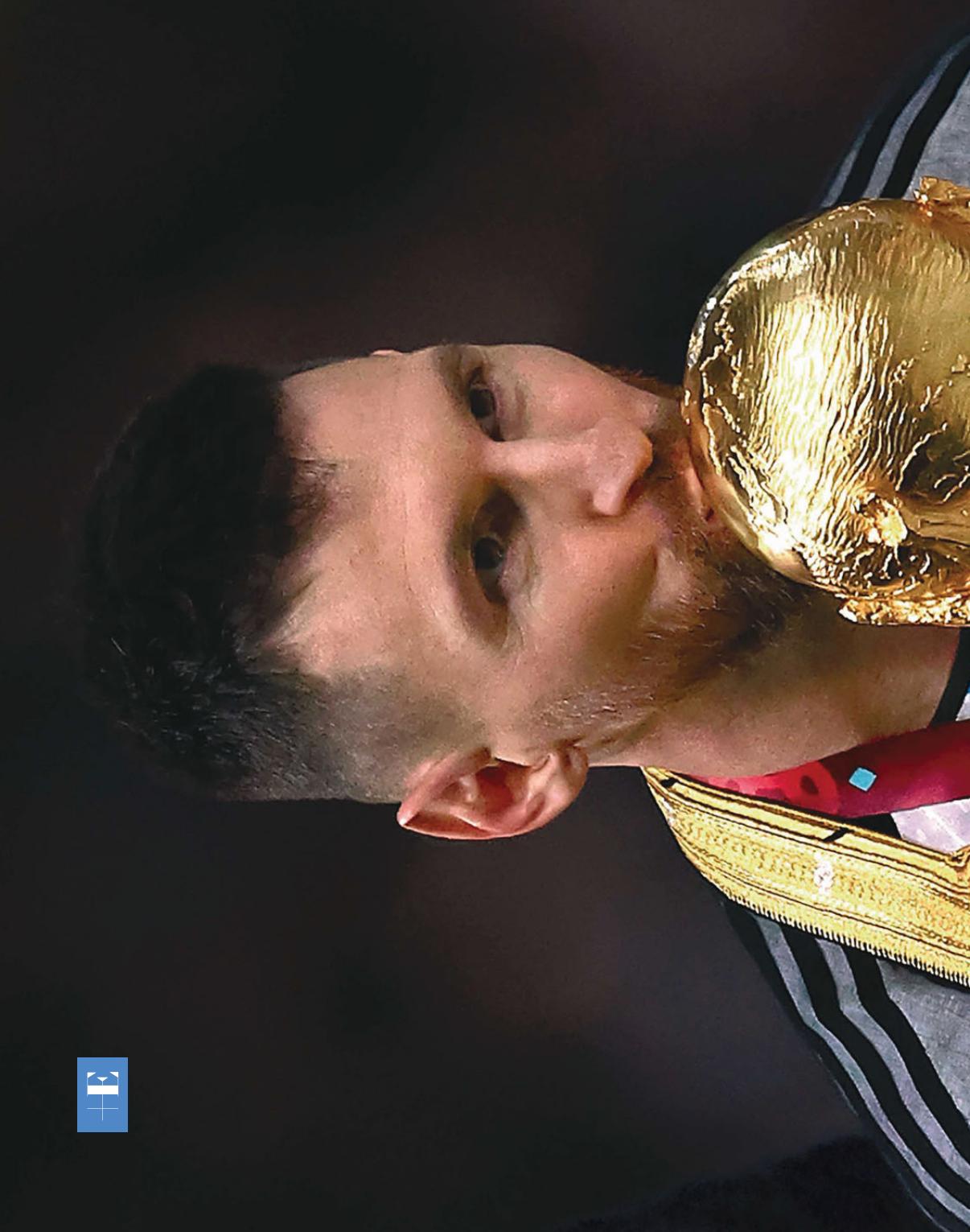
Se os anjos nos protegem, também se enchem de fúria. Numa grande tela que se guarda no Museu Nacional de Arte Antiga há uma pintura carregada de céus negros onde anjos furiosos e de espadas de fogo em riste, investem contra a cidade de Lisboa e os seus pecaminosos habitantes. A imagem é de João Glama Ströberle, o pintor lisboeta de origem da Boémia que assistiu ao terramoto de 1755 e nele perdeu a sua mulher. Atormentado pela visão das pedras a esmagarem os homens e do fogo a engolir as ruas, Glama Ströberle fez um registo vívido daquela que foi considerada por toda a Europa de então, a maior tragédia do século XVIII.

Esta calamidade suscitou as mais profundas questões filosóficas e teológicas da época. Sobre ela, Kant escreveu um tratado e Voltaire, interrogou: “Será que Lisboa tinha mais vício que Londres ou que Paris, mergulhadas em delícias?” A

grande perplexidade dos pensadores era compreender como é que uma cidade tão católica tinha sido alvo de ira divina no dia 1 de novembro, véspera de finados e Dia de Todos os Santos, na hora em que toda a gente estava em devocão dentro das igrejas acendendo as velas que iriam aticar o grande incêndio que se seguiu ao tremor de terra? “Se Deus é providente e infinitamente bom como pode castigar os católicos precisamente naquele dia? Como se resolve o mistério do mal? E se não é castigo divino então o que é? Este dilema o foi pontapé de saída para o racionalismo iluminista”, reflete João Sarmento.

A caminho do Mosteiro da Madre de Deus, onde hoje está instalado o Museu do Azulejo, vamos conversando sobre anjos e demónios e regressamos ao “Anjo da História”, de Walter Benjamin, o filósofo alemão que, em fuga da perseguição nazi durante a II Guerra Mundial, acabou por se suicidar nos Pirenéus espanhóis antes de chegar a Lisboa para atravessar o Atlântico em direção aos Estados Unidos da América. “O anjo de Benjamin é uma metáfora para o conceito de História, que está sempre em permanente ruína e progresso. Do inicio até o fim, o anjo tudo acompanha e tudo consegue ver”, reflete o padre João.

Entramos na sala onde está exposto o grande painel de azulejos de uma extensa vista de Lisboa, elaborada no início do século “das luzes”, 50 anos antes do terramoto. Construído para ser colocado como lambrim para ocupar uma das salas do palácio dos condes de Tentugal na colina do Castelo, foi executada como se fosse uma vista aérea e ocupa 22 metros de área. “Quando as pessoas entravam na sala, tinham de rodar sobre si mesmas para conseguirem ver toda a cidade. Por isso costumava dizer que este painel é o olhar de Deus”, conta Alexandre, o diretor. Percorremos o desenho deste assombroso mapa, tentando reconhecer os lugares por onde tínhamos passado. Em Xabregas, arrabalde oriental de Lisboa, o Convento de São Francisco é hoje o Teatro Ibérico. Do Convento de São Vicente de Fora desapareceu a cúpula, tal como a torre do cruzeiro da Sé. Junto ao rio, percebe-se por esta vista o quão radical foi a destruição em toda a zona da Baixa. Da Igreja da Misericórdia, do Paço Real, com o seu impudente torreão, assim como da torre da patriarchal e o palácio Corte Real, já nada existe. No alto de Santa Catarina ainda se vê a antiga igreja da santa padroeira dos livreiros. Mais adiante, no Convento da Esperança com o seu largo fronteiro, passa hoje a Avenida D. Carlos. Ao longo do percurso a cidade vai perdendo malha urbana até ser só campo e chegarmos a Belém onde domina o Mosteiro dos Jerónimos. Terminamos esta visita virtual da Lisboa de há 300 anos, com a sensação de termos voado nas asas dos anjos. No seu encalce, brevemente, atravessáramos a perene fissura do tempo. ●



Um deus passeando pela brisa do fim da tarde

No Mundial do Catar ficou definitivamente resolvida a questão de quem é o melhor futebolista do nosso tempo

TEXTO
BRUNO VIEIRA AMARAL
ESCRITOR



L

ep Guardiola, 2011: "É impossível descrever este gênio. É um dos melhores de sempre." Pep Guardiola, 2022: "Cada um terá a sua opinião, mas não tenho dúvida de que Messi é o melhor de todos." Jamie Carragher, comentador e antigo internacional inglês, na semana passada: "Melhores de sempre: 1 – Messi. 2 – Maradona. 3 – Pelé. 4 – Cristiano. 5 – Zidane." Quando as luzes do estádio Lusail, no Catar, se apagaram, quando Messi se mostrou a dormir abraçado ao troféu de campeão do mundo que lhe fugiu há 16 anos, as listas de melhores jogadores da história do futebol sofreram uma alteração significativa: o pequeno capitão argentino passou a ser o primeiro em muitas delas.

Até ao dia 18 de dezembro, muitos adeptos perguntavam-se legitimamente: "Como é que um jogador que nunca foi campeão do mundo pode ser considerado o melhor da história?" Porém, bastou um remate certo de Gonzalo Montiel para que o derradeiro obstáculo fosse removido – 26 jogos depois, ao fim de cinco torneios, Messi conquistava finalmente o troféu com que tanto tinha sonhado e que o punha definitivamente numa galeria de imortais, como Pelé, Beckenbauer, Ronaldo e o seu compatriota Diego Armando Maradona.

As imagens de Messi a ser carregado em ombros pelo estádio enquanto erguia a taça evocaram a tarefa mexicana em que "El Pibe" levantou o mesmo troféu perante o povo em delírio. Mas se a história dos dois homens tem semelhanças óbvias, também tem muitas diferenças. O Campeonato do Mundo de 1986 foi a apoteose de um jogador no auge da carreira. O triunfo tardio de Messi foi recebido com mais alívio do que euforia. A história de Messi como campeão do mundo é diferente da de todos os outros aspirantes ao trono de melhor de sempre. Pelé ganhou o primeiro campeonato aos 17 anos, Ronaldo e Maradona aos 25, Zidane aos 26. Messi teve

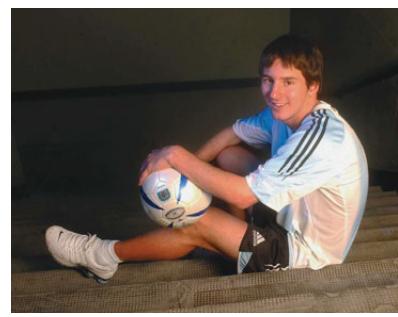
atravessar um deserto de lágrimas e dúvidas, desconfiança, desilusão e desistência. Não é a história do gênio precoce que triunfa à primeira nem dos talentos em plena maturidade que brilham no momento perfeito. É uma história longa de um gênio que teve de chegar à terceira idade futebolística para saborear o triunfo mais sublime.

Lionel Messi jogou os primeiros minutos na equipa principal do Futebol Club Barcelona a 16 de novembro de 2003, no Porto, na inauguração do Estádio do Dragão. Era uma segunda equipa do Barcelona, capitaneada por Luis Enrique, e Messi, com apenas 16 anos, estreou-se aos 74 minutos, quando entrou para o lugar de Fernando Navarro. Dada a nacionalidade e o percurso do jogador nas camadas jovens do Barcelona, as comparações com Maradona eram habituais, embora a chegada dos dois à cidadela condal só tivesse um elemento em comum. Em 2000, Messi chegou a Barcelona acompanhado pelo pai, Jorge, e pelo assessor do clube para as contratações, José María Minguella, o mesmo que 18 anos antes tinha conduzido as negociações para a contratação de Maradona.

A 4 de junho de 1982, Maradona, então com 21 anos, que já se tinha destacado no Mundial sub-18 de 1979 e era a estrela do Boca Juniors, assinou contrato com o clube catalão, duas semanas antes do início do Campeonato do Mundo realizado em Espanha: "Venho com muita alegria e para dar o maior número de títulos ao Barcelona, o maior clube do mundo", disse aos jornalistas na conferência de imprensa. Nos dois anos que esteve na Catalunha, quase nada correu bem ao número 10. A começar pelo Mundial, o primeiro que disputou. A Argentina, campeã em título, foi eliminada na segunda fase de grupos com duas derrotas, contra Itália e Brasil. Maradona, que marcou dois golos no campeonato, despediu-se da competição com um cartão vermelho – o único que viu pela seleção – por uma falta ríspida sobre o médio brasileiro Batista. No Barcelona, esteve afastado dos relvados durante meses por causa de uma hepatite. As ocasiões mais lembradas com a camisola blaugrana foram uma lesão após uma entrada criminosa de Goikoetxea e uma confusão com voos de kung-fu e pancadaria de saloon num Barcelona-Athletic Bilbao. Nos anos 80, o futebol era um desporto diferente, misto de arte e *full contact*, em que a *furia* não era um estado de espírito mas um conjunto de práticas e marcações homem a homem que, em comparação com o futebol atual, parecem confrontos entre homínideos do "2001 – Odisseia no Espaço". Maradona saiu de Espanha com um grande ponto de interrogação sobre si, mas mesmo assim com a aura de gênio que levou o Nápoles a bater o recorde de transferências que o Barceloma já batera quando o contratara ao Boca Juniors.

ASSINAR NUM GUARDANAPO

As circunstâncias da chegada de Messi ao Barcelona, no ano 2000, não podiam ser mais diferentes. Leo era um adolescente de 13 anos, franzino e com um problema hormonal que exigia tratamentos caros que a família não podia pagar. Jorge acreditava no talento do filho. Quem o quisesse teria de pagar os tratamentos, além de dar emprego a ele próprio. O Barcelona, a atravessar uma fase complicada, na ressaca da saída de Luis Figo, acabou por aceitar as condições, embora não houvesse consenso na direção do clube. Se pudessem prever o futuro, teriam





É uma história longa de um génio que teve de chegar à terceira idade futebolística para saborear o triunfo mais sublime

assinado logo. Como não tinham esse dom, tiveram de confiar no instinto de Carles Rexach, antigo jogador e treinador do clube, que ficou impressionado com o que viu: “Qualquer um teria ficado”, disse Rexach. A pressão de Jorge Messi, antigo gerente de fábrica que se dedicou à gestão da carreira do filho, era tanta que o acordo foi assinado num guardanapo. Ao contrário do que aconteceu com Maradona, não houve conferência de imprensa nem declarações ambiciosas. Messi, tímido e diminuto, mal falava. No balneário, com os companheiros da mesma idade, entre os quais Gerard Piqué, deram-lhe a alcunha de “Mudo”. Quando o viram jogar, foram eles que se calaram.

ARISS MESSINI/AFLO/GETTY IMAGES

CARREIRA Aos 18 anos, acabado de assinar contrato com o Barcelona, o jovem Messi disputa a bola com um jogador espanhol durante a partida dos quartos de final do Mundial de sub-21, disputada a 25 de junho de 2005, nos Países Baixos (em cima); Leo Messi alguns dias antes de ingressar na Barcelona e após o terceiro gol da Argentina no jogo da final do Mundial do Catar (à esq.); Messi na conferência de imprensa em que anunciou o adeus a Barcelona, em 2021, aos 34 anos, após 788 jogos e seis Bolas de Ouro (em baixo)



PAU BARRENA/AFLO/GETTY IMAGES

La Masia, o centro de treinos do Barça, foi o ambiente ideal para Messi desenvolver o seu talento. Desde cedo, os mais jovens começavam a beber a doutrina da posse de bola, do sistema tático e das triangulações que tinham transformado o clube dos eternos segundones numa potência europeia que aliviava as vitórias ao estilo. O Dream Team comandado pelo lendado clube Johann Cruyff conquistou a primeira Liga dos Campeões em 1992 e estabeleceu um padrão de qualidade elevadíssimo para quem viesse a seguir. Os nomes que vestiram a camisola do clube a partir daí – no Real Madrid seriam chamados “galácticos” – também impressionavam: Laudrup, Stoichkov, Romário, Ronaldo, Figo, Rivaldo. Nessa altura, os jogadores da formação, como um tal Josep “Pep” Guardiola, mantinham a identidade ligada às raízes, futebolísticas e culturais, mas eram atores secundários. Na estreia de Messi em jogos oficiais pelo Barcelona, na época de 2004/05, a equipa dividia-se entre dois grupos: Ronaldinho, Deco e Samuel Eto'o de um lado, Puyol, Xavi e Iniesta do outro. Com outro holandês no banco, Frank Rijkaard, o clube recuperou o título nacional que lhe fugiu há seis anos e, na temporada seguinte, ganhou pela segunda vez a Liga dos Campeões.

A participação de Messi nesses títulos foi discreta, mas em 2006 o seu talento desabrochou. Embora o clube só tenha conquistado a Supertaça de Espanha, Messi afirmou-se com 17 golos em 35 jogos, incluindo um hat-trick contra o Real Madrid e um golo marcado numa noite esquecível de abril que convenceu todos os que o viram que tinha nascido o novo Maradona. Na Argentina, a sucessão de Maradona como “dez” da albiceleste e ídolo do povo era uma



ETERNO O xeque Tamim bin Hamad Al Thani, emir do Catar, entrega o bisht a Lionel Messi após a vitória da Argentina na final do Mundial

ZHIZHAO WU / GETTY IMAGES

novela interminável, uma armadilha que triturava jogadores com a qualidade de Ariel Ortega e Juan Román Riquelme, aos quais se pedira, talvez injustamente, que estivessem à altura de um deus quando eram “apenas” grandes futebolistas. De certa forma, foram vergados pelo peso dessa herança. Nenhum deles — nem outros como Aimar, Claudio López, Batistuta, Redondo, Savioila — chegou sequer a uma final do Mundial. Mas quando, a 19 de abril de 2007, num jogo pouco relevante da Taça do Rei em Camp Nou, Messi pegou na bola a meio-campo e fez uma réplica quase perfeita do mais famoso golo de Maradona, contra a Inglaterra, nos quartos de final do Mundial de 86, o mundo teve a sua primeira epifania messiânica, aquele instante em que, com a força da mente, as balas param no ar. Era ele o escolhido ou a comparação era exagerada, sacrilega? Não obstante a genialidade evidente, aquele golo parecia a versão para PlayStation da “Mona Lisa”, ótima para os miúdos se familiarizarem com a grande arte e não mais do que isso. Mas havia ali qualquer coisa que ainda não se tinha visto em nenhum dos herdeiros de Diego Armando Maradona.

Apesar do fracasso coletivo, Messi acabou o ano como o terceiro mais votado para a Bola de Ouro. Na altura já se tinha dado o encontro decisivo para

a carreira de Messi e para a história do Barcelona. No verão de 2008, Rijkaard, Ronaldinho e Deco saíram do clube, a direção reforçou o plantel principal com jogadores que tinham feito o percurso nas camadas jovens, como Gerard Piqué, Sergio Busquets e Pedro, e apostou no treinador da equipa B, Pep Guardiola. Hoje parece óbvia, mas a escolha foi arriscada e criticada. Guardiola não tinha currículo, só tinha ideias. A perda das suas estrelas, veteranos cujo grau de empenho era volátil, acabou por ser o melhor que aconteceu ao treinador, que assim teve espaço para implementar as suas ideias com jogadores que as compreendiam porque falavam o mesmo idioma cruyffiano. Talentosos e gregários, eram os apóstolos perfeitos para espalharem o evangelho de Guardiola, numa rede semelhante a um organismo vivo, maleável e infinitamente inteligente.

O FALSO 9

Com uma filosofia aproximada, a Espanha já se sagrou campeã da Europa nesse ano, mas Guardiola dispunha de uma arma extra, um jogador que tanto parecia uma peça indistinguível do *puzzle* como o transformava num objeto a cinco dimensões. O jogador também beneficiou da sagacidade do treinador, que olhava para o relvado como uma placa

de circuitos em permanente reconfiguração. No jogo que praticamente decidiu o título espanhol de 2009, na visita ao Santiago Bernabéu, Guardiola deu-lhe indicações para que abandonasse a faixa (normalmente partia da direita, com Thierry Henry à esquerda e Samuel Eto'o ao centro) e aparecesse mais na zona central, a fim de surpreender a defesa *merengue*, naquela posição de “falso 9” que se tornou uma das marcas registadas do treinador catalão. No final, Messi marcou dois golos, o Barcelona venceu por 6–2 e saiu da capital espanhola pronto a encomendar as faixas de campeão. A 13 de maio, os catalães levaram para casa a Taça da Rei e, duas semanas depois, triunfaram na final da Liga dos Campeões, na primeira vez que um clube espanhol conquistou o *triplete*, as três competições mais importantes. Messi marcou em ambas as finais.

Juntos, Guardiola e Messi, bem acompanhados, é certo, ganharam todos os troféus coletivos e individuais, realizando pelo meio exibições memoráveis, como a demolição do Santos de Neymar no Mundial de Clubes, os 5–0 ao Real Madrid no primeiro clássico de José Mourinho como treinador dos *blancos* ou um recital de meia hora no estádio do Arsenal, em 2011, que acabou com a vitória dos londrinos, que lhe deram o bilhete de entrada para

o panteão das melhores equipas da história. E o que tornava inigualável aquela equipa é que aliava um sistema coletivo quase perfeito a um talento individual incomparável, numa simbiose que, curiosamente, tanto servia para apoiar Guardiola (que não seria nada sem Messi) como para apoiar Messi (que não seria nada sem Guardiola e sem os seus fléis escudeiros, Xavi e Iniesta), quando simplesmente engrandecia o futebol. A “tareia” que o Barcelona deu ao Manchester United na final da Champions de 2011 — “tareia” foi a expressão usada por Alex Ferguson — levou o treinador escocês a dizer que aquela era a melhor equipa que tinha enfrentado. Dez anos depois, Ferguson dizia ter finalmente encontrado a chave para aquela derrota: devia ter posto o sul-coreano Park Ji-Sung a marcar Messi.

Inevitavelmente, Messi conquistou a sua terceira Bola de Ouro nesse ano, e a discussão sobre melhor jogador do mundo, que já em 2009 diziam ser interminável, começava a inclinar-se para o argentino. Do outro lado estava um português que teve o privilégio de testemunhar de perto a qualidade do Barcelona de Guardiola. Cristiano Ronaldo chegou à final da Champions de 2009 com a Bola de Ouro no bolso, a camisola do Manchester vestida e a cabeça em Madrid. No final do jogo tinha ficado sem Champions e, como se viria a confirmar, sem Bola de Ouro. Em pouco tempo estava também sem a camisola do Manchester e pôde finalmente levar o corpo para o lugar onde a cabeça estava há muito. O Real Madrid recebeu-o de braços abertos, tal como recebeu no ano seguinte José Mourinho, acabado de ganhar a sua segunda Champions após eliminar o Barça numas meias-finais históricas e tóxicas contra o Inter de Milão. Mas a dupla das maiores figuras do futebol português do século XXI nada pôde fazer para travar um Barça insaciável que logo no primeiro clássico de Mourinho aplicou a chapa 5, a maior derrota da carreira do treinador setubalense até então.

Adeptos de todo o mundo deliravam com cada clássico, cada confronto entre os bons — os defensores da pureza do futebol — e os vilões, com Mourinho à cabeça, dispostos a todos os estratagemas, incluindo quase arrancar olhos, para ganhar. Foi um confronto de filosofias e de personalidades, levado até um extremo absurdo. Xavi, um dos jogadores teóricos do *tiki-taka*, putativo papo do futebol, ex-comungava todos os que não reconhecessem a infalibilidade do dogma. Messi, por seu lado, continuava calado, a marcar golos, a desenhar jogadas geniais. O discurso ficava para os outros. Ele falava com a bola colada ao pé esquerdo. Os colegas defendiam-no e elogiavam-na cada oportunidade, tentavam empurrá-lo para a liderança espiritual, mas a postura corporal de Messi, a sua timidez e ensimesmamento, diziam o contrário. Até na hora de receber prémios sentia-se tão à vontade como uma criança chamada ao quadro para resolver um problema. Balbuciava. Mal se percebia o que dizia. Era mais do que claro que não seria no Barcelona, um ecossistema aparentemente criado à medida do seu talento e da sua personalidade, que a sua capacidade de liderança seriaposta à prova. Esse teste definitivo seria na seleção argentina.

“Porque é que Messi não joga na seleção como joga no Barcelona?”, era a pergunta que a maioria dos argentinos fazia ao ver Messi jogar pela equipa nacional. O legado desportivo de Diego Armando Maradona foi, na sua essência, escrito em 30 dias no

Não é apenas uma questão de futebol, é uma questão de alma, de uma luz interior que se projeta para fora

México em 1986. Maradona era um líder nato com manhas de rua, esperto e arruaceiro. Era muito bom, queria ser o melhor e sabia como levar os outros atrás de si. Era um profeta da bola. Carismático, elétrico, uma figura fascinante. A antitese de Messi. Os argentinos conheciam bem Maradona. A Messi conheciam-no como o resto do mundo. Da televisão. Na cidade de Rosário, onde Lionel Andrés Messi nasceu a 24 de junho de 1987, ninguém se lembrava dele. Os *hinchas* viam-no com a camisola *blaugrana* e depois viam-no com o azul-celeste e era quase como se não fosse o mesmo jogador. A diferença entre o extraterrestre que deslumbrava na Catalunha e aquele rapazinho, comum mortal, a quem a camisola da seleção pesava toneladas era tão grande que os compatriotas duvidavam da sua verdadeira qualidade. “Com Xavi e Iniesta no meio-campo também eu”, era o sentido das avaliações a Messi enquanto herdeiro de Maradona. Sem os guarda-costas, sem os homens com quem se entendia de olhos fechados, longe da atmosfera purificada do *tiki-taka*, sem a presença tutelar de Guardiola no banco de suplentes, os superpoderes de Messi extinguíam-se. Não mostrava convicção, nem paixão, nem fúria. A cada grande torneio aperfeiçoava apenas a imagem da impotência.

UMA QUESTÃO DE ALMA

A medida dos maiores jogadores — estabelecida em parte por Maradona — não era a de brilhar no melhor clube e na melhor equipa, mas a de elevar equipas medianas à altura do seu talento individual ímpar. Por muito que os revisionistas tentem ver na Argentina de 86 uma coleção de grandíssimos jogadores com uma joia da coroa, estendendo a mesma avaliação ao Nápoles, a verdade é que foi Maradona a tornar todos à sua volta muito melhores do que eram, não só pelo que fazia em campo mas pela sua personalidade magnética, pela sua liderança. O futebol não é um desporto individual e mesmo o maior dos génios não ganha um jogo sozinho. Mas um génio é capaz de criar as condições para que a equipa sustente esse génio, que depois aparecerá para resolver. E isso não é apenas uma questão de futebol, é uma questão de alma, de uma luz interior que se projeta para fora. Por isso há homens que sobem a um púlpito e arrastam multidões e outros que quase não se ouvem nem se veem. Quando a Argentina se desfazia em campo, Messi era sempre o que parecia

mais perdido. Sentia que os olhares se viravam para ele e não sabia o que dizer. Era outra vez o menino de 13 anos a entrar pela primeira vez no balneário do Barcelona, “El Mudo”. O que faltava a Messi não era futebol — isso nunca lhe faltou —, era fogo. Primeiro por timidez e depois por teimosia, não cantava o hino. O olhar por vezes parecia vogar no espaço sideral, de onde alguns insistiam que ele tinha vindo. Os argentinos cansaram-se do falso profeta. Do deus omnisciente que, com a camisola da seleção, se tornava mais um. Pior do que ser mais um era ser mais um quando, ainda semanas ou dias antes, era o incomparável Messi. Diziam que era “pecho frio”, talvez o maior insulto futebolístico na Argentina, sangue de barata, desalmado. Um homem que em Barcelona servia os melhores banquetes e que para os seus compatriotas nem sabia estrelar um ovo.

Até que o próprio Messi achou que era de mais. Em 2016, quando tinha 29 anos, e na sequência de finais perdidas no Mundial do Brasil e na Copa América daquele ano, em que falhou um penalti no desempate nas grandes penalidades, o jogador renunciou à seleção. Para piorar tudo — porque a rivalidade não funcionava só para um lado —, duas semanas depois, Cristiano Ronaldo ganhava o Campeonato da Europa com a seleção portuguesa. As cinco Bolas de Ouro, as quatro Ligas dos Campeões, todos os títulos e recordes individuais eram ofuscados pelos repetidos fracassos com a seleção argentina. Depois, assimilada a desilusão, perante um mundo que lhe pedia que reconsiderasse, Messi fez marcha-atrás, voltou a estar disponível para o seu país. Porém, o vale de lágrimas ainda não terminava. Faltava mais uma desilusão no Mundial e outra derrota cruel na Copa América. E tantas derrotas consecutivas criaram a sua própria mística, como que um caminho de sabedoria.

Em 2019, já com Lionel Scaloni como selecionador argentino, Messi cantou de novo o hino nacional antes de um jogo. Costumava dizer que cantar ou não cantar o hino era indiferente e que tinha deixado de cantar de propósito, porque toda a gente se queixava disso. Mas a verdade é que voltou a cantar e que o simbolismo não passou despercebido a ninguém. A Argentina perdeu de novo a competição, mas alguma coisa tinha mudado. Depois de anos a ser o líder futebolístico da seleção e a envergar a braçadeira de capitão, Messi assumiu a liderança espiritual da equipa. De génio sem personalidade e sem carisma, envolto no plástico de bolhas de ar do Barcelona e protegido pela mentalidade do formigueiro da equipa, saltou para a frente da batalha. Chegou ao Catar mais velho, como era inevitável, e mais sábio. Em boa forma e sobretudo com um autoconhecimento que lhe deu a serenidade e a confiança necessárias para o último desafio. Foi como se tivesse passado uma década e meia a tentar desencriptar o código dos grandes torneios e de como jogar na seleção e liderá-la. Quem antes o criticava por ele andar em campo e quase já não correr viu que o andar em campo não era só poupança de energia, era uma manifestação de sabedoria. Enquanto os outros grandes da história correram para o troféu mais importante da carreira, Messi percebeu que o seu caminho era outro, mais longo, e que só o poderia percorrer a passo, devagar, como um deuses passeando pela brisa da tarde. ●

A close-up photograph of a silver spoon filled with dark, shiny caviar, resting on a white surface.

+E

CAVIAR De superalimento a luxo incompreendido

Ajudou a alimentar pescadores e deslumbrou czares. Enquanto era suporte de um regime político, muitas crianças não o suportavam, mas estrelas de mundo inteiro faziam tudo para o ter por perto.

O caviar é um dos alimentos mais falsificados e mal interpretados.

O peso da história dá-lhe o estatuto de alimento universal e completo, e até podia ser produzido em Portugal

TEXTO FORTUNATO DA CÂMARA



“

A

mãe dá uma colherzinha na boca da criança, mas ela faz uma cara feia e começa a choramingar porque é um bocado salgado, sabes, mas a mãe insiste. — Vá, come uma colherzinha, come!” Foi assim que Valeriy Afilov e muitas outras crianças da sua geração começaram a comer caviar. “Em casa as pessoas tinham muitas vezes uma lata de 600 g de caviar no frigorífico. Quando chegavam visitas punham um bocadinho de caviar em pedacinhos de pão com manteiga para oferecer e davam também às crianças, que faziam uma cara feia. Só que depois quando és adulto começas a comer... percebes o sabor, e pronto, é como as outras coisas.” Para si o caviar tornou-se um sabor adquirido ao ter crescido na região do Donbas, no leste da Ucrânia. “Nasci em Donetsk, mas antes de vir para Portugal vivia em Berdyansk, que era a terra dos meus pais, e que fica a 200 km. Durante a infância ia sempre passar os verões na casa dos meus avós, junto ao Mar de Azov.” Valeriy Afilov tem hoje 66 anos e vive no Algarve há mais de duas décadas, mas a sua relação com o caviar não se perde em memórias da infância. Ainda acalenta o sonho de voltar a criar esturjões, como fez em tempos na Ucrânia, e com eles produzir aquele que talvez seja uma das iguarias mais incomprendidas do mundo: o caviar.

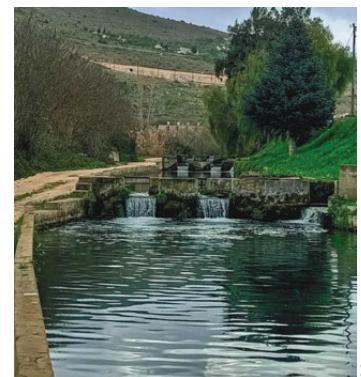
Extravagância é uma das palavras que se associam facilmente ao caviar. Imagens de um passado longínquo e extravagante em que latas enormes de ovais de esturjão entravam em campeonatos de um leste politizado, para serem engolidas com luxúria e gula em doses alarves, dando uma ideia de banalidade em países-paraiso do caviar. Essa ideia artificial de prosperidade mudou, não apenas com o fim da URSS, mas acima de tudo com a entrada em declínio dos stocks disponíveis de esturjões selvagens depois de décadas de consumo desenfreado. Entra em cena o pescado em aquicultura para dar resposta a um mercado de luxo que sempre havia existido e que estava estabelecido. O contraste era a sofisticação e tom de solene raridade com que estrelas de cinema e da música comiam pequenas porções de caviar como se fossem peças de joalharia, enquanto bebiam champaña. São estes mundos opostos que fazem muitos terem opiniões extremadas acerca do caviar, sobretudo devido aos preços elevados que uma pequena lata de 30 g ou 50 g pode atingir. A criação de esturjão em cativeiro não faz os valores do caviar baixarem, e o dinheiro é sempre uma questão fulcral para se avaliar o valor que se atribui a um determinado produto.



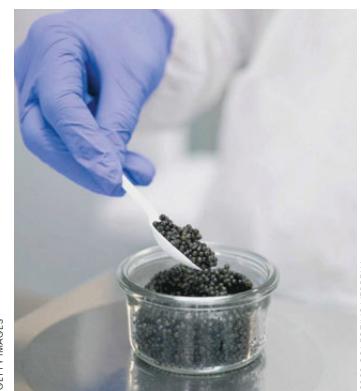
Quando o tema é caviar a escalada pode começar nos €2000 e ultrapassar €12 mil o quilo, dependendo de muitos fatores, sendo o mais relevante saber-se qual a espécie de esturjão (das mais de 20 que existem) de onde foram extraídas as valiosas ovais e qual a origem do pescado: selvagem ou aquacultura? Antes destes ‘detalhes’ da maior importância, há que fazer desde logo a distinção entre caviar e ovais. Em termos comerciais só se pode chamar caviar às ovais de esturjão, no entanto é frequente ver-se a palavra caviar ser associada a ovais de pescados como o salmão, o arenque, o lombo, ou o tobiko. Além destas apropriações há também o raro ‘caviar de caracol’ e algumas fantasias, umas mais delirantes que outras. Uma delas é feita à base de suco de peixe tingido com um corante preto que é depois mergulhado num alginate, resultando daí esferificações, que mimetizam visualmente o caviar preto siberiano, outra preparação mais

arrevesada é o chamado ‘caviar vegan’, com um processo similar ao anterior, mas feito com azeite e que recebe o nome ‘caviaroil’.

A Rússia tem feito diligências, com pouco sucesso, diga-se, para proibir o uso indevido da palavra caviar, em produtos que não sejam ovais de esturjão. Na Europa há legislação que faz essa separação entre ‘caviar’ e ‘ovas de peixe’ para proteger o consumidor de comprar produtos a preços especulados e sem origem certificada, ainda assim é comum encontrarem uma série de produtos derivados de ovais de peixes sob o chapéu de comercial de marca que usam o prefixo ‘caviar’ na sua designação, pois basta juntar o nome para ajudar a vender aparentados ou sucedâneos a preço inflacionado. Daí que a tomada de posição russa de banir o termo francês *champagne* do seu mercado interno, autorizando em simultâneo que o vinho espumante russo seja chamado *shampanskoe*, aludindo assim



NATUREZA A criação de esturjão em cativeiro não fez os valores do caviar baixar, sendo o dinheiro uma questão fulcral para se saber o valor que se atribui a um determinado produto (à esquerda); na localidade espanhola de Rio Frio, em Granada, nasceu uma exploração de esturjões (em cima) que aproveita as águas que nascem na vizinha serra de Loja para criar o primeiro caviar com certificado ecológico do mundo (em baixo)



2020 COLECTIVO VÉRBIEN

ao prestigiado nome francês, tivesse visto como alfinetada direta da Rússia à Europa. Um facto que com a entrada da medida em vigor a 1 de janeiro de 2022 que já tinha aumentado bastante a distância entre russos e franceses, muita além da famosa fotografia de Vladimir Putin e Emmanuel Macron captada em fevereiro na longa mesa do Kremlin com o início dos ataques à Ucrânia.

Ter identidade e valores comuns foi o que Estaline também tentou construir a desde 1922 fazendo da sopa *borsch*, que tem raízes históricas na Ucrânia, um dos ícones culinários do regime soviético. E o caviar esteve sempre presente durante a URSS sendo uma fonte de receita fundamental nas exportações para a Europa, servindo de moeda de troca para fazer entrar divisas estrangeiras na deprimida economia russa. Era igualmente consumido, durante alguns anos de forma abundante por várias classes sociais, depois passou a ser apenas

pelas elites locais. Ganhou o estatuto de produto gastronómico, destinado às classes políticas, oficiais de altas patentes, e a membros destacados do partido comunista.

Voltando a 1917, ao início da Revolução Russa, dois irmãos arménios, Mouchegh e Melkoum Petrossian, além de serem estudantes, um de direito e outro de arquitetura, em Moscovo, estudavam também uma forma de fugirem ao regime instituído. A família já havia escapado aos massacres bolcheviques na Arménia e tinha uma pequena exploração de caviar em Tbilissi, mas os recursos eram limitados e o futuro sombrio. Em 1920 os irmãos Petrossian conseguiram aterrar em Paris, não falavam francês para seguirem os estudos, mas dominavam a arte do caviar e com isso conseguem que o hotelier César Ritz os deixe fazerem algumas provas no seu hotel de luxo no centro da cidade. Começava assim uma história que já ultrapassou um século, e

que tem hoje há frente Armen Petrossian, filho de Mouchegh, gerindo lojas e restaurantes Petrossian em várias partes do mundo.

Um negócio construído a partir de um produto que antes servia de base alimentar a pessoas de poucos recursos uma vez que era rico em proteínas, sendo por isso um superalimento. No passado, quem inicialmente comia caviar eram os pescadores, pois que tinham que retirar as ovais às fêmeas de esturjão para conseguirem vender o peixe mais facilmente. Os historiadores referem que foi só a partir do séc. XVI, quando Ivan IV, o Terrible provocou caviar e ficou um grande apreciador, que o alimento subiu ao nível de iguaria para os czares russos. Os romanos já consideravam o esturjão um dos peixes mais requintados do mundo. Consста que o imperador Severus mandava servi-lo sobre pétalas de rosas. Surgem depois ao longo da história diversas referências que colocam o caviar em



O PASSAPORTE DO CAVIAR

A forma mais simples de saber que está a comprar caviar é procurar na embalagem pelo código CITES (Convention on International Trade in Endangered Species). Desde 2006 que a UE obriga à sua existência nos rótulos, de modo a aferir a origem das espécies em risco.

Veja como ler o código e a informação obrigatória que ele deve conter neste exemplo:

CITES: BAE/C/CN/2022/DE — XXX/XXXXXX

As três primeiras letras indicam a espécie, neste caso esturjão BAЕ; depois é mencionada a origem, com "C" de "cativeiro" (ou captive bred) ou "S" de "selvagem"; segue-se o país de origem (CN — China), o anel de embalamento, o país que importou (DE — Alemanha), o código do embalador e, por fim, o código da espécie.

Veja algumas abreviaturas das principais espécies e países relevantes no mercado do caviar:

ESPÉCIES

HUS — Huso (Beluga)
GUE — Gueldenstaedtii (Osetra)
PER — Persicus (Sevruga)
RUT — Ruthenus (Sterlet)
DAU — Huso dauricus (Kaluga)
SCH — Schrenkii (Amur)
NAC — Naccarii (Adriático)

PAÍSES

AR — Arménia
RU — Rússia
IR — Irão
PL — Polónia
IT — Itália
FR — França
UY — Uruguai

evidência. Shakespeare faz uma alusão metafórica ao caviar no segundo ato de Hamlet, e Cervantes apresenta - o como iguaria em D. Quixote: "Puseram também certa comida negra, a que chamam caviar, e é feita de ovas de peixe, e serve de espertar o apetite" (parte 2, cap. 54, versão livre de 1794). Rabelais e Alexandre Dumas também o referiram nas suas obras, e há quem associe ao imaginário de um esturjão as ilustrações do submarino Nautilus nas "20.000 Léguas Submarinas", de Júlio Verne.

A essência de tudo é a mesma, e apenas uma: o caviar. Uma palavra que se fez universal e sem necessidade de tradução, mas que segundo os linguistas aponta para um lastro antigo vindo do persa *khayar*, e que deu origem à expressão turca *khaiar* que designa as ovais de esturjão, distinguindo-as das outras ovais de peixe em geral. Ovas de salmão (ou *keta*), de truta e afins... não são caviar. Ponto. A complexidade está nos esturjões como nos conta Paulo Zaragoza Pedro, biólogo marinheiro formado na Universidade do Algarve, e que é analista de qualidade da água. "Os esturjões são peixes antigos, cartilaginosos, e têm uma estrutura óssea. Ou seja, não têm espinhas nem escamas, e são dos maiores exemplares que vivem em água doce", explica, acrescentando que conforme a espécie, podem durar várias décadas, terem alguns metros de comprimento, e atingirem centenas de quilos de peso. No passado já houve esturjões no Guadiana, eventualmente uma de três espécies das cerca de 28 que existem. Na subfamília *Acipenserinae* estão os dois grupos mais valiosos em termos comerciais: os gêneros *Acipenser* e *Huso*. Quando começou a estudar os esturjões Paulo Pedro tinha algumas ideias feitas acerca das condições de vida da espécie: "Pensava que só se davam em águas geladas e que a desova mudava anos, mas com a pesquisa percebi que isso pode ser acelerado noutras espécies e em ambientes diferentes". É provável que as espécies que em tempos cruzaram as águas do rio Guadiana tenham sido os esturjões europeu (*Acipenser sturio*), o atlântico (*A. oxyrinchus*) e o adriático (*A. naccarii*).

Foi esta última espécie que fomos encontrar em grande quantidade a cerca de 350 km do Algarve, na visita que fizemos à localidade espanhola de Rio Frio, em Granada. Uma exploração controlada de esturjões que aproveita as águas que nascem na vizinha serra de Loja, que alimenta rios e riachos no sopé da montanha, seu origem ao primeiro caviar com certificado ecológico do mundo. A ideia saiu da cabeça do médico Luis Domeizain que em 1963 começou com um viveiro de cerca de 60 trutas. A acompanhar-nos estava o neto do fundador de Rio Frio, Carlos Portela Domeizain. Enquanto caminhamos ao lado de pequenas represas de águas limpidas, onde vários esturjões de porte médio vão nadando tranquilos, conta-nos que em 1988 e em 2001 a empresa comprou as primeiras fêmeas para começar o lento processo de investir na produção de caviar. "Só entre os 6 e os 8 anos é que se sabe se é macho ou fêmea através de uma ecografia. Depois, só aos 16 a 18 anos é que a fêmea dà caviar". Um dos fatores que mais influencia o preço final do caviar é o tempo e o investimento necessários até se obterem as ovais e começar a ter retorno financeiro.

Numa represa lateral avistamos um esturjão de grande porte da pele acinzentada clara: "É da espécie *Huso huso*, é maior, e é o 'pai' do caviar beluga. Tem 100 kg e dois metros de envergadura", diz



Carlos com um sorriso satisfação, e eu deduzo que o bicho, com o seu quarteto de bigodes periscópicos, já tinha sido responsável no passado por valiosas fecundações, que renderam quilos de caviar beluga à casa. Ainda assim, a principais espécies que por aqui se criam são o *Acipenser gueldenstaedtii* (de onde se extraí o osetra) e o *Acipenser naccarii*, esta última por ser mediterrânea, refere, e que em tempos terá existido no rio Guadalquivir, situado a norte de onde nos encontramos. A última captura de um exemplar selvagem nesta região remonta a 1974, pois a construção de barragens foi colocando os esturjões em vias de extinção. Em Rio Frio as condições são as mais favoráveis, vai explicando Carlos Domeizain: "Na serra há muito mármore e por isso as águas são puras e até podem ser engarrafadas. Como não há agricultura na encosta da montanha temos 24 horas por dia água corrente e cristalina a 14°/15° durante todo o ano". Uma dessas linhas de água afluente ao rio é interceptada por várias represas onde estão os esturjões, livres de impurezas, com alimentação controlada e sem ameaças de predadores. A grande represa final tem apenas plantas depurativas que regeneram a água dos excessos fisiológicos libertados pelos peixes, garantindo que é devolvida ao Rio Frio livre de qualquer elemento poluente da atividade de criação de esturjões. São estes cuidados e o manter sempre o ciclo da água limpa que possibilitou à empresa obter a certificação ecológica. "Sem água corrente o esturjão não sobrevive", diz, afirmando que 99%



JEAN-PIERRE FIZET / SYGMA VIA GETTY IMAGES

TRADIÇÃO Armen Petrossian, filho de Mouchegh Petrossian, na sua loja em Paris. Os dois irmãos, Mouchegh e Melkoum, chegaram a França em 1920 e criaram um império mundial de caviar

do caviar mundial é de aquacultura, lembrando que das cerca de 20 espécies de esturjão que têm valor comercial, quase todas estão em vias de extinção.

Entretanto observo um dos tratadores a retirar um esturjão da água para que Diego Gallegos, embaixador da marca e conhecido como "el chef do caviar", com uma estrela Michelin no restaurante Sollo em Málaga, pose por breves instantes para as fotos da imprensa local segurando um dos peixes. O esturjão não tem dentes, e por isso não morde, apenas sente os alimentos com os bigodes e aspira peixes, mariscos e outros alimentos. A nossa ida à Rio Frio coincidiu com uma das visitas regulares que o chefe de ascendência brasileira faz com colegas de restaurantes estrelados, seguidas de jantares onde o caviar se destaca. Um dos convidados recentes foi o chefe João Oliveira, do Vista em Portimão. No final da visita pudemos participar numa degustação de três tipos de caviar: "tradicional" de ovais pretas, untuosas e sabor mais marinho; "estilo russo" (osetera), de ovais esverdeadas e mais salgado, com notas de iodo; e "ecológico", com uma adição residual de sal, mais lácteo e amanteigado na boca, com notas de frutos secos, tinha uma duração mais curta de validade, mas um sabor final persistente. Só quando o sal é adicionado às ovais, garantindo a sua preservação, é que se obtém o caviar. Este aspecto é importante, pois neste ponto há um saber fazer de cada mestre que ajuda a criar o estilo e perfil de sabores de cada marca, comentava Diego Gallegos.

A sala de provas fica noutra zona da localidade, junto aos novos tanques recuperados depois das graves cheias e derrocadas de 2018. Além dos estragos avultados nas estruturas, morreram milhares de esturjões, deixando a empresa numa situação financeira delicada que a pandemia veio agravar. Em finais de 2021 o histórico grupo Osborne, ligado às bebidas destiladas, comprou a Caviar Rio Frio. Recuperar os esturjões que se perderam e retomar a produção de 3000 kg anuais de caviar que havia antes, mais do que duplicando a capacidade de existente, são os objetivos, porém sem pressas, pois a recolha das ovais vai continuar a ser feita entre março e junho, respeitando o ciclo da natureza.

Parte do Rio Frio sabendo que era um caso particular no universo da aquacultura de esturjão. Nos sistemas circulares de água, em que os peixes são criados em piscinas gigantes, é possível extraír caviar ao longo de todo o ano com diferentes espécies de esturjão. Em França, o caviar da Aquitânia é uma das origens onde se criam esturjões (*A. baerii* e *A. sturio*) para o mercado europeu, pois o "caviar selvagem" (quase sempre clandestino) é uma infima minoria num mercado totalmente baseado na aquacultura. Após décadas de sobrepesca sem regulamentação nos Mares do Norte, e com a queda da URSS, o culminar do descalabro foi quando em 1998 a World Fauna and Flora (WFF) decretou a proibição do comércio internacional de caviar devido ao esturjão estar em vias de extinção. Todas as subespécies foram colocadas na lista vermelha da WFF.

O único caminho viável foi a aquacultura. A Rússia continua a ser um grande país consumidor

de caviar, e mantém-se como produtor, mas apesar do atual regime russo ter uma visão imperialista, já não poderia fazer tirar os proveitos econômicos do passado. O caviar russo nem sequer foi alvo de sanções internacionais, pela simples razão de que o grande produtor e exportador mundial é a China. Quase 85% do caviar de aquacultura existente no mercado tem origem em explorações chinesas, sendo a Rússia um dos clientes óbvios, mas a UE (38%) e os EUA (36%) são os principais mercados para o caviar da China.

Foi perante este panorama que surgiu em 2012 a ideia de criar uma empresa de aquacultura de esturjão em Portugal para produzir caviar português. Itália, França, Polónia e Alemanha, são os principais países produtores europeus, mostrando que o caviar não tem origem desde que a aquacultura ganhou destaque. Volto à conversa com Valeriy Afilov que me diz isso mesmo. "Não é preciso haver tradição porque é um produto mundial", e foi com esse pensamento que chegou ao Algarve em 2000, para tentar montar o seu projeto. Quando pediu uma análise à água natural existente na zona onde morava conheceu o biólogo Paulo Pedro, e começou aí a troca de ideias que levaria à criação da Caviar Portugal. Afilov é um estudioso dos sistemas circulares de aquacultura de pescado, e um profundo conhecedor do esturjão desde os tempos em que tinha os seus viveiros em barragens na Ucrânia. "Quando estudei conheci em São Petersburgo aquele professor universitário, o Sergey Podushka, que inventou o método de tirar ovais do esturjão [cesariana] sem matar o peixe. Conheci também o presidente do clube do Esturjão na Ucrânia e na Rússia, o Mikhail Chebanov que escreveu vários livros..." — o ritmo do discurso abrandava, sentindo-se alguma nostalgia nas suas palavras.

O plano de negócios foi delineado para ser viável e sustentável, explica Paulo Pedro. "Escolhemos a espécie *Acipenser ruthenus*, que dá o caviar sterlet, por ser mais pequena e atingir uma maturação mais rápida. Ao fim de quatro ou cinco anos já se pode fazer a primeira desova". Afilov haveria de acrescentar que a carne do esturjão *ruthenus*, ao contrário de outras espécies, é muito saborosa depois de fumada, dando assim outra utilidade aos peixes, não apenas aos machos, mas também às fêmeas, além da produção de caviar. A questão da sustentabilidade também se levanta no recurso à cesariana, um método não invasivo que o icnitolista russo Sergey Podushka criou em 1987, e que permite extraír as ovais sem matar o peixe. A Caviar Portugal chegou a captar fundos europeus para avançar, mas que não foram executados porque houve uma falha do investidor que se associou ao projeto. "A empresa está hibernada à espera de melhores dias, pois o plano de negócios está feito e tem apoios para acontecer", diz Paulo Pedro, que mantém alguns esturjões em viveiro. Valeriy Afilov trabalha em aquacultura, através do IPMA em Olhão, mas tem uma visão menos animadora. Dedicou anos a estudar o tema, mas sente que a oportunidade passou. "O caviar faz parte da minha vida, é um alimento bom e completo. A FAO diz que o mundo precisa de proteínas. O esturjão cresce dois quilos por ano, e há poucos peixes assim... Pode ser que um dia alguém telefone e queira fazer caviar em Portugal", remata com desalento. ●

O caviar russo não foi alvo de sanções, porque o grande produtor e exportador mundial é a China, que produz 85% do caviar de aquacultura. A UE (38%) e os EUA (36%) são os principais mercados



TEXTO

ÁNGEL LUIS DE LA CALLE
CORRESPONDENTE EM MADRID





+E

A rainha que nunca pensou sê-lo

Letizia Ortiz fez 50 anos e tornou-se um ativo importante para a monarquia espanhola. De origem plebeia, apoia os esforços do seu marido, o rei Felipe VI, no processo de modernização da instituição, degradada pelos escândalos de Juan Carlos I

P

ara aqueles que só veem os seus defeitos, ela é fria, distante, altiva e calculista; para aqueles que apreciam as suas qualidades, ela é trabalhadora, perfeccionista, de mente aberta e o maior ativo da monarquia espanhola. Em qualquer caso, Letizia, rainha consorte de Espanha, é objeto de constante escrutínio e frequente controvérsia. Letizia Ortiz Rocasolano, esposa do monarca reinante, Felipe VI, acaba de fazer 50 anos, uma ocasião propícia para análises críticas à sua personalidade, ao papel que desempenhou como esposa do rei e mãe da princesa herdeira da coroa, e à sua projeção na sociedade que serve a partir da sua posição privilegiada. Dispensando a proteção de uma corte antiquada, desprovida dos elogios e lisonjas de uma aristocracia grata, o balanço hoje concedido à rainha é claramente favorável à sua figura.

Há algumas semanas, o diário conservador "El Mundo" resumiu num artigo editorial, publicado por ocasião do seu aniversário, o sentimento geral sobre a rainha Letizia: "Finalmente ela está a receber o reconhecimento que merece pelo seu trabalho conscientioso e longe de ser simples ao serviço da Coroa (...). Nesta tarefa de renovação da monarquia, a rainha desempenhou um papel notável pela sua colaboração decisiva e influência na definição do novo rumo."

UM CAMINHO DIFÍCIL

Não tem sido um caminho fácil, desde que conheceu o então príncipe das Astúrias em 2002. Jornalista de origem plebeia, divorciada, com uma ideologia claramente inclinada para posições progressistas e de esquerda, com antecedentes familiares republicanos, afastada das práticas religiosas católicas, tão presentes na tradição nacional, Letizia era o oposto do que um monárquico ortodoxo teria desejado como o protótipo ideal de uma consorte real. Com estes antecedentes, não foi bem recebida pelos círculos próximos do seu noivo quando ela e Felipe iniciaram a sua relação na primavera de 2003 e anunciamos o seu noivado em novembro do mesmo ano. O filho do rei Juan Carlos I não estava disposto desta vez a deixar que os seus pais frustrassem uma relação amorosa e até arriscou o seu estatuto de sucessor para defender Letizia como a pessoa com quem queria partilhar a sua vida.



Felipe vinha de três relações anteriores que terminaram sob o peso da razão de Estado: Isabel Sartorius, de uma família de linhagem aristocrática, era filha de pais divorciados; Gigi Howard, que conheceu durante o seu tempo na Universidade de Georgetown (EUA), não tinha qualquer proximidade ou ligação a Espanha; Eva Sanmun era uma modelo norueguesa bastante notória pelas suas poses em lingerie e pela sua abordagem largamente liberal em matéria sentimental. Nenhuma das três noivas de Felipe cumpria as regras desejadas pelos seus pais Juan Carlos e Sofia para a consorte ideal: uma mulher jovem de sangue azul, de preferência ligada por razões familiares a uma das monarquias europeias reinantes, com um currículo impecável e um conhecimento de berço da vida de linhagem real.

Estas não eram claramente as circunstâncias de vida atribuíveis a Letizia Ortiz. Vinha de uma família de classe média baixa com raízes asturianas. O pai, Jesús Ortiz (1949), era um jornalista de rádio, tal como a sua avó, Menchu Álvarez del Valle, uma das vozes da rádio mais reconhecidas nas Astúrias. A sua mãe, Paloma Rocasolano (1952), enfermeira de origem humilde, filha de um republicano punido pelo franquismo que ganhou a vida como motorista de táxi em Madrid. Jesús e Paloma casaram em 1971 e divorciaram-se em 1999. Antes da sua separação tiveram tempo de criar três filhas: Letizia (1972), Télima (1973) e Érika (1975), e de se mudarem para Madrid em 1986 por razões profissionais. Letizia — com um zé copiado de uma virgem muito venerada em Itália — estava a meio dos seus estudos de bacharelato, que continuou na capital espanhola num instituto público de muita tradição, o Ramiro de Maeztu.

O JORNALISMO, UMA ESCOLHA NATURAL

O jornalismo era a escolha natural, dado os exemplos familiares, para a orientação profissional da jovem inquieta, ansiosa por adquirir conhecimentos e experiência, que se inscreveu na Faculdade de Ciências da Informação da Universidade Complutense de Madrid, onde obteve a licenciatura com distinção. Fez alguns estudos de pós-graduação, incluindo um curso longo patrocinado pela Universidade de Guadalajara (México), que incluía um estágio no jornal local "Siglo XXI", dirigido na altura por alguém que seria depois um dos seus amigos mais próximos, Jorge Zepeda Patterson. Zepeda, formado na escola de jornalismo do "El País", tornar-se-ia mais tarde bem conhecido em Espanha como vencedor do prémio literário mais prestigiado e mais valioso, o Planeta, que ganhou em 2014 com o romance "Milena O El Femur Mas Bello Del Mundo" (Milena ou o mais belo fémur do mundo). Em 1998, com 25 anos, Letizia casou-se com o seu professor de Literatura, Alfonso Garrido, que manteve um silêncio louvável perante os meios de comunicação social sobre a relação que durou apenas um ano. Esta não foi a mesma atitude de um dos seus primos, David Rocasolano, que traiu a sua confiança em 2013 ao publicar um livro "Adiós, Princesa" (Editorial Akal), no qual, entre outras coisas, revelava sem provas que Letizia fez um aborto um ano antes de iniciar a relação com Felipe.

Foi também o jornalismo que serviu de ponte para que Felipe e Letizia se conhecessem. O herdeiro espanhol ao trono tinha reparado naquela apresentadora atraente, impecável e de voz perfeita do programa noticioso nocturno da Televisión Española



MONARQUIA Letizia e Felipe no dia do casamento real, na Catedral de Almudena, em Madrid, a 22 de maio de 2004; Letizia e Felipe, em 2009, com os então reis Juan Carlos e Sofia



FOTONOTICIAS/WIREIMAGE

e tinha dito a amigos próximos do mundo da informação que queria conhecê-la pessoalmente. Pedro Erquicia, diretor do programa “Documentos TV” no canal público, emprestou a sua casa para um jantar em que teve lugar a reunião fundamental. Felipe ficou cativado pelas qualidades da jornalista e insistiu em continuar a relação. Os amigos do príncipe facilitaram os encontros, que tinham de ser necessariamente discretos: o modesto apartamento de Letizia no bairro periférico madrileno de Valdebernardo em Madrid, onde Felipe iria camuflado com um capacete de moto, também serviu de cenário para a consolidação do romance. Quando convenceu os pais de que a jornalista era o amor da sua vida e o noivado foi anunciado em novembro de 2003, Letizia teve de abandonar a sua vida habitual e mudar-se para o Palácio da Zarzuela, residência do chefe de Estado espanhol. O casamento teve lugar a 22 de maio de 2004.

“Era muito trabalhadora. Incansável e perfeccionista ao ponto de exagerar”, recorda a jornalista Mabel Galaz, autora de um livro, “Letizia Real” (La Esfera de los Libros), publicado para coincidir

com o 50º aniversário da rainha. Galaz esteve ao mesmo tempo que Ortiz na redação do canal de notícias televisivas CNN+, que pertence ao Grupo PRISA, editora do “El País”, e partilhou com ela amigos comuns, como Carlos Tejera, com quem a futura rainha manteve uma relação estreita. Galaz cobriu depois as atividades oficiais da rainha consorte para o jornal da PRISA durante 20 anos. “Nunca foi minha amiga”, confessa Galaz ao Expresso, indicando que a característica principal do carácter da rainha consorte é “a procura da perfeição; isso leva a ser obcecada por não cometer erros, o que a torna alguém que pode parecer altaiva. Mas penso que ela está a trabalhar para mudar isso, para ser mais empática”. A jornalista do “El País” inclui uma confissão de Letizia no seu livro: “Felipe nasceu sabendo como agradar; foi educado para o fazer. Eu não fui, mas trabalho para melhorar, embora saiba que nem todos gostam de mim.” Outro jornalista, o antigo editor do “ABC”, o jornal monárquico por exceléncia em Espanha, descreve o carácter da rainha consorte no seu livro “Felipe VI, Un Rey En La Adversidad” (Edit. Planeta,

2021): “Personalidade complexa e temperamento indomito.”

MUDANÇA APÓS A ABDICAÇÃO DE JUAN CARLOS

Aquilo em que estão de acordo quase todos os analistas que examinaram a trajetória da rainha que nunca imaginou sé-lo é que a Letizia que casou com o herdeiro da coroa espanhola em 2004 nada tem a ver com aquela que assistiu à entronização do seu marido em 2014, após a abdicação do sogro, Juan Carlos I, já assolado por escândalos decorrentes de uma vida pessoal irregular e de negócios pouco claros que deram origem a rumores de uma fortuna crescente.

Durante o noivado e nos primeiros anos do seu casamento, Letizia esteve sujeita às regras impostas na Zarzuela pelos seus sogros. A sua relação com o rei Juan Carlos, que lhe dirigia uma animosidade pouco disfarçada, era praticamente inexistente. A rainha Sofia, que tentou ajudá-la nos primeiros meses a compreender os mistérios da casa real, acabou por se distanciar. Letizia não conseguia suportar a

A atual Constituição espanhola não atribui qualquer estatuto ou papel específico à rainha consorte. As atividades que desenvolve são da sua própria iniciativa



FAMÍLIA Felipe VI e a rainha Letizia

com as filhas, a princesa Leonor e a infanta Sofia (junto ao pai), durante uma visita a Cartoixa de Valldemossa

imagem de felicidade fingida e falsa unidade que aquela família disfuncional apresentava em público, ao passo que Sofia — “uma grande profissional”, nas palavras do seu marido — era muito mais tolerante com a situação. No fundo, as suas origens diferentes nunca harmonizaram. Tal como era saliente num reportagem do suplemento de domingo do “El País”, assinada por Jesús Rodríguez, ao fim e ao cabo Sofia da Grécia “era bisneta do *kaiser* alemão e Letizia neta de um motorista de táxi”. Esta falta de empatia manifestou-se claramente durante a Semana Santa de 2018, quando Letizia impediu com determinação que a sogra fosse fotografada à porta da igreja com as netas Leonor e Sofia, ao sair de um serviço religioso na Catedral de Palma de Maiorca. “As fotografias, em casa”, disse a rainha, para esparto de Sofia e do público que assistia à celebração.

Também não foi particularmente apreciada pelas suas cunhadas, Elena e Cristina, que a consideraram a inspiração detrás das duras medidas tomadas por Felipe VI — supressão de títulos nobiliárquicos, afastamento das atividades oficiais da casa real — para neutralizar os enormes danos causados à coroa pelos escândalos do rei e pelo processo contra o marido de Cristina, Iñaki Urdangarin, por diversos crimes de corrupção e desvio de fundos públicos, assim como pela segunda filha do rei e da rainha. Embora Cristina tenha sido absolvida das acusações principais e só tenha sido condenada a uma multa por colaborar com o marido, a sua presença televisiva no banco

dos réus durante o longo julgamento foi um enorme golpe para a imagem da monarquia espanhola. Urdangarin passou vários anos na prisão: foi a primeira vez na História espanhola que um membro da família real cumpriu pena de prisão por ações civis.

A subida de Felipe VI ao trono deu segurança a Letizia e também consciência da árdua tarefa de regeneração que o seu marido era obrigado a empreender se não quisesse comprometer seriamente a continuidade do sistema de organização do Estado consagrado na Constituição de 1978. Nesta perspetiva, a rainha Letizia tornou-se o principal apoio do marido quando Felipe VI tomou decisões radicais: limitar a família real a si próprio, às suas filhas e aos seus pais, os reis eméritos; renunciar a qualquer herança que Juan Carlos pudesse legar ao seu filho e fosse procedente de fundos opacos ou fundos investigados pelos tribunais ou pelas autoridades fiscais; suprimir a dotação financeira atribuída ao antigo monarca e promover o seu exílio no Abu Dhabi, quando o conjunto dos escândalos económicos e pessoais do rei emérito atingiu proporções públicas incontroláveis. Esses anos difíceis forjaram em Letizia a determinação de aprender e agir constantemente como principal apoio do rei Felipe na defesa da instituição que representa. Ao mesmo tempo, consolidou a relação afetiva entre o casal.

AGENDA PRÓPRIA

Entretanto, a rainha tem vindo a promover a sua própria agenda, deixando para trás a imagem ultrapassada de simples acompanhante do marido. Letizia empenha-se atualmente em atividades pró-ativas, relacionadas com questões de saúde, nutrição

e problemas sociais. Particularmente visível é a sua abordagem aos temas da saúde mental, sensibilizada como está pelo suicídio em 2007 da sua irmã mais nova, Erika, que sofria de depressão grave. A morte de Erika, em plena gravidez da segunda filha, Sofia, foi um duro golpe para a Letizia, que só superou graças à sua força de carácter.

A atual Constituição espanhola não atribui qualquer estatuto ou papel específico à rainha consorte, exceto no caso da morte do rei em exercício, o que a tornaria regente até o herdeiro ou herdeira, como a princesa Leonor, atingir a maioridade. Também não lhe atribui tarefas ou deveres específicos, pelo que as atividades que agora desenvolve, altamente visíveis para o público, são da sua própria iniciativa. Para as realizar conta com uma pequena equipa de colaboradores, liderada pelo chefe do seu secretariado, general José Zuleta, duque de Abrantes, com quem estabeleceu uma relação de grande proximidade e confiança. Curro Zufiaur, o chefe do protocolo, é outro dos seus colaboradores mais próximos, tal como o jornalista catalão Jordi Gutiérrez, diretor de comunicações da Casa do Rei. Letizia ocupa o antigo escritório da sogra em La Záuela, que ela despojou de tapetes e tapeçarias e converteu num espaço branco, minimalista e brilhante.

Aí planeia as suas viagens, sobretudo para apoiar os programas da Agência Espanhola de Cooperação para o Desenvolvimento (AECDE), que tem projetos em países tão diversos como a Mauritânia, Senegal, Moçambique, El Salvador, Paraguai, Honduras e Haiti. Pilar Cancela, responsável máxima deste organismo como secretária de Estado, que a acompanha nestas viagens, tem uma opinião

Centrada na sobrevivência do sistema monárquico, Letizia tem na preparação da princesa herdeira da coroa a principal preocupação. Leonor atinge a maioridade em 2023: vai tornar-se oficialmente parte do mecanismo sucessório

formada sobre a rainha e não se importa de a partilhar: "Pensava que ela era fria e distante, mas o resultado é que se revelou profissional, muito normal e ate divertida", disse Cancela após uma exaustiva viagem à Mauritânia. "Ela sabe o que temos vindo a fazer e o seu papel é fundamental para tornar os nossos projetos de solidariedade conhecidos no mundo. A rainha não é uma jarra de flores."

Anfitriã perfeita

Essa tarefa de representação tem sido evidente em ocasiões recentes, tais como a cimeira da NATO realizada em Madrid em junho passado, onde Letizia se distinguiu como uma anfitriã perfeita. A imprensa internacional concentrou-se não só no estilo muito comentado da rainha espanhola, mas também no conhecimento que ela demonstrou perante os seus vários interlocutores sobre assuntos internacionais da atualidade e o funcionamento interno da organização atlântica. Meios de comunicação influentes como "The Washington Post" e "The Wall Street Journal" destacaram o tratamento especial dos monarcas espanhóis ao presidente dos EUA e a proximidade que Letizia fomentou tanto com Joe Biden como com a sua esposa Jill durante a sua estada em Madrid.

Escrive os seus discursos pessoalmente e estuda os dados e informações sobre as pessoas que vai receber em audiência ou que vai encontrar em eventos públicos. Ao longo dos anos, aperfeiçoou o seu inglês, que já estava a um nível elevado durante o seu tempo como jornalista, aprendeu francês e é capaz de dizer algumas frases em alemão. É claro que sabe expressar-se nas línguas cooficiais de Espanha, galego, basco e catalão, e fá-lo em todas as ocasiões. Desde que se tornou esposa de Felipe, fez 110 viagens com o rei e 36 a solo; participou em 3850 eventos públicos, 954 a solo, e fez 191 discursos. Recebe um subsídio financeiro anual de €142 mil brutos do Orçamento Geral do Estado (OGE). O marido recebe €259 mil e a sogra €116 mil. Juan Carlos não recebeu um centavo dos cofres do Estado desde que o seu filho decidiu retirar-lhe o subsídio em 2020. O orçamento total da casa real espanhola é de €8,5 milhões por ano, o mais baixo entre as casas reais europeias. Como parte do seu compromisso formal com a transparéncia na Casa do Rei, Felipe VI tornou público recentemente o montante da sua riqueza pessoal, que ascende a €2,5 milhões. Letizia não tem qualquer obrigação de o fazer.

A dedicação ao trabalho e ao que a rainha considera ser a sua principal missão, a educação das suas filhas Leonor e Sofia, não impede Letizia Ortiz de manter alguma vida privada desde que entrou para a família real. Tenta não realizar eventos oficiais aos

fins de semana e dedica uma boa parte deles ao cultivo de um dos seus passatempos favoritos, o cinema. Ela vai, com o marido ou com amigos, vestida informalmente e protegida por um discreto aparelho de segurança, à exibição de filmes na sua versão original. Entra sempre na sala com as luzes apagadas, e é comum o casal ou o grupo tomar uma bebida num dos restaurantes próximos após a exibição. Os seus gostos musicais são semelhantes aos de qualquer pessoa da sua idade e percurso, e assiste frequentemente a concertos de figuras conhecidas como Alejandro Sanz, Pablo Alborán, Joaquín Sabina e David Bisbal, entre outros. Tem um pequeno grupo de amigos, quase todos do mundo do jornalismo, que a mantém atualizada e observam uma discrição absoluta. A atriz Penélope Cruz e a esposa do primeiro ministro, Begona Gómez, com quem se dá muito bem, são também consideradas suas amigas íntimas.

As suas férias de verão dão quase sempre origem a controvérsia. Letizia não gosta do plano de verão de uma estada prolongada em Maiorca, onde dispõem do Palácio de Marivent e de vários pavilhões familiares para os filhos de Juan Carlos e Sofia. Os seus sogros, as suas cunhadas e o resto da família passam tradicionalmente o verão nesta ilha no arquipélago das Baleares, onde são recebidos pela alta sociedade maiorquina, conscientes da atração turística que a presença da família real representa para as ilhas. Juan Carlos e Felipe navegam ali durante anos; os diversos barcos tripulados pelos monarcas e seus próximos estão aí fundeados. Esta concentração familiar mais ou menos obrigatória não é do agrado da rainha, pelo que reduziu ao mínimo as suas estadias no local. Não gosta de regatas, esqui ou caça, atividades tradicionalmente associadas à aristocracia. Todos os verões ela planeia uma escapadela familiar no maior segredo, embora haja sempre um turista espanhol que se cruza com o casal e as suas filhas numa ilha grega ou num resort exclusivo nas Bahamas.

Inspiradora de moda

Letizia, que sempre se queixou de ser julgada mais pela sua aparência e guarda-roupa do que pelo seu trabalho, é sem dúvida uma referência de estilo de primeira magnitude. Habituada a aparecer elegante e impecável diante das câmaras de televisão, a rainha é escrutinada de perto nas suas aparições públicas. Em 2013, a versão americana da revista "Vanity Fair" (Condé Nast) incluiu-a entre as dez mulheres mais bem vestidas do mundo. E tanto pode brilhar num vestido sofisticado da Carolina Herrera ou da Pertegaz num evento oficial em Espanha ou no estrangeiro, como numa roupa de €50 da Zara ou Mango que logo se torna uma encomenda viral

nos websites destas marcas de moda. A sua aparência atlética, moldada quando criança nas aulas de ballet clássico e agora através de sessões de ginástica, favorece as suas aparições com as últimas modas, ainda que, preocupada com questões de sustentabilidade ambiental e atenta às práticas de reutilização e reciclagem, não se importe de usar roupa da sogra ou da filha mais velha e repetir outras usadas em ocasiões anteriores.

Não pinta o seu já abundante cabelo cinzento e mantém a mesma cabeleireira e maquilhadora que tinha na TVE como apresentadora de notícias. Felipe Varela e Lorenzo Caprile têm sido os seus criadores nacionais favoritos, mas não desdenha as novas tendências de criadores ousados como Palomo Espanha ou Mónica Nieto. Goza de uma saúde férrea, que desmente os rumores de problemas alimentares devido à sua magreza, e a única doença que se sabe ter é a metatarsalgia nos pés, devido ao uso contínuo de saltos altos. Contratou uma estilista, Eva Fernández, que aconselha no seu guarda-roupa, consciente de que a moda espanhola dá prestígio internacional a uma indústria que movimenta mais de €2600 milhões por ano.

Agora, a principal preocupação de Letizia Ortiz, centrada na sobrevivência do sistema monárquico em Espanha, é o cuidado e a preparação da princesa herdeira da coroa, Leonor, que atingirá a maioridade em 2023 e se tornará oficialmente parte do mecanismo sucessório mediante o juramento da Constituição num ato solene no Congresso dos Deputados. Embora o rei e a rainha se tenham assegurado de que as suas filhas levam uma vida tão normal quanto possível, Leonor, que está nos seus dois últimos anos de liceu numa prestigiada escola secular no País de Gales, está bem ciente do seu papel como herdeira e está a treinar para o seu futuro como oradora em eventos públicos. Todos os anos preside à cerimónia de entrega dos prémios que têm o seu nome, os Príncipes das Astúrias, e mostra-se à vontade e acessível nas suas aparições. Receberá provavelmente treino militar nas três academias, realizará, tal como o seu pai, o rei Felipe, um cruzeiro a volta do mundo no navio-escola "Juan Sebastián de Elcano" e obterá o seu certificado de piloto na base de San Javier em Múrcia. Embora os detalhes do seu plano de formação ainda não tenham sido decididos, ela irá para a universidade — é muito boa estudante — e obterá uma licenciatura numa matéria da sua escolha. Este é o horizonte da rainha dos espanhóis do século XXI. ●

e@expresso.impresa.pt

Tradução Aida Macedo



Entrevista
João Luís Barreto Guimarães
Prémio Pessoa 2022

O poeta contemporâneo não pode ser autista da sua própria sociedade”

O novo Prémio Pessoa, dividido entre a arte poética e a arte de esculpir um corpo através da medicina reconstrutiva, defende o poema como uma máquina verbal que se burila. Com 12 livros publicados, lançará “Aberto Todos os Dias” a 12 de janeiro, de onde retira para o Expresso três poemas inéditos



POR VALDEMAR CRUZ (TEXTO)
E RUI DUARTE SILVA (FOTOGRAFIAS)



N

ascido e criado numa família vasta, cujo quotidiano sempre foi muito marcado pela medicina, João Luís Barreto Guimarães, 55 anos, é o segundo de quatro irmãos, três deles médicos e uma médica dentista. Tem o café e o elemento de estranheza e absurdo associado a quem o frequenta como fonte privilegiada de criação, ao ponto de um dos seus livros, "Lugares Comuns", ser constituído por 52 poemas passados à mesa de um café do Porto, cidade onde nasceu e reside. Faz da viagem um momento de reflexão e recolha de sons, ideias, imagens capazes de rechear o báutio onde acondiciona possível material poético. Estreia-se em 1989, aos 22 anos, com "Há Violinos na Tribo", numa edição financiada pelo pai. A primeira frase do primeiro poema é "estamos dentro dos dias" e na última estrofe escreve: "O tempo avança por sítabas", que 30 anos depois dá título à sua primeira antologia pessoal. Esse livro traz-lhe respostas entusiásticas de nomes grandes da poesia, como Al Berto, Egito Gonçalves ou Pedro Támen, e abre-lhe as portas da amizade de com Manuel António Pina ou Jorge de Sousa Braga, também médico, e com quem alimenta o blogue "Poesia & Ld". Distinguido com prestigiados prémios e traduzido em várias línguas, a sua "Poesia Reunida" (2011) recebeu a primeira crítica alguma vez feita pelo "Times Literary Supplement" a um livro em língua portuguesa não traduzido. Assina a sua poesia com quatro nomes, em homenagem a João Miguel Fernandes Jorge, que vê como um mestre. Tal como Jorge Sousa Braga, Miguel Torga, o alemão Friedrich Schiller, o norte-americano William Carlos Williams ou o checo Miroslav Holub, é médico. E, no entanto, divide-se entre a ideia de se ver como um médico que escreve poesia ou um poeta a exercer medicina.

Após a atribuição do Prémio Pessoa, contactei-o para agendar esta conversa e logo se manifestou aliviado por ter ainda alguns dias, visto precisar de parar e assentear ideias devido

ao rebolico criado. O prémio veio criar-lhe uma realidade nova?

Veio. A qual ainda não sei avaliar. Em 1950, quando perguntaram ao primeiro primeiro-ministro chinês Zhou Enlai quais as implicações da Revolução Francesa, ocorrida em 1789, ele respondeu: "Ainda é cedo para dizer." Eu estou quase aí. Quando recebi o telefonema do dr. Pinto Balsemão estava em casa, com a Teresa, a minha mulher, e a Francisca, a minha filha, e preparava-me para ver o França-Márcocos. Foi tanta a alegria do espanto que ninguém verbalizou nada de verdadeiramente surpreendente. Estive muito tranquilo na manhã de quinta-feira a preparar as cirurgias da tarde. Mas assim que, ao meio-dia, foi anunciado o prémio, dali até às duas da tarde o que posso dizer é que, mesmo já tendo recebido a notícia na véspera, foi uma sensação avassaladora. Ao mesmo tempo, sem querer parecer ingratuíto, não é o fundamental. Estou desejoso de que tudo isto passe e que eu volte aos caderninhos, às canetas, à minha mesa de café, volte à matéria-prima, e continue a desafiar-me a mim próprio para criar objetos originais. Mas nunca mais me vai abandonar a impressão de que o nível de responsabilidade escala-lou de uma forma brutal.

Acaba por ser uma sorte já ter o próximo livro pronto a publicar?

Essa foi uma das primeiras coisas em que pensei. Não querendo comparar, fala-se muito do síndrome de Estocolmo de Wislawa Szymborska (poetisa polaca, 1923-2012). Ela esteve cerca de nove anos entre um livro e o seguinte quando lhe aconteceu o prémio Nobel. Num evento desta importância, quando

olhamos para a constituição do júri, onde estão pessoas que admirei toda a minha vida adulta até hoje, mas fundamentalmente quando se olha para a lista das pessoas que já receberam o prémio, é avassalador. Preciso de respirar fundo. Voltar à matéria do mundo, voltar as palavras, provar a mim próprio que continuo a saber fazer poesia depois de um prémio desta importância.

Isso assusta-o?

Não, não me assusta porque vai ser um extraordinário desafio. Mas não deixo de repetir que me sinto profundamente aliviado por o próximo livro já estar na gráfica, provavelmente impresso e encadernado para sair no dia 12 de janeiro. De repente ganhei dois ou três anos. Mas quero continuar o mesmo. Já agora, faço um compromisso consigo. Quero chegar a 2024-2025 e fazer um livro que o Valdemar olhe para aqueles 40 poemas e diga: "Ele não se deslumbrou e continuou a trabalhar a linguagem, continuou a olhar para o mundo, não perdeu ideias, não perdeu a sua consciência social."

Está agora a preparar uma nova

"Poesia Reunida" e em 2019 publicou a antologia pessoal "O Tempo Avança por Sítabas", com a qual abrange toda a sua obra até àquele momento. Não há o risco de passar para o leitor a mensagem de que aqueles são os bons poemas?

São 50 poemas até o primeiro livro editado na Quetzal e 50 a partir daí. Tentei que houvesse um equilíbrio. Não é para mim um dilema. Fui lendo, constatei que fui progressivamente seleccionando mais poemas dos livros mais recentes, mas concordo

que provavelmente foi a leitura que fiz naquela data. Logo a seguir surgiu a mesma antologia no Brasil, já depois de sair "Movimento" (2020), mas aí com 150 poemas. Essa antologia acabou por ser traduzida na Croácia, onde acrescentaram mais um poema, o do sr. Lopes. Na Macedónia foi exatamente a mesma antologia portuguesa.

Como é que o personagem sr. Lopes entra na sua poesia? É um arquétipo?

Sim, é um arquétipo. É alguém que aspira ao grande poder, mas, em boa verdade, domina o pequeno poder. Tem a capacidade de influenciar o quotidiano e a felicidade dos outros, mas é um indivíduo vil, mesquinho, mediocre, que venho a desenvolver em livros posteriores. Já apareceu nuns sete poemas. Primeiro num livro de 2006, chamado "Luz Última", que é um livro de transição entre "Rés-do-Chão" (2003) e "A Parte pelo Todo" (2009). O projeto de "Rés-do-Chão" é significativamente diferente, quer do livro que escrevi em prosa poética, "Lugares Comuns" (2000), quer dos três primeiros livros de sonetos com que tinha iniciado a minha obra. Na linha de poesia coloquial e quotidiana que tinha vindo a escrever pretendia plasmar o amor conjugal.

Havia algum impulso pessoal?

Tinha acabado de casar. Tinha tido a minha filha. Fiz esse primeiro livro mais centrado na casa e nas ruas mais próximas, e quando estou a escrever o livro seguinte, que ainda não tinha título, sou surpreendido pela morte do meu pai. O livro acaba por ser um híbrido entre o desenvolvimento da ideia de "Rés-do-Chão" e aquilo que

66

Acho que um poema se escreve mais rapidamente do que se revê. Pode-se rever o poema durante uma eternidade. Normalmente, estou dois ou três anos a rever"



vem a ser o processo de luto que levo a cabo em "A Parte pelo Todo" (2009), que parte de uma epígrafe de Emily Dickinson ("First – Chill – then Stupor – then the letting go"). Naquele livro híbrido que é "Luz Ultima" surge este personagem, o sr. Lopes, que é um indivíduo identificável na comunidade de que eu pretendia descrever.

Quando é que uma experiência se faz poema?

Esse é o poder da poesia. Parte da experiência individual, e essa experiência é transfigurada pelo autor de forma que adquira um caráter de universalidade. O poema na realidade existe não no momento em que é escrito nem quando é publicado. Existe no momento em que é lido por alguém. Como é lido por diferentes pessoas, um poema são vários poemas. O poema é qualquer coisa que está a caminho a partir do momento em que sai

da gaveta. Porque há uma responsabilidade ética e estética no ato de tirar o poema da gaveta.

Tirar da gaveta corresponde ao momento em que o poeta considera o poema concluído ou isso nunca se verifica?

O Paul Valéry (1871-1945) diz que os poemas nunca estão terminados, estão meramente abandonados. Dou imensa importância ao ato da revisão. Acho que um poema se escreve mais rapidamente do que se revê. Pode rever-se o poema durante uma eternidade. Normalmente estou dois ou três anos a rever, que tem sido a periodicidade com que tenho publicado livros.

Quando é que percebe que o poema está terminado?

É quando começo a corrigir e a desfazer as correções. Ando com o mesmo verso para a frente e para trás,

corrigindo, até que há um ponto em que tenho verdadeiramente de optar se vou com esta ou com aquela palavra, se vou com esta ou com aquela imagem.

Sob pena de começar a dar origem a outro poema?

Não sei se a transformação de que estou a falar é tão radical que possa dizer que é outro poema. Na essência, tem razão. Porque, se há dois poemas que diferem numa palavra e se essa palavra for primacial no poema, podemos verdadeiramente estar a falar de dois poemas diferentes. Neste processo de revisão é que percebo que chego a um beco sem saída. Tenho de optar por uma das situações, e público. Mas quando o poema aparece no livro, com a fonte da editora, com o tamanho de caráter da editora, a caneta vai lá e tenho às vezes a impressão de que não é aquela palavra e de que não é aquele o sítio onde o verso corta.

Aí impõe-se a componente visual, também essencial na poesia...

Sim, claro. Porque o poema é uma esculptura de som, como creio que dizia António Barahona. Gosto muito do poema curto, condensado, sintético, elíptico, que caiba dentro da página. Acho que ganha imenso pelo facto de de todo aquele silêncio à volta, aquela moldura de espaço branco. É quase uma instalação na página.

É uma questão estética?

Há uma questão estética na forma como os poemas cortam. Aquilo não é uma escadinha qualquer. Há uma força vital, há uma respiração, há um ritmo, que é o ritmo da voz, que determina como o poema esculpe. Sendo certo que o poema não é só som. É som e imagem.

Isso é interessante, porque nos primeiros livros aparece muito seduzido pela forma do soneto...

E no início não percebi porqué. O soneto, com as suas duas quadras e dois terços, permitia-me falar de dentro de um espaço, de dentro de uma casa com quatro quartos. Começava com minúscula e terminava sem ponto final. Para cada tema ocupava aquele espaço para falar. Sem perceber, tinha uma arquitetura externa que me dava a casa.

Era uma zona de conforto?

Era. O soneto, para mim, foi um alicerce. Mas a certa altura torna-se um espalhiflo e uma prisão. Parece que a voz quer rebentar quer sair daqueles quartos e precisa do verso livre. Assim vai acontecer. Em "Lugares Comuns" são 52 poemas passados numa mesa de café, em concreto o Café Corcel, em Pinheiro Manso, na Avenida da Boavista. Faço ali uma pausa sem perceber muito bem porquê na altura, mas claramente para me libertar do soneto. Há vários momentos que identifico como marcantes neste percurso poético. Um deles é a necessidade de que tenho no 5º ano da especialidade de fazer um estágio no estrangeiro. Opto por Nova Iorque, onde absorvo uma outra poética que me ajuda, com uma influência muito relevante da poesia americana e, por extensão, da poesia anglo-saxônica. Imagine o Walt Whitman com o seu verso livre. Ou William Carlos Williams ou Robert Lowell, que me permite encontrar uma linguagem, em termos de forma, que me liberta completamente do soneto. Claramente, no segundo livro há uma guerra entre a forma externa, e a lógica, interna. Esse conflito faz com que nunca mais tenha voltado à forma do soneto e nunca mais queira ter esse espalhiflo, para que o poema se escupe pela ideia, pelo som, fundamentalmente pela lógica, que é o que mais tarde venho a encontrar nos poetas de Leste, que é algo que serve melhor a minha voz.

Há em si uma grande proximidade com poetas do Leste europeu. Quais são as raízes dessa preferência?

Há explicações estéticas, lógicas e até circunstanciais. Sempre tive uma relação de proximidade com o Jorge de Sousa Braga e conversávamos muito sobre o que cada um andava a ler. Uma vez, por coincidência, cruzamo-nos em Praga, onde me mostrou um livro do poeta polaco Adam Zagajewsky (1945-2021). Gostei tanto que mais tarde venho a ser amigo do Zagajewsky. Ele tem uma poesia em que aborda a vida contemplativa com um certo misticismo, mas fazendo uma referência muito concreta à geografia e mesclando a sua experiência individual com a experiência histórica. Há

muito significado para desvendar nesse tipo de poemas. Depois têm uma ironia subtil, ao misturarem o tempo atual com um tempo ideal, numa espécie de mistura entre Kairós e Khronos. É ali criada uma grande densidade, que verdadeiramente é aquilo que o poeta procura. Trata-se de não experimentar os lugares meramente como um observador ou como um turista, mas perceber a densidade dos lugares. O que significa preparar a viagem. Muitas vezes o lugar não nos dá o que o lugar significa.

No livro “Você Está Aqui” tem um poema intitulado ‘Dublin não me deu um poema’, em que a página em branco é complementada com uma nota de rodapé aparentemente apenas explicativa...

Obviamente, a ironia é o poema estar escrito na nota de rodapé. O que significa que nunca abandonei essa ideia. No limite, é sempre possível jogar com a forma e sobretudo com a expectativa que o leitor tem daquilo que vai ser a forma. Esse poema que referiu está numa página par, o que significa que quando se volta a página o espaço está em branco. E ainda há um gesto mais radical do que esse na sequência dos poemas do luto em "A Parte pelo Todo". Quando se vira a página para o poema com o título do livro, o que aparece é uma página em branco, em silêncio. Na micronarrativa do livro, corresponde ao momento em que o corpo do meu pai desce à terra.

Com todas essas preocupações com a forma, como é o seu processo de escrita? Escreve à mão?

Curiosamente, os leitores terão a ideia de que o poeta passa mais tempo a escrever do que o que na realidade acontece. A maior parte das vezes que estou a escrever estou a ler poesia. Isso pode acontecer no intervalo do trabalho, num café ou em casa. Começo sempre com pequenos versos. Às vezes, uma palavra, que anoto em caderninhos. Tenho muitos, pequeninos, para serem portáteis, para anotar, porque se não perdem-se.

Também quando está a operar?

Na verdade, quando estou a operar, estou muito focado no resultado e na rapidez de execução do procedimento. Fora disso, se tiver sorte, anoto um verso inteiro. E se tiver muitíssima sorte, consigo escrever o poema, que é sempre um esboço que irei rever numerosíssimas vezes.

Acontece-lhe sair de rajada um poema inteiro?

Acontece-me. Felizmente. Não é algo que aconteça frequentemente.

POEMAS INÉDITOS

Comentário sobre os velhos

Alguém tem de ir à frente. A ir alguém que vão os velhos. Se formos a pensar bem para que é que os velhos servem? A maior parte

não faz nada. Estão quase sempre doentes. Em rigor só dão trabalho. Consomem recursos

imensos. A ter de ir alguém à frente (é bom de ver:) que vão eles. Nós temos objectivos. Toda uma vida pela frente. Molhando as calças de pingos. Lançando pão d'ontem aos pombos.

Inédito de "Alberto Todos os Dias" (Quetzal, janeiro de 2023)

A palavra verdade

Primeiro quiseram levá-la (sem uma boa razão) algemou-se ao poema no ponto mais frágil do verso. Tentaram depois esquartejá-la

(rasgá-la silaba a silaba) mas as letras arrojadas mantiveram-se unidas como numa cicatriz. Tentam agora ocultá-la (apondo-lhe a veda azul) quanto mais a pressionam tanto mais se deixa ler num relevo de sudário.

Inédito de "Alberto Todos os Dias" (Quetzal, janeiro de 2023)

Embora depois o poema vá demorar muitos meses até estar concluído. Porque o meu processo de revisão passa por copiar o poema numerosas vezes de bloco para bloco, com canetas especiais, muito finas, com cores específicas. Não podem ser as mesmas canetas que utilizo nos processos clínicos, que são normalmente grossas. Há logo ali um princípio de preocupação estética. Tenho de perceber como é que aquelas palavras, como é que aqueles versos, se apresentam no papel. Depois pode-me acontecer trocar a ordem dos versos na revisão. O mais frequente é trocar uma palavra por outra. Durante a pandemia só registei. Há, no meu caso, a consciência de que o poema é uma máquina verbal que se trabalha, que se burila.

Estabelece alguma semelhança com a cirurgia reconstrutiva, a sua especialidade?

É verdade. Também se risca na pele. Inicialmente risca-se a pele do doente com uma caneta. Elimina-se a neoplasia, o excesso, o que é a gordura da prosa, e ficamos reduzidos...

Aí já está a falar do poema...

De alguma forma estou a falar das duas coisas. Seja com uma caneta, seja com um bisturi na mão, há ali uma eliminação do excesso para uma concentração máxima, para que esse segundo momento da escrita, o da revisão, me encaminha, e que tem óbvias semelhanças com o que na nossa especialidade se faz com o bisturi.

Fico tentado a pensar que há poesia no ato cirúrgico...

Se entendermos a poesia como a mãe de todas as artes, e todos os criadores são artesãos, a minha especialidade tem alguma coisa de escultura. É possível dizer que há algo do poético no resultado estético que se obtém.

Mencionou o tempo da pandemia. Alterou o seu processo criativo?

No princípio estávamos todos muito assustados. Coube-me trabalhar em equipas de trauma, em situações relacionadas com reconstrução, cujas cirurgias, porque se inseriam no âmbito da urgência, não podiam esperar. Tivemos no início de fazer algumas cirurgias equipados com autênticos escafandros, com muito pouca mobilidade para trabalhar, em condições físicas muito difíceis. A cirurgia plástica trabalha muito na face e na cabeça, portanto muito próximo do sitio por onde o doente respira e por onde nos podia infetar. Quando as vacinas vieram, percebemos que iriam ser a solução.

Nesse período havia espaço mental para a poesia?

Havia sempre a capacidade de percecionar onde estava o absurdo e o irônico naquilo que nos era dado constatar. Há imagens potencialmente poéticas. Por exemplo, vemos uma fila de cadeiras em que há uma que é preenchida e a outra não é, e por aí fora. Essa imagem é passível de ser introduzida num poema, e assim aconteceu num dos poemas de "Movimento". De início, talvez por estar a viver intensamente a situação no hospital, tive a percepção de que não era um assunto para a poesia. Nunca tive tempo para aquela segunda parte da escrita, que é a da revisão, e portanto durante aquele período limitei-me a colecionar palavras, imagens, ideias.

Em conversa com um amigo comum e grande leitor de poesia, ele apontava – o como um dos raros poetas com uma poesia feliz. Concorda ou quem escreve que a felicidade “entra em casa em sacos de supermercado” vê essa ideia como pouco interessante para a construção poética?

Todos esses versos têm de ser lidos através da clave da ironia. O Egito Gonçalves (1920-2001) dizia que a felicidade não tem história. Ou seja, o quotidiano sim, mas sempre visto do lado do acidente, do defeito, da falha, da ferida, da úlcera. Visto sempre do avesso, do lado errado. Tento perceber, no res-dos-chão da escrita, o que há de poesia no meio das coisas. Não se pode falar de algo que é tão próximo e banal com uma linguagem que não seja a da originalidade e da criatividade. Isto cria um desafio e uma dificuldade terrível, porque exige da parte do autor uma procura, uma exigência com as imagens, as ideias e os pontos de vista. Mas é necessário descobrir uma linguagem que não se limite às palavras e seja uma linguagem nova. De livro para livro. É um processo muito desafiante.

De quem é a voz da sua poesia? Quem é aquele que diz: “Deus e o meu pai morreram no mesmo dia”? Ainda por cima quando há uma recorrente presença de Deus numa poesia que chega a perguntar: “Por que razão não está Deus/nos lugares desfavorecidos?/ Deus ainda acredita em Deus?” Como é a sua relação com a ideia do divino?

Aquele primeiro verso que citou é um verso terrível. Deus é um assunto mal resolvido. Parece que o deus abstrato, o deus-ideia, já o resolvi. Da mesma maneira que os poetas gregos recorrentemente trazem a mitologia grega à sua escrita, eu, que tenho uma formação judaico-cristã, trago à minha escrita Deus, o Pai, o Filho e o Espírito

POEMAS INÉDITOS

O poeta

Foi visto
(diversas vezes) com uma
caneta na mão. Nem
tentava disfarçar. Sentava-se à
mesa consigo
(sempre
cingido de livros) e escutem:
o que fazia era
escrever poemas. Sei muito bem
o que digo.
Ele fazia poemas. Os outros
passavam ao largo
(fugindo a qualquer pergunta)
ele nem
sequer escondia o que ali estava
a fazer. Ali
à frente
de todos. Linhas e linhas
escritas.
Não se limitava a ler.
Não se limitava apenas a viver
a sua vida.
Sei muito bem o
que digo. Aquilo eram
poemas.

Inédito de “Aberto Todos os Dias” (Quetzal, janeiro de 2023)

Santo. Normalmente com um cunho cómico. O que tenho de perceber é se se destina a ser sarcástico ou se não será a minha aproximação possível ao assunto religioso depois que o meu pai morreu. Tenho um poema muito cruel no livro “A Parte pelo Todo”. Chama-se ‘DNA’, que em termos biológicos significa “deoxyribonucleic acid”, que é a molécula da vida. O título é ‘DNA’ mas o poema tem uma só linha escrita em latim, para que Deus comprenda bem o que estou a dizer: “Deus non auctoris.” Correspondem as iniciais DNA. Digo que é cruel porque, depois desta visão quase infantil de dizer que Deus morreu para mim no mesmo dia em que me “levou” o meu pai, atiro-a lá para, em latim, que do ácido desoxirribonucleico, que supostamente criou ao criar a vida, ele não é o autor. É evidente que isto é um desafio de esticar ao limite. Se quisesse ignorar completamente a religião e a existência ou não de Deus, não publicava poemas sobre isso. Faço uma coisa diferente, que é trazer o assunto à minha poesia e tentar magoar uma ideia que é muito superior a mim e muitíssimo maior do que eu.

O seu primeiro livro, “Há Violinos na Tribô”, é dedicado aos seus pais. Que influência tiveram no seu percurso?

O meu pai também era médico e era de Espargo, em Santa Maria da Feira. A minha mãe era de Guimarães e eu nasci na Casa de Saúde da Boavista, no mesmo bloco operatório onde agora ocasionalmente opero. Não tenho memória de haver muitos livros de poesia em casa dos meus pais. O meu pai era nefrologista. Dava aulas nas Biomédicas, onde agora também dou aulas e onde fiz o curso. A minha mãe era professora de Físico-Químicas no Liceu Garcia de Orta. Lia mais do que o meu pai e lia mais ficção. Lembro-me de que tinha todo o Aquilino Ribeiro, todo o Camilo, todo o Júlio Diniz, todo o Eça. Mas tinha uma paixão por António Gedeão, cuja poesiaizia frequentemente. Os primeiros poemas que me lembro de ter escrito também era rimados.

Quando é que começou a escrever poesia?

Julglo que terá sido já no liceu. O momento que recordo em que comecei a interessar-me por poesia foi nas aulas de Português de uma professora chamada Eduarda Lemos, no Liceu Garcia de Orta, quando nos ensina Cesário Verde e nos apresenta “Um Bairro Moderno”. É um momento seminal. Se tivesse de encontrar uma razão pela qual escrevo poesia, e pensando que a poesia é som e imagem, a única coisa que consigo dizer é que os meus pais

sempre fizeram questão que os quatro filhos tivessem uma educação musical. Os meus pais tinham uma paixão muito grande por música clássica. Nos passeios de fim de semana ou nas viagens feitas pela Europa durante uma década a banda sonora era assegurada por cassetes de música clássica. É difícil materializar quanto daquela música e quanto daquelas imagens se inscreveram em mim.

Os seus pais nunca lhe disseram para se deixar de poesias?

Não. Pelo contrário, mesmo não compreendendo totalmente aquela linguagem. Há que perceber que, para o que era a poesia da época, são poemas ousados e rebeldes. Há uma subversão dentro da estrutura do próprio sone-to. O meu pai pagou a edição do meu primeiro livro, que custou 125 contos. Na altura era muito dinheiro. Aquilo funcionou como um ato de confiança da parte deles. Logo na apresentação venderam-se muitos exemplares e tratei de restituir rapidamente ao meu pai o valor inicial.

Quando saiu o seu primeiro livro já estava no curso de Medicina. Como conciliava o estudo com a poesia?

Provavelmente com notas mais baixas a medicina. O primeiro livro sai e ainda não tinha acabado o curso. O segundo sai e ainda não tinha escolhido a especialidade.

A minha pergunta tem sobretudo a ver com a ideia de que não é possível ser-se escritor, ser-se poeta, sem muitas leituras...

Sim, claro. Eu tinha três aspectos na minha vida que me interessavam muito. A minha namorada, com quem venho a casar. É médica. Foi a fundadora da unidade de oncologia médica no Hospital dos Lusadas, no Porto. A poesia e a medicina. Durante os seis anos da especialidade não publiquei significativamente. No 6º ano da especialidade publiquei três livros: uma antologia de poemas sobre gatos, na qual contei com a ajuda de Eugénio de Andrade, a quem cheguei por a minha mãe ser criadora de gatos persas, que ele conhece numa exposição em Gaia. Publiquei o “Lugares Comuns” e o “3”, que é uma reunião dos três primeiros livros. No final do 5º ano, no célebre e fatídico setembro de 2001, parti para Nova Iorque.

Porquê?

Por três razões diferentes, justificadas a três grupos de pessoas diferentes. À família disse que queria ir para Nova Iorque porque o meu avô Francisco, pai do meu pai, tinha estado emigrado em Newark durante sete

66

anos. Trabalhava no cais, lavava cascos de navios, sem saber uma palavra de inglês. A minha razão pessoal é que queria muito visitar o Whitney Museum e ver a obra completa de Edward Hopper (1882-1967), que aparece na capa do livro "3", publicado na Gótica, e volta a estar na capa de "Rés-do-Chão", que fala do mais difícil dos temas: a felicidade e o amor conjugal. Então, pus-me a procurar o que havia de cirurgia plástica e reconstrutiva em Nova Iorque. Descobri um hospital fabuloso, chamado Memorial Sloan Kettering Cancer Center, que é uma espécie de IPO em tamanho gigante, e onde fui aceite. Foi essa a explicação que dei ao então meu diretor de serviço. Tinha escolhido Nova Iorque porque a cirurgia plástica reconstrutiva da mama era extraordinária. E é. É um dos melhores centros do mundo.

Apanhou lá o II de Setembro?

Fui surpreendido, como o mundo inteiro. Fui a 30 de agosto, passei lá todo o mês de setembro e vim no início de outubro. No sábado anterior àquele terça-feira, dia 11, tinha estado no Central Park e tinha escrito um poema chamado 'A Úlcera'. Provavelmente inspirado pelo facto de o Central Park ser um vazio no meio de uma cidade. Nunca consegui acabar esse poema.

Como passa os seus tempos livres?

Há pouco perguntava-me quando é que se lê. Bom, há uns sete anos eu tomei a decisão consciente de me concentrar no serviço de cirurgia plástica do Centro Hospitalar de Gaia/Espinho, no SNS. Havia que fazer uma opção. Tenho um horário no hospital e, quando posso, usando o facto de a poesia ser portátil, aproveito o meu tempo desta maneira. Não tenho propriamente um hobby. Trabalho no hospital, escrevo onde posso.

Como é que aparece a dar aulas de poesia numa faculdade de medicina como o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, cuja divisa é a célebre frase dele: "O médico que apenas sabe de medicina nem medicina sabe"?

O convite para fazer um curso de introdução à poesia destinado a estudantes de Medicina surgiu por parte da drª Coralina Vicente, que entretanto nos deixou. O objetivo não é que os estudantes terminem o curso a saber escrever poemas. A ideia é, utilizando um conjunto vasto de poemas que abordam a temática médico-cirúrgica, escritos por poetas ou outras vozes, desde doentes a médicos, abordar patologias, elementos anatômicos e temas mais vastos, como a alegria, a tristeza, a vida, a morte. Recorremos

Se quisesse ignorar completamente a religião e a existência ou não de Deus, não publicava poemas sobre isso. Faço uma coisa diferente, que é trazer o assunto à minha poesia"

a um cânone que eu próprio, ao longo de seis meses, selecionei e traduzi para falarmos fundamentalmente da voz que fala e de que forma essa voz pode ser uma janela para a alma de quem escreveu o poema. Tenta-se perceber também que tons são esses envolvidos no poema, nomeadamente empatia, humanismo, sofrimento. E, de alguma forma, quando, um dia mais tarde, estes jovens alunos do 2º ano tiverem à frente um doente que fale com a franqueza com que um autor fala no poema, como é que essas situações descritas naqueles poemas podem mimetizar e prepará-los para o choque real. A reação dos alunos tem sido excepcional. Têm manifestado um entusiasmo muito grande.

O que lhe para lá da poesia?

Para desenvolver o lado estético, gosto muito de livros de arte, com especial relevo para a pintura e a arqueologia. Para desenvolver o lado ético, gosto de ler ensaios ou livros de história, alguma filosofia.

Quais são as suas referências poéticas?

É uma família literária que vem de Cesário Verde, passa por Bernardo Soares, Alexandre O'Neill, João Miguel Fernandes Jorge, Manuel António Pina, todos os poetas da minha geração, e uma outra paixão que tenho, que é António Manuel Pires Cabral.

E estrangeiros?

Além Philip Larkin, William Carlos Williams, Robert Lowell, Joseph Brodsky, Charles Simic, Adam Zagajewski, e depois a santíssima trindade polaca: Zbigniew Herbert, Czeslaw Milosz e Wislawa Szymborska. Mas isto é muito

redutor, tanto no que diz respeito aos portugueses quanto aos estrangeiros. Estes são os poetas que tenho a percepção de que, de alguma maneira, contaminaram a minha escrita.

A partir de "A Parte pelo Todo" e "Você Está Aqui", mas com particular ênfase em "Mediterrâneo" e "Nómada", a sua poesia passa a confrontar-se mais com o que está para lá da sua rua, da sua cidade, do seu quotidiano, para se virar para algo mais global, como quando escreve: "Não gosto do Mediterrâneo/transformado em cemitério", quando fala dos campos de concentração nazis em "Os Corvos de Birkenau" ou aborda os contrastes suscitados pelas guerras, como em "As Paredes em Falso", sobre o conflito na ex-Jugoslávia. Há uma outra preocupação com o outro?

Sim, há uma poesia que, quer se queria, quer não, é de um poeta que não fecha os olhos ao seu próprio tempo. Se a poesia já era política nos livros anteriores à reunião de 2011, mais talvez numa dimensão nacional e fundamentalmente pela presença do arquétipo do sr. Lopes, é verdade que a partir da terceira parte do livro "A Parte pelo Todo", onde já aparece o poema do sr. Pio, sobre um imigrante de Leste em Portugal, é uma poética que adquire uma dimensão crítica sobre a sociedade, sobre a integração ou não de imigrantes, sobre os nossos jovens que se deslocam para o exterior, e que não consegue evitar ter esse papel crítico sobre o que é este país ou o que é esta Europa. O papel da poesia também é escrever sobre tantas coisas que nos passam ao lado ou que preferimos olhar para o lado quando acontecem. É o problema da indiferença e

dos interesses que respondem mais às necessidades de quem dirige se manter naquela posição e enganar o povo com pão e circo. O papel da poesia é também escrever sobre o feio, sobre o horrível. A poesia não tem que ser bonita. Tem que ser harmónica, no sentido em que cada palavra transporta em si uma imagem e um som. O poema vai repintar uma certa realidade. Mas o poema pode terminar de uma forma disfórica. Pode ser feio. Pode ser uma cacofonia que custe a dizer, desde que obedeça ao sentido daquilo que tem que defender. Acho muito importante o poeta contemporâneo não ser autista da sua própria sociedade e achar que a poesia é meramente um divertimento, ou uma arte de salão, uma arte burguesa, que incumpe na sua função política, social e de resistência. Nem que a linguagem, para cumprir esta função, tenha que ser a ironia. Ou o sarcasmo. Ou a sátira. E ferir quem tem que ferir. A poesia, se tiver que magoar, vai magoar. E, portanto, ninguém se deixe embalar num poema meramente com o seu som, a sua canção, as suas imagens belas, e não deixe de ler aquilo que entrelinhas está verdadeiramente a fazer o seu trabalho. Aquele lodo prosaico do poema chama a atenção do leitor, enquanto a poesia faz e cumpre a sua função. O poeta tem de ter uma consciência social. O poeta não pode ler só poesia. O poeta tem de estar atento ao mundo.

Vê-se como um médico que faz poesia ou como um poeta que exerce medicina?

Múltiplo. Não distingo. ●



facebook expresso.pt

Expresso

50 anos de Liberdade para pensar

NO DIA EM QUE CELEBRA 50 ANOS, O EXPRESSO SAI EM GRANDE



DIA 6 DE JANEIRO | EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

Uma edição única e comemorativa para guardar em que o seu jornal regressa ao **formato original, com novidades editoriais** e a possibilidade de adquirir o primeiro NFT Expresso com a capa da primeira edição do jornal.



O QUE É QUE APRENDEMOS

O

tempo, o que fazemos dele e o que ele faz de nós. Não é o mesmo atravessar a vida sem realizarmos um verdadeiro confronto com a sua realidade ou, ao contrário, termos a audácia de manter os olhos abertos, disponíveis para interpretar a história não já como automatismo mas como construção.

Na mensagem para a jornada mundial da paz de 2023, o Papa Francisco propõe um balanço da crise da pandemia e recomenda que paremos para interrogarmo-nos. O Papa é muito claro: "Dos momentos de crise, nunca saímos iguais: sai-se melhor ou pior." Por isso, são inexcusáveis as perguntas que nos guiam numa análise deste momento da história: que aprendemos nós com a emergência pandémica? Que caminhos novos sentimo-nos chamados a percorrer para ultrapassar a situação que nos conduziu até aqui? Sentimo-nos ou não capazes de ousar uma cultura capaz de pôr a pessoa humana no centro e de suscitar modelos de desenvolvimento mais respeitosos em relação ao planeta e às outras criaturas? Como podemos tornar melhor o nosso mundo?

Uma série de coisas tornaram-se mais claras. A primeira de todas é a compreensão reforçada de que as variadas crises que estamos a viver (sanitária, ecológica, económica, social...)

VALE A PENA AVALIAR O TEMPO, O QUE FAZEMOS DELE E O QUE ELE FAZ DE NÓS

s balanços são necessários. Esses recordam-nos que talvez exista no mecanismo da história (tanto aquela só nossa como a história do mundo) uma margem para aquilo que um pensamento aprofundado sobre a vida colhe sob a forma de ensinamento. Apesar de tantas vezes a história nos parecer blindada, predefinida e indiferente ao que possamos fazer, é decisivo pensar que não é assim. Vale a pena interrogarmo-nos sobre os caminhos percorridos. Vale a pena avaliar o

estão no fundo interligadas e que somos chamados a um exercício de corresponsabilidade. A segunda é a consciéncia de que precisamos todos uns dos outros, que ninguém se pode salvar sozinho e que o nosso mais precioso recurso é a fraternidade. Nesse sentido, a medida mais urgente seria colocar no centro da arquitetura da existência a palavra "juntos". A terceira é que precisamos de reaprender uma humildade fundamental no que respeita ao futuro. As expectativas que colocámos no progresso, na tecnologia e nas possibilidades da globalização revelaram-se desadequadas. O futuro pede-nos um artesanato humilde para refazermos a esperança num mundo melhor.

No seu discurso de aceitação do Prémio Nobel da Literatura, no ano de 2015, a jornalista e escritora bielorrussa Svetlana Alekseevič contou várias histórias. De facto, quem já contactou com as suas obras não as esquece devido ao impacto que as histórias que relata têm em nós. Ela própria explica a sua missão como a de recoletoira das histórias aparentemente minúsculas da gente comum. "Que faço eu? Recolho a vida do meu tempo. O quotidiano da alma. Aquilo que a grande história normalmente descura, aquilo a que não dá atenção suficiente. Eu ocupo-me da história descurada." Ora uma das histórias acontece num hospital de Cabul, durante a guerra no Afeganistão. Uma comitiva de jornalistas visitava os civis feridos e levava presentes para as crianças. O hospital era uma enorme tenda. Os doentes estavam deitados por terra, cobertos apenas por uma manta. A escritora passou por uma mãe com um filhinho pequeno ao lado. Deixou ao miúdo um pequeno ursinho de peluche, mas achou estranho que ele tivesse recebido o presente agarrrando-o com os dentes. Interrogou, por isso, a mãe: "Porque se comporta ele assim?" A jovem afegã baixou a coberta que tapava o corpo do seu filho. E então alguém teve de amparar nesse momento Svetlana Alekseevič, porque ela desmaiou: não estava preparada para o que acabava de ver. Uma bomba roubara àquele menino os seus braços. ●

AS EXPECTATIVAS
QUE COLOCÁMOS NO PROGRESSO,
NA TECNOLOGIA E NAS
POSSIBILIDADES DA
GLOBALIZAÇÃO REVELARAM-SE
DESADEQUADAS. O FUTURO
PEDE-NOS UM ARTESANATO
HUMILDE PARA REFAZERMOS A
ESPERANÇA NUM MUNDO MELHOR



/ JOSÉ
TOLENTINO
MENDONÇA

Culturas



Pedro Costa, o universal

“Canción de Pedro Costa”, exposição que aborda a obra do cineasta português em Barcelona, vai de seguida para a Corunha. Ainda em Espanha, haverá uma retrospectiva e um seminário. Mas, em clima de homenagem, o autor confessa-se desiludido com o cinema e com Portugal

TEXTO CATARINA BRITES SOARES

N

o meio artístico — e não apenas no cinematográfico — é um nome incontornável. “Poucos cineastas se implicam tanto nas suas convicções e no seu ofício como o português Pedro Costa. Comprometido com os mais desfavorecidos, o seu cinema mostra a realidade mais oculta, resultado do capitalismo mais desenfreado”, lê-se no texto que apresenta uma retrospectiva da obra que terá lugar na Filmoteca da Catalunha, em Barcelona. Pedro Costa procura o tempo que diz que o cinema perdeu. É um mestre da luz e usa-a para visibilizar o que importa: rostos e vozes obliterados. O seu cinema fala de gente real e confronta-nos com quem e com o que não queremos ver. E por isso é celebrado.

Em Espanha está novamente em destaque com uma retrospectiva (a partir de 17 de janeiro) e seminário (13 a 17 de janeiro) na Filmoteca da Catalunha e com a exposição no Centro de Imagem La Virreina “Canción de Pedro Costa” (que abriu a 22 de outubro e está patente até 23 de abril). De Barcelona, a mostra partiu em outubro para a Fundación Luis Seoane, na Corunha, depois de meio ano num espaço pensado ao milímetro.

As salas são escuras. Ilumina-se o importante. Ouven-se vozes. São tristes. Sofridas. Afligem. Entende-se que cantam o que choraram.

Chamam-nos e obrigam-nos a parar, a ouvi-las. As vozes são as de vidas como a de Vitalina Varela e de Ventura, a que o cineasta tem dedicado filmes que assina. “Pedro Costa suscita muito interesse em Espanha, tanto como noutras países. É um cineasta universal”, afirma o curador da exposição, o artista Javier Codesal. “Há pelo menos 20 anos que é oportuno apresentar o seu trabalho num lugar como La Virreina.”

A fase que atravessa a obra do realizador após o último filme, “Vitalina Varela” (2019), premiado com o Leopardo de Ouro no Festival de Locarno, ditou que seria agora. Em “Canción de Pedro Costa”, “o rosto, a voz e a canção surgem



“Já não sei muito bem que trabalho é este, o que quer dizer fazer um filme. Ninguém se pergunta se ainda vale a pena”

PEDRO COSTA

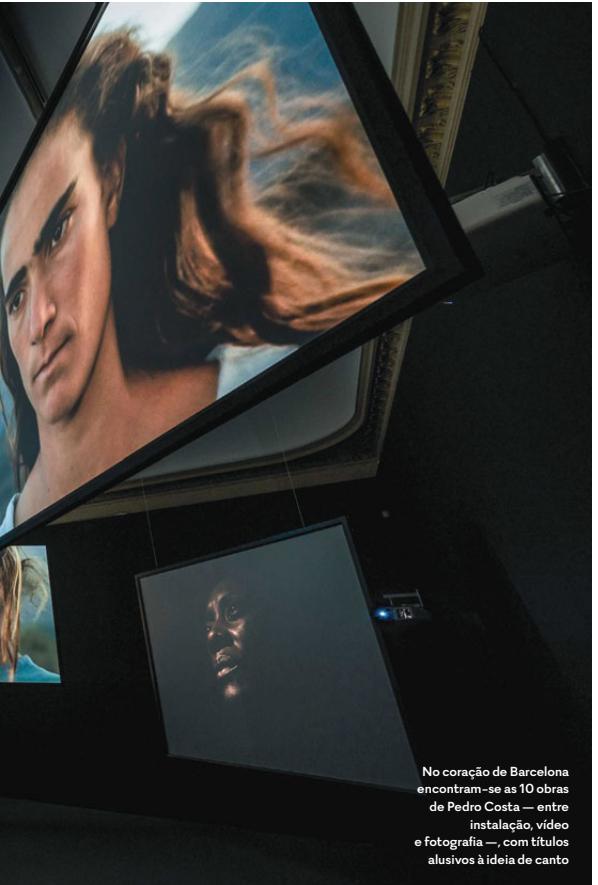
como sinais do mais íntimo de cada um, mas também como resposta à pressão da História e da história pessoal”, lê-se no texto que a apresenta. “Diria que são vozes revoltantemente particulares, porque pertencem àquelas que, por norma, são invisíveis e silenciados pela posição social de subordinação a que foram sujeitos”, acrescenta o curador. “Falam do sofrimento de vítimas da violência histórica. Algumas cantam em crioulo cabo-verdiano, o que faz com que essas vozes sejam inconfundíveis e facilmente situadas.”

A História, com maiúscula, diz Codesal, é algo a que nada nem ninguém pode escapar e que se conjuga com a história próxima,

pessoal e subjetiva. “Na verdade, dizer História soa quase absurdo, porque não há uma ou, se a há, é somente a do poder, que faz com que as circunstâncias não resultem iguais para todos os que pertencem a um grupo, classe ou nação”, refere. “Quando somos confrontados com a história do outro — a de Vitalina ou a de Ventura —, é fácil que esta nos interpele diretamente, mesmo quando se vive noutro país e noutras circunstâncias. Nesse sentido, a história concreta de Vitalina eleva-se a um plano de História e coloca-a em questão.”

FILMAR COM OS RESTOS

Javier Codesal afirma que a exposição permite aferir para



Estão condenadas: nem casa, nem aldeia, nem país. Nunca lhes foi dado o tempo para pensar ou para imaginar. Correm para a morte", lastima. E o cinema idem. "O nosso verdadeiro inimigo é a urgência", lamenta, inconformado. "Perderemos o tempo que for preciso a encontrar as palavras, as maneiras de as dizer e de as fazer ver. Nós filmamos com os restos." Não se trata de uma metáfora, ressalva, porque não são só as ruínas das casas, são os restos de mulheres e de homens. "Restos de nós próprios que também já não sabemos trabalhar inteiros. Mas tenho a sorte de trabalhar no que gosto e sobretudo com quem gosto. Trabalho com pessoas muito sérias e dignas. São a melhor parte do meu país."

Essa parte está patente no coração de Barcelona. As 10 obras — entre instalação, vídeo e fotografia —, com títulos alusivos à ideia de canto, estão distribuídas pelo primeiro andar da Virreina. Cinco exclusivas. Entre elas 'Canções para evitar o suicídio' e 'As nossas vozes não cantarão mais'. "A última é uma canção muito dura, porque narra uma situação desesperada, encarnada por três mulheres cabo-verdianas, migrantes, que querem saber o motivo do seu sofrimento", explica Codesal. "Mas não se rendem face à injustiça", adverte. "A canção permanece em aberto quando dizem: 'Esta música é tão bonita/Há que viver...' ou quando ouvimos 'O nosso sofrimento será convertido em alegria/para a gente do futuro'. E assim é todo o cinema de Pedro Costa."

VIDAS À ALTURA DA HISTÓRIA

A homenagem estende-se à Filmoteca da Catalunha, que lhe volta a dedicar uma retrospectiva. A esta junta-se uma seleção de Costa de títulos que considera referências. "Night of the Demon" (Jacques Tourneur, 1957), "Trás-os-Montes" (António Reis, Margarida Cordeiro, 1976), "Sicilia!" (Danièle Huillet, Jean-Marie Straub, 1999), "Mudar de Vida" (Paulo Rocha, 1966) e "Puissance de la Parole" (Jean-Luc Godard, 1988) foram os escolhidos. Em paralelo o referido seminário sobre a obra do cineasta e a sua extensão no campo da arte contemporânea, e, a 19, uma visita comentada pelo próprio à exposição que a Filmoteca dedica a Manoel de Oliveira.

"Com Pedro Costa há uma relação de vários anos. Já fizemos estreias

onde caminha o realizador. Pedro Costa tem dúvidas. "Só sei que os filmes deviam testemunhar sempre a razão da sua existência e da sua necessidade. Mas já não sei muito bem que trabalho é este, o que quer dizer fazer um filme", desabafa. "Ninguém se pergunta se ainda vale a pena. Nunca acreditei na função social do cinema, mas agora batemos no fundo. O cinema sobrevive à custa de muita mistificação, injustiça e de muita traição", vinca.

Quando Ventura lhe diz "eu trabalho", Pedro Costa acredita. Se Vitalina lhe disser "eu amei", Pedro Costa acredita. Afirma também que acredita no poder que essas palavras podem engendrar

nas pessoas com quem trabalha — refere-se a Vitalina, Ventura e outros protagonistas das suas histórias; não as considera personagens, são as pessoas com quem trabalha, como faz sempre questão de frisar. "Mas quando me perguntam 'e agora?'. Quando não há resposta e é preciso encontrar uma, a primeira sensação é sempre assustadora, a de que o filme não terá fim e a de que não fazemos parte deste cinema de agora — uma atividade vazia, de fachada, de convenção."

Ao Expresso, conta que levou demasiado tempo a livrar-se do que não era preciso e a saber perder tempo. "As pessoas com quem tenho trabalhado não têm tempo, nem dinheiro, nem saúde.

de pelo menos dois dos seus filmes — 'Cavalo e Dinheiro' e 'Vitalina Varela'. Estava claro que faríamos algo mais. Uma vez que na Virreina organizaram a exposição, decidimos que era o momento", explica o diretor, Esteve Riambau. Não é preciso um motivo, esclarece, porque sobram os argumentos para ver e rever o que faz. Lamenta que nomes como o de Costa custem a ser conhecidos. "A falta de comunicação é um problema europeu. As fronteiras entre o cinema espanhol e o italiano, o alemão e o holandês são muito mais impenetráveis do que a presença comum e constante do cinema norte-americano, que ocupa 70% a 80% dos ecrãs europeus, e isso faz com que haja muito pouco espaço para os filmes de cada país e muito menos para as relações entre os europeus."

Pedro Costa fala de Portugal. "Não é raro que alguns dos chamados filmes comerciais portugueses façam seis a sete mil espectadores em 60 ou 70 salas do país", replica. Os seus, aponta, estreiam em três ou quatro e rondam os cinco mil. "Não quer isto dizer que queira fazer filmes para o mundo inteiro", ressalva. "Essa é a vontade dos ministros da Cultura, dos institutos culturais e dos programadores de festivais: filmes de autor internacionais", acusa. "É triste, há 40 anos que suportamos uma classe dirigente pouco educada e muito incompetente", prossegue. É contundente: "Fantoches por todo o lado, ministros, diretores de institutos, presidentes de câmaras, estes tontos que agora se babam com a honra de ter a Netflix e a Amazon a filmar as belezas de Lisboa e Sintra e que não têm nem coragem nem ideias para melhorar as condições de vida na cidade para os trabalhadores, para os mais pobres. São uns vende-pátrias, uns invertebrados."

Move-o ainda aquilo que com ele mexeu quando descobriu a Sétima Arte. "Sempre gostei de cinema porque se podiam ver pessoas que tentavam mostrar-se à altura das suas próprias vidas, da História e do cinema." ●



CANCIÓN DE PEDRO COSTA

La Virreina Centro de Imatge, Barcelona (Espanha), até 23 de abril de 2023

A

duas mãos ou à distância de muitos quilómetros, com encontros frequentes ou mais raros para partilhar ideias e mostrar os trabalhos à medida que iam sendo feitos. Houve quem escolhesse, para o mesmo efeito, trocar correspondência e quem preferisse o silêncio, criando de uma forma mais individual. Assim trabalharam, durante cerca de um ano, artistas com diagnóstico de doença mental, que residem ou residiram em instituições, e artistas sem experiência de doença. Organizados em duplas, criaram edições de autor, oito no total, no âmbito do projeto "Arte do In_sano", criado e desenvolvido pela Stolen Books, editora de Lisboa. Os livros começaram a ser publicados há três meses, tendo o último da coleção sido editado em meados de dezembro.

A ideia para o projeto tem alguns anos, mas foi a atribuição de um financiamento pela Direção-Geral das Artes, no âmbito do Programa de Apoio em Parceria – Arte e Saúde Mental, em 2021, que permitiu avançar. "Esse montante que nos foi atribuído serviu de impulso, mas já tínhamos publicado trabalhos de artistas com experiência de doença mental", explica Luís Alegre, editor da Stolen Books. Motiva-o a necessidade de "diminuir o estigma" e "retirar a carga negativa" que está associada à doença – tanto é que não existem quaisquer referências a diagnósticos médicos nos livros produzidos pelos artistas –, mas há outros motivos para ter criado este projeto. "Fruto muitas vezes de doença, estas pessoas acabam por usufruir de uma liberdade artística que não vemos noutros artistas, mais condicionados por agendas e pressões comerciais."

Residente há mais de 15 anos na Casa de Saúde do Telhal, instituição que dá assistência na área da psiquiatria, em Sintra, Vitor Teixeira foi um dos artistas que participaram no projeto. Assina o livro "Detalhes com Espaço" com a dupla de artistas

Livros contra o estigma

Artistas com experiência de doença mental trabalharam em dupla com artistas sem experiência de doença. O resultado do projeto editorial são oito livros de autor, editados pela Stolen Books

TEXTO HELENA BENTO

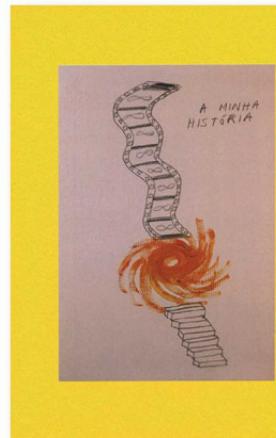
plásticas Sara & André, que explora na sua obra conceitos como o de cópia e imitação, apropriando-se de trabalhos de outras autorias. No livro são apresentados desenhos de Vitor Teixeira feitos a lápis a partir de fotografias, sobretudo retratos, do casal. Em 2021, o artista fez um exercício semelhante, quando produziu com o irmão, o artista Paulo Teixeira, uma série de desenhos partindo de fotografias da família e dos tempos da infância. Os trabalhos foram expostos no Museu São João de Deus – Psiquiatria e História, na Casa de Saúde do Telhal, em 2021. Sara & André, por sua vez, imitaram desenhos de Vitor Teixeira em que predominam elementos geométricos – triângulos, retângulos, círculos e muitos quadrados. "Um músico tem notas na cabeça. Quem faz um quadradinho tem um quadrado na cabeça. Não há uma partitura, mas há o interesse por uma figura. Tanto pode ser um quadrado como uma flor ou outra coisa qualquer", diz o artista, que nos recebe num dos espaços de trabalho do atelié de artes plásticas da Casa do Telhal (Estúdio Arte Telhal), onde desenvolve, assim como outros residentes da instituição, os seus projetos artísticos.

Ao longo do último ano, Vitor Teixeira e Sara & André

encontraram-se várias vezes no atelié. As visitas serviram para se conhecerem, discutir ideias e trocar trabalhos. Embora o casal tenha recorrido a técnicas um pouco diferentes das utilizadas originalmente, as obras são "quase iguais", explica André. "Queríamos que a autoria ficasse diluída, que não se percebesse quem fez o quê." Sara & André não conheciam o trabalho artístico de Vitor Teixeira até aceitarem participar no projeto "Arte do In_sano". Mas ficaram rendidos. Em maio deste ano convidaram-no para participar numa exposição conjunta na Galeria do Sol, no Porto. "Gostamos muito destes projetos que nos tiram um bocadinho da zona de conforto. São pequenos desvios." Além disso, "esta iniciativa em concreto tem uma componente social a que damos muito valor".

DUPLAS ESCOLHIDAS COM BASE EM AFINIDADE

Outras duplas que participaram no projeto também não se conheciam. Foram escolhidas por Luís Alegre e outros responsáveis da Stolen Books com base nas afinidades e pontos em comum entre os vários autores e nas "relações de boa convivência" que as respetivas obras estabelecem entre si, diz o editor. Dá como

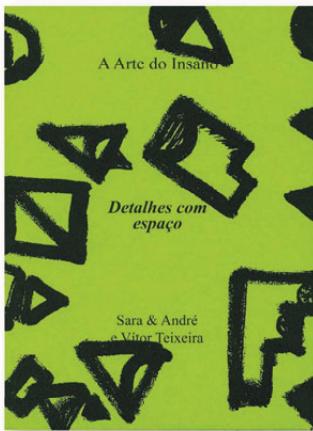
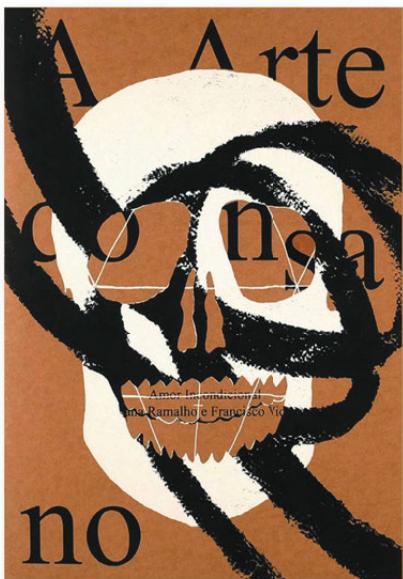


A Arte do In_sano
O Homem da Capa

Artur Moreira



exemplo a dupla formada por Isabel Baraona, artista plástica e professora na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (ESAD CR), e Fernando Azevedo, residente na Casa de Saúde do Telhal. A Isabel Baraona usa muito a palavra no desenho, ou o desenho é feito, às vezes, em torno da palavra. E o Fernando Azevedo escreve e já tinha legendado obras de outra artista." No caso de Bruno Manstraste, ilustrador e designer gráfico, e Filipe Cerqueira, que reside na CERCICA – Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados



Residente há mais de 15 anos na Casa de Saúde do Telhal, Vítor Teixeira é um dos artistas que participa no projeto

de Cascais, onde frequenta o Atelier de Expressão Plástica, há uma “relação imagética” forte entre a obra dos dois artistas, resultando, neste projeto, num “match perfeito, quer ao nível da imagem, quer do ponto de vista da mensagem”. Entre Miguel Palma, artista plástico, e Zé dos Castelos, artista representado pelo Manicômio, espaço de

criação que promove trabalhos de artistas com experiência de doença mental, na freguesia do Beato (Lisboa), a relação não era assim tão evidente ao início, mas o diálogo foi estabelecido em pouco tempo. “O Zé só desenhava castelos. Mas o Miguel Palma lembrava-se a dada altura que, entre 1980 e 1990, produziu um conjunto de desenhos de estruturas parecidas com torres e castelos e outros relacionados com a queda do Muro de Berlim”, conta Luís Alegre. “A ideia de fortaleza está muito presente na sua obra.” Foram escolhidos alguns desses trabalhos

para o livro da dupla de artistas, que conta também com desenhos de um castelo, visto de diferentes perspetivas, feitos por Zé dos Castelos. Foi o último livro da coleção a ser publicado, no dia 21 de dezembro.

Embora com afinidades mais evidentes, o fotógrafo Jorge Molder e Pedro Ventura, também ele artista do Manicômio, trabalharam de uma forma mais autónoma, sem quaisquer espartilhos. “Tenho dificuldades em trabalhar com outras pessoas. Prefiro fazê-lo sozinho”, justifica o fotógrafo, que procurou, por isso, desenvolver uma “possibilidade mais aberta” de conjugar os dois projetos sem comprometer métodos e temáticas de trabalho. Habituatedo a trabalhar por séries, Jorge Molder produziu um conjunto de imagens soltas – representando-se, como é sua prática, em algumas delas – para que estas pudessem interagir de forma livre e “aberta” com as fotografias de Pedro Ventura. O artista do Manicômio, por sua vez, fez uma seleção de trabalhos realizados nos últimos anos, escolhendo alguns autorretratos e fotografias mais abstratas. “Gosto de descontextualizar os objetos, procurar detalhes, captar o reflexo de luzes. É tipo uma brincadeira de crianças”, diz Pedro Ventura, que nos recebeu no Manicômio. O artista concorda que projetos como o criado pela Stolen Books podem ajudar a diminuir o estigma em torno da saúde mental, mas o problema continua muito presente na sociedade. “Se eu chegar ali à rua e disser que tenho esquizofrenia, sabe o que acontece, não sabe? Foge logo tudo. Era assim na minha aldeia, em Alenquer.” Vítor Teixeira não desvaloriza a questão, mas apresenta outra perspetiva. “Há uma tendência do ser humano para valorizar o outro por alguma coisa que ele tenha feito ou esteja a fazer. Isso é significante. E tudo o que dignifica a pessoa é uma luta contra o estigma.” ●

FUNDAÇÃO ORIENTE

MUSEU DO ORIENTE

www.foriente.pt

ANO NOVO CHINÊS

2023 - ANO DO COELHO

Programa | 7 Janeiro a 5 Fevereiro

22 Janeiro | Entrada gratuita no Museu do Oriente



seguradora oficial



mecenas dos espetáculos



apoio



bilheteira online



MUSEU DO ORIENTE

Avenida Brasília, Doca de Alcântara (Norte) | 1350-352 Lisboa | (+351) 213 585 200 | info@foriente.pt

ESPECTÁCULOS

22 Janeiro | Auditório | 19.30 | Gratuito

CONCERTO FESTIVAL DA PRIMAVERA

Lisbon Chamber Ensemble e Orquestra Metropolitana de Lisboa | Solistas: Bin Chao [violino] e Zeming Wu [piano]

28 Janeiro | Auditório | 18.00 | €8 [descontos em vigor]

SONHO AO LUAR

Espectáculo de música e dança

PARA CRIANÇAS E FAMÍLIAS

7 Janeiro | Atelier | €4,5/participante

O ANO NOVO

Para bebés [até 12 meses] + adultos

8 Janeiro | Oficina | €6/participante

HISTÓRIAS COM... RECORTES DE PAPEL

O COELHO DA LUA

Para famílias [crianças M/5 anos]

14 Janeiro | Atelier | €4,5/participante

O ANO DO COELHO

Para bebés [12-36 meses] + adultos

15 Janeiro | Visita | €4,5

EM CONVERSA COM AS PEÇAS

PERFUMADOR | LEÃO DE FÓ

Para crianças [M/6 anos]

20 Janeiro | Visita temática | Gratuito

O ANO NOVO CHINÊS NO MUSEU DO ORIENTE

M/16 anos

21 Janeiro | Oficina | €4,5/participante

OS DEUSES SÃO GULOSOS?

Para crianças [3-5 anos] + adultos

21 Janeiro | Workshop | €40

DUMPLINGS

21 Janeiro | Workshop | €40

JIANZHI – RECORTES DE PAPEL

22 Janeiro | Oficina | €5

DRAGÕES QUE DANÇAM

Para crianças [7 - 12 anos]

22 Janeiro | Oficina | €15

ESCRITA CRIATIVA:

O ANO LUNAR

Para crianças [7 - 11 anos]

22 Janeiro e 5 Fevereiro | Oficinas |

€20/sessão

POSTAL POP-UP

Para crianças [M/7 anos]

28 Janeiro | Oficina | €5

NAS ASAS DE UM PAPAGAIO DE PAPEL

Para crianças [7-12 anos]

5 Fevereiro | Oficina | €4,5/participante

LANTERNAS CHINESAS

Para famílias [crianças M/6 anos]

5 Fevereiro | Aula aberta | €6

TAI CHI

M/16 anos

WORKSHOPS

21 e 28 Janeiro | Workshops | €50/sessão

ANIMAIS EM POP-UP

4 Fevereiro | Workshop | €30

FENG SHUI PARA 2023 – ANO DO COELHO

Li vros

Coordenação Luciana Leiderfarb
lleiderfarb@expressoimpresa.pt

Desde que se estreou com "Esse Cabelo", há sete anos, Djaimilia Pereira de Almeida (nascida em Luanda, 1982) já publicou 11 livros



O risco no gelo

Numa narrativa sobre um amor absoluto que resiste a tudo, Djaimilia Pereira de Almeida volta a esticar os limites da sua prosa, levando-nos para fora de pé

TEXTO JOSÉ MÁRIO SILVA

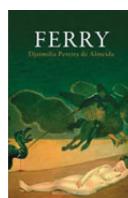
Vera e Albano amaram-se há três décadas. Apaixonaram-se em "múndos" e atravessaram a vida adulta como tantos outros casais, procurando não ceder ao tédio da rotina e às chicotadas da vida real. Os sonhos de se tornarem escritores evaporaram-se rapidamente, ela deixou o mestrado a meio, perdeu um bebé e a esperança de voltar a engravidar. Ele sofreu um esgotamento durante dois anos, perdeu vários empregos e talvez o foco. Conheceram a miséria, a fome, a pobreza. Mas sobreviveram, seguindo juntos, remando com as mãos numa "jangada" que é o amor que desde sempre os uniu. Um desses amores absolutos, raríssimos, que funciona como "entidade única, feita de dois diferentes, nem homem nem mulher, mas ser não-binário, feito do que era homem e mulher um no outro, alimentado por dois corações tornados um só, slamesa criatura total em que a participação de um e do outro se dava como funcionam duas peças num mecanismo, ou, antes, como duas nuvens sopradas pelo mesmo vento". O que Djaimilia Pereira de Almeida nos apresenta em "Ferry" é um tremendo teste de resistência a este amor, confrontando-o com a mais devastadora das ameaças. No dia do 52º aniversário de Albano, a doença mental de Vera (quatro anos mais nova), que já se vinha insinuando, explode durante a festa familiar, por ela confundida com a celebração da formatura da filha, Mariana, a filha muito desejada mas que nunca chegou a existir. Se era verdade que "o mundo podia pender para um lado ou para o outro, avançar no sentido da ordem ou no sentido do caos", neste momento resvala definitivamente para a desordem. Dentro de Vera, que uma médica diagnostica como tendo "demasiada imaginação", surge outra Vera, uma parte de

si que a nega e sabota, com a qual se consumirá numa guerra sem quartel. "Uma levanta-se para agarrar o dia pelos cornos", enquanto a outra se põe "às suas cavaltas, como um peso morto, para a derribar e acabar com ela". A doença mental aliena Vera do real quotidiano, mergulha-a em visões dantescas (como a de um grande incêndio que teria destruído completamente Lisboa e matado milhares de pessoas, num verdadeiro "remate bíblico"), em sonhos bizarros, em vertiginosas alucinações. Só o amor de Albano é que a mantém minimamente à tona, mas nem esse lhe pode valer quando a descida aos infernos se acentua. Pressionado pela família, que paira sempre na orla da ação como um bando de pássaros funestos (ou desorientados), o marido consegue interná-la numa clínica bucalica, cercada por uma "coroa de plátanos", com cavalos e ovelhas nos pastos à volta, na condição de também ele lá ficar a viver, cuidando dela como sempre cuidara. A estada de poucos meses transforma-se num interramento de 12 anos, durante os quais Albano se torna exímio jardineiro e um exemplo de abnegação (há até quem o lamente, dizendo que por amor a Vera desperdiçou a sua vida). E nisto revela-se uma personagem próxima, na assumida anulação de si mesmo, dos protagonistas das "Três Histórias de Esquecimento", que Djaimilia Pereira de Almeida publicou em 2021.

"Ferry" nunca deixa de ser um livro sobre a resiliência do amor, sobre o sacrifício, sobre a entrega total, sobre a incompreensão diante do mistério que é cada pessoa no mais fundo de si mesma. Mas é sobretudo um espantoso exercício narrativo, à procura da sua própria forma. A totalidade do que sinopticamente procuraram resumir nos parágrafos anteriores está no corpo do livro, é sem dúvida o eixo da história que

a autora nos conta, e, no entanto, tudo o que há de essencial surge nas margens dessa matéria narrativa, nos interstícios, nas pequenas dobras em que o texto se revela e se esconde ao mesmo tempo. Não por acaso, uma das questões centrais do livro é a da voz que narra. Há momentos narrados por Vera (mesmo quando delira), outros em que reconhecemos Albano, outros ainda que pertencem talvez aos dois ao mesmo tempo (a tal "síamesa criatura") e passagens assumidas por uma "narradora" que pode perfeitamente corresponder à voz austral do todo que é "Ferry". Esta indeterminação, bem como a subtil oscilação entre passagens oníricas e passagens reais, sem que as respectivas fronteiras sejam nitidamente demarcadas, coloca o leitor num lugar instável, um lugar de dúvida e de espanto, o único onde a experiência de Vera pode ser compreendida a partir de dentro – isto é, na encravilhada difusa que é o "plano de encontro entre todos os tempos" desta história. De resto, há em Vera um desejo de escrita, não apenas como purga dos seus fantasmagóricos ou procura de liberdade, mas enquanto forma de conhecimento do mundo e de si. Dispersamente, vai escrevendo um diário, uma prosa de "arestas indefinidas", entidade fugidia que vai "troendo", enquanto ela "foge à minha frente, lebre atrás das árvores". Quando lemos (dito por que voz?) que não existe "nada como a linguagem para nos enlouquecer", é ato lícito suspeitar que a loucura de Vera possa ter nascido dessa vontade, ou dessa incapacidade, de converter o real em palavras. É Vera, de resto, quem afirma, a dado momento, um desejo compreensível, embora irrealizável: o de ser tão clara que até pudesse prescindir do entendimento verbal. O que dissesse já não seria "uma linguagem, mas um risco no gelo".

Ler esta ficção exige essa arte difícil, talvez mesmo impossível: a de decifrar os riscos no gelo, ténues mas precisos, antes que tudo derreta. Ao embarcarem no *ferry*, o "péndulo portual" que representa o "trânsito" entre os "dois polos de Vera", os dois amantes estão simultaneamente suspensos e em progressão. É esse o ritmo do livro. Temos de entrar nele com disponibilidade e paciência, aguardar que a bruma se levante ou se intensifique, perceber que há coisas que não entenderemos de todo, ou só em parte, em vislumbres. Afinal, como a "narradora" faz questão de dizer, tudo se inicia muito antes do "começo do livro" e acabará muito depois de "o livro ter terminado". Mas que livro? O diário de Vera? O texto que Albano bate furiosamente no computador? Ou o texto tantas vezes gasoso de "Ferry", que termina justamente com os amantes reduzidos ao seu hábito, ao ar entre as suas bocas, a um sopro? Talvez não haja resposta, e muito menos certeza. Ou não fosse o amor, afinal, "não o conhecimento mútuo, mas o abraçar da incompreensão, o não querer resolver a estranheza, o abdicar de abrir uma porta". ■



★★★★

FERRY

Djaimilia Pereira de Almeida

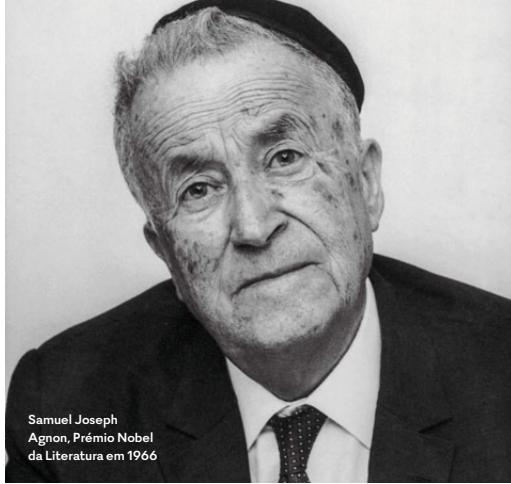
Relógio D'Água, 2022, 161 págs. €17
Romance

A saga do homem novo

Personagem e escritor nasceram perto um do outro, na região da Galícia, disputada pelos Impérios Austro-Húngaro e Russo. Ambos eram judeus que fizeram *aliá* (emigração) para a Palestina, estabelecendo-

-se em Jafa. Ambos lidam com um hebreu em metamorfose entre língua bíblica e língua coloquial, a meio caminho entre as duas. Pelo menos neste tópico a personagem, Isaac Kumer, poderia ser o alterego do escritor Samuel Joseph (Shai) Agnon. Decerto que o fundador da literatura hebraica moderna lhe terá emprestado muito da sua experiência pessoal – a de um herdeiro do judaísmo leste-europeu que, em fuga dos pogroms de finais de século, chega a um Levante mítico bem mais complexo do que imaginava.

A língua portuguesa ainda não o tinha lido naquilo em que foi exímio: o romance. Por isso a tradução de "Ainda Ontem", de Lúcia Liba Muznik, financiada por crowdfunding, é um acontecimento literário incontornável. Em 1945, quando foi publicado, Agnon já escrevera três romances de relevo, mas é neste que reconstitui as impressões e a realidade de Jafa pelos olhos de um galiciano recém-chegado, empurrado pelos ideais sionistas aos quais um judeu de então não seria indiferente. O livro possui um tom "deliberadamente arcaico", como assume a tradutora, pleno de léxico rabínico mesmo quando se trata de descrições quotidianas. "Vejo que te fiasse do caráter das pessoas, que quando têm uma dúvida é sabido que não há razão para duvidar" – frases oraculares como esta são comuns na boca das personagens. Shai Agnon nasceu em 1888, em Buczacz, hoje Ucrânia, e morreu em 1970, em Jerusalém. O pai, um rabino que fez vida de comerciante (de peles), transmitiu ao filho a



Samuel Joseph
Agnon, Prêmio Nobel
da Literatura em 1966

tradição hebraica, os ensinamentos do Talmude e as línguas hebraica, iídiche e alemã, educando-o em casa. Aos 20 anos, Agnon muda-se para Jafa, na Palestina otomana, regressando anos mais tarde à Europa para estudar literatura em Berlim. Além de escrever, colabora com o filósofo Martin Buber numa antologia de histórias hassídicas. Em 1924, um incêndio na sua casa destrói-lhe a maior parte dos manuscritos, e Agnon foge para Jerusalém. Amos Oz, na sua "História de Amor e Trevas", falou das visitas a Agnon no Bairro de Talpiot e da influência que este teve na sua obra. Em 1929, durante um confronto entre judeus e árabes, a sua casa foi de novo incendiada. Em 1966 receberia o Prêmio Nobel da Literatura, partilhado com a judia alemã Nelly Sachs.

"Ainda Ontem" é uma longa saga, primeiro sobre um desejo e sobre uma viagem, por fim sobre a adaptação dos sonhos à realidade. Desde cedo que Isaac Kumer alimentava a ideia de ser "pioneiro" na Terra de Israel e de provar que esta não era uma "ilusão inventada pelos sionistas". Por isso atravessa a Europa de comboio até Trieste, onde embarca para Jafa. Faz algumas paragens, como em Lemberg, onde conhece ilustres dirigentes sionistas, dispostos a discutir e

dar festas pelo movimento, mas admirados por encontrar alguém que o ponha em prática – a ironia de Agnon nos anos 40, mesmo escrevendo sobre o início do século, estaria especialmente aguçada. Chegar era menos idílico do que se pensava, e Isaac aprende a adaptar-se ao imprevisível. É um "homem novo", de fato invernal no calor do Médio Oriente. Passará fome e privações, aprenderá um ofício e encontrará amigos. As suas relações traçam um retrato picaresco e palpável do *melting pot* que era a Palestina do mandato otomano, os árabes, os judeus socialistas e os ortodoxos, os cristãos. Encontra também mulheres, como a progressista Sonia, que o abandona, e a ultrarreligiosa Shifra, com quem se casa. Kumer não se tornará pioneiro nem trabalhará a terra, e morrerá de maneira bizarra, porque tudo o que ele faz se converte no seu oposto. Acabaré vítima de um cão vadio, no qual, para se divertir, pintara um dia as palavras "Cão louco". Por conta desta marca no dorso, o cão seria falado nos jornais, e há quem o culpe pela seca. Após centenas de páginas, Agnon "foge" para um terreno literário mais fantástico, oferecendo o monólogo interior de um animal repelido e a dar sinais de loucura. Claro que este tinha de reencontrar quem o desgraçou, o próprio Isaac, que morre de raiva, atado a uma cama. Nesse dia chove por fim. "A face da geração é como a do cão. E não a de um cão qualquer, a de um cão louco", reflete um rabino. Esses cães loucos que escrevem a história por linhas (felizmente) tortas.

/ LUCIANA LEIDERFARB



★★★★★
AINDA ONTEM
Samuel Joseph Agnon
E-primerat, 2022,
trad. de Lúcia Liba
Muznik, 644 págs.,
€24,90
Romance



★★★★★

ADRIANO

Tatiana Faia
(não) edições, 2022,
78 págs., €12
Poesia

Maria Helena da Rocha Pereira certamente acrescentaria um capítulo sobre este "Adriano" ao seu "Temas Clássicos na Poesia Portuguesa", não apenas porque Tatiana Faia é uma classicista, mas porque investiga o universo greco-latino de uma forma que não se parece com o "Antinous" de Pessoa, nem com as odes de Ricardo Reis, nem com a poesia de Sophia de Mello Breyner, para citar três exemplos. Diga-se que um dos aspectos mais curiosos de "Adriano" é o tom sarcástico face a "uma certa ideia de cultura" clássica, a ideia luminosa, hierática, intemporal (lembrando as críticas de Jorge de Sena a Sophia); e no entanto, perante tantos testemunhos vivos da história dos mortos (ruínas, bustos, moedas ou a Rua de Adriano, em Atenas), surge naturalmente uma gravitas, uma pergunta sobre a nossa relação com a memória dos mortos, até uma meditação sobre o que é uma vida bem vivida. Um dos poemas do livro, 'Escavar Antônio' (o rapaz grego que o imperador romano amava e a quem dedicou um culto póstumo), lembra que as pás dos arqueólogos, no seu trabalho delicado, fatalmente "seguem apagando o tempo à medida que avançam". Mas com a história de Adriano e Antônio o mundo clássico ensina-nos que "desear alguém/devia ser todo um sistema ético" e que uma consciência da felicidade inclui a tristeza. As vozes do livro de Tatiana Faia, seja o "eu", o casal, os académicos, os amigos, os expatriados, os gregos antigos e modernos ou os escritores de assuntos clássicos, dos românticos ingleses a Kafavis e Seferis, do italiano Vittorio Sereni às "Memórias de Adriano", de Yourcenar, todas essas vozes vivem, em igualdade de circunstâncias, a questão da plenitude e da melancolia, do desenraizamento e da liberdade, da ironia e da aprendizagem: "Espero enfim com alegria/tudo o que de certeza me desapontará//acho que este reconhecimento não tem arte/mas deve ser maturidade de estilo/para poetas." / PEDRO MEXIA



★★★★★

PALESTINA**Joe Sacco**

Tigre de Papel, 2022, trad. de Tigre de Papel, 308 págs., €25,95
Banda desenhada

Entre 1991 e 1992, o jornalista norte-americano Joe Sacco rumou aos territórios ocupados da Palestina e reportou o que viu e ouviu numa série de fascículos em banda desenhada, que acabariam por tornar-se uma obra fundamental por diversos motivos. O primeiro, claro, foi de ordem jornalística: a cobertura do conflito israelo-palestino na imprensa norte-americana era profundamente tendenciosa, alimentando um maniqueísmo básico que apresentava os palestinianos como terroristas ou os soldados israelitas como heróis. Com "Palestina", entretanto lançado como livro, Sacco afirmou a capacidade de fazer jornalismo em banda desenhada, uma linguagem com enorme potencial para reportar, e de então essa possibilidade tem sido reconhecida no trabalho de muitos outros autores. Num registo que começa com grandes planos picados e vai sendo trabalhado até alcançar um realismo bem equilibrado com o traço devedor do cartoon, Sacco faz aquilo que um jornalista deve fazer: escuta, pergunta, procura. Sem heroismos romanceados, avança por entre terras arrasadas, ouve as histórias de presos aleatórios, interrogatórios em hospitais, uma impunidade de que só um ocupante com muito apoio internacional pode gozar. Esta é a história contada pelos que se viram dominados, mas nem por isso o autor cede ao maniqueísmo que sempre leu na imprensa norte-americana. Aqui não há hagiografia das vítimas nem romantização da resistência — mas há vítimas e há resistência, e não é preciso procurar muito para as encontrar. A nova edição da Tigre de Papel repõe nas livrarias portuguesas uma das obras fundamentais do final do século passado, à qual se junta um prefácio de Sandra Monteiro, do "Le Monde Diplomatique", um texto de Edward Said e um dossier com textos de Sacco, esboços e outros materiais. Numa edição futura, importa corrigir os erros de hifenização que mancham os textos introdutórios.

/ SARA FIGUEIREDO COSTA

E ainda...

**O QUE EU NÃO COMPREENDO É A MÚSICA****Ana Teresa Pereira**

Relógio D'Água, 2022,
113 págs., €16,50

A escritora, com mais de 40 livros no catálogo, começa assim este romance: "As rosas vermelhas, camufladas, duplicavam-se no espelho. O perfume era intenso, quase nauseante."

**METAMORFOSE NECESSÁRIA****José Tolentino Mendonça**

Quetzal, 2022,
184 págs., €17,70

A proposta é redescobrir a história intelectual do cristianismo através dos textos de São Paulo. "Paulo nunca foi um pregador solitário ou um one man show. Viveu toda a vida num ritmo comunitário", lê-se.

Top Livros

Semana 49

Ficção

Semana anterior

- | | | |
|----------|----------|-------------------------------------|
| 1 | 2 | A Mulher do Dragão Vermelho |
| | | José Rodrigues dos Santos |
| 2 | 1 | Come Se Fosse a Primeira Vez |
| | | Raul Minh Alma |
| 3 | 3 | O Diário de Um Banana 17: |
| | | Frauda Xeia |
| 4 | 4 | Isto Começa Aqui |
| | | Jeff Kinney |
| 5 | 5 | Idéias Concretas sobre Vagas |
| | | Ricardo Araújo Pereira |

As categorias consideradas para a elaboração deste top foram Literatura, Infantil & Juvenil, BD e Literatura Importada

Não ficção

Semana anterior

- | | | |
|----------|----------|---------------------------------------|
| 1 | 1 | O Governador |
| | | Luis Rosa |
| 2 | 2 | Metamorfose Necessária |
| | | José Tolentino Mendonça |
| 3 | 3 | Francisco — O Caminho |
| | | Maria João Avillez |
| 4 | 3 | Nunca Fiques Onde Já Não Estás |
| | | Manuel Clemente |
| 5 | 4 | Hábitos Atómicos |
| | | James Clear |

As categorias consideradas para a elaboração deste top foram Ciências, História & Política, Arte, Direito, Economia e Informática, Turismo, Lazer e Autobiografia

Estes top foram elaborados pela GFK Portugal, através do estudo de um grupo estatístico de pontos de venda pertencentes a dois canais de distribuição: hipermercados/supermercados e livrarias. Estima-se que a representação 4 feira semanalmente aponta para cerca de 85% da informação eletrónica (EPOS) do sell-out dos pontos de venda. A cobertura estimada do painel GFK de livros é de 85%.

**O outro lado dos livros**

POR MANUEL ALBERTO VALENTE

Desabafo de um pessimista impenitente

Em 2021, 61% dos portugueses não leram um único livro

Como é do conhecimento público, um inquérito realizado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa concluiu que em 2021 61% dos portugueses não leram um único livro. Para se perceber melhor a gravidade destes dados, refira-se que em Espanha foram 38% os que não leram um livro e em França apenas uma minoria de 8%.

Como apontam os autores do estudo, as condições sociais ajudam a compreender estes números, mas, na minha opinião, não os explicam integralmente. Também a falta de livrarias, a pouca atenção dada ao livro na maioria da comunicação social, a concorrência da televisão e do streaming, o uso e abuso da internet, não chegam para justificar os resultados. As causas têm de ser procuradas mais fundo: nas famílias, que desistiram, por comodidade, de ler em voz alta aos filhos pequenos, pondo-lhes nas mãos telemóveis e tablets, e sobretudo na escola, que não incentiva os alunos, muitas vezes porque são os próprios professores a não ler, apaparicados por manuais de apoio que fazem o trabalho por eles.



A democratização do ensino, depois do 25 de Abril, criou a expectativa de uma sociedade mais culta e mais "leitora", mas esse mito rapidamente se desfez. Se a leitura aumentou, esse aumento resultou da própria degradação da oferta editorial, que passou a privilegiar as obras de puro entretenimento em desfavor da literatura de qualidade. Se antes se perguntava "o que é bom para publicar?", passou a perguntar-se "o que é que o leitor quer ler?", com todas as consequências previsíveis. Creio que já aqui referi que nos anos 80 a tiragem normal de uma novidade literária era de três mil exemplares e que hoje se fica, salvo raras exceções, por uns miseráveis mil ou 1500. Em vez de "guiar" o leitor, muitos editores deixaram-se guiar por ele, obedecendo às leis do mercado e esquecendo a função cultural que o ato de editar deveria ter.

Não lavo as mãos, como Pilatos; embora resistindo, eu próprio fui muitas vezes cúmplice desse processo. Em determinado momento, cunhei a frase é preciso publicar, o que dá para poder publicar o que não dá. Só que depois chegou a altura da pergunta fatal: "Mas, se não dá, por que razão se publica?" Começou aí a agonia do editor "clássico", acabou aí a função cultural da edição. Ou melhor, foi relegada, as mais das vezes, para as pequenas editoras, quase sempre efêmeras, porque incapazes de resistir às leis que o mercado paulatinamente foi impondo.

Gostaria que, no ano que agora entra, as coisas fossem diferentes. Mas sinceramente não acredito. ●

Coordenação João Miguel Salvador
jmsalvador@expressoimpresa.pt

Marion Cotillard
and Melvil Poupaud
nos papéis de Alice
e Louis Vuillard



O carnaval dos histéricos

O novo melodrama familiar do francês Arnaud Desplechin explora, num registo sempre ponderoso, a relação de ódio visceral entre dois irmãos

TEXTO VASCO
BAPTISTA MARQUES

IRMÃO E IRMÃ

De Arnaud Desplechin

Com Marion Cotillard, Melvil Poupaud, Golshifteh Farahani (França)
Drama M/14

Avida das personagens de Desplechin é algo que só se conhece ‘por decantação’, ou seja, através dos ponderosos filtros estilísticos que o cineasta interpõe entre elas e nós. Nos melhores casos, esses filtros servem para sublimar a banalidade por via do literário e do teatral. Nos piores, eles relevam do puro e simples automatismo, de um certo modo grandiloquente de filmar que – mesmo quando nada narrativamente o justifica – se impõe como um tique. ‘Irmão e Irmã’, o seu novo ensaio, inclui-se infelizmente na última categoria. Trata-se de um melodrama familiar centrado na dissecação de uma rivalidade patológica, onde as causas nunca bastam para explicar os efeitos hiperbólicos que delas parecem nascer; e que, por isso mesmo, acaba por se assemelhar a uma tosca colagem de gestos e palavras histéricas. O mote fica dado logo no prefácio que precede o genérico. Nele, acompanhamos a discussão de cara e alguidar que põe frente a frente os dois irmãos do título: Louis (Poupaud), um poeta e professor que, em sua casa, vai velando o cadáver do seu filho de seis anos, e Alice (Cotillard), uma consagrada atriz de teatro que, nessa noite, lhe bate à porta para lhe dar as condolências – sendo prontamente escorraçada do local pelo irmão, à base de gritos, lágrimas e insultos. O que se segue é uma tentativa de auscultar as raízes do ódio intestino que – a julgar pela amostra – grassa entre Louis e Alice. Para fazê-lo, o filme começa por lançar mão de uma elipse que nos avança cinco anos no tempo, e que, em cinco minutos, submete a narrativa a uma avalanche de episódios patéticos ou trágicos. O mais importante de entre eles é o que diz respeito ao acidente de viânia sofrido pelos pais dos protagonistas, que são transportados em estado grave para o hospital de Roubaix – a cidade natal de Desplechin e o centro geográfico de

muitos dos seus trabalhos. Forçando os irmãos a regressar às origens, este acidente convidá-los-á, também, a refletir sobre o seu conflito. Desde logo, porque cada um deles se recusa terminantemente a compartilhar o mesmo espaço com o outro: quando Alice visita os pais no hospital, Fidèle (o seu indistinto irmão mais novo) faz questão de assegurar que Louis se encontra a milhas – e vice-versa. Esta fobia recíproca justifica o recurso a uma montagem paralela que, daí em diante, multiplicará as sequências em que as personagens confessam a terceiros (ou revisitam em flashback) as razões da sua aversão. Neste quadro, o que mais se nota é o seu carácter irrisório: tudo teria que ver, em suma, com a inveja de Alice em relação ao sucesso literário de Louis e, posteriormente, com as revelações escabrosas (mas nunca especificadas) que o último teria feito sobre ela, num dos seus livros. A desproporção entre as ações e as reações sugere que Desplechin deseja sondar as raízes iracionais do ódio, concebendo-o como um sentimento que, de uma forma perversa, permite perpetuar a ligação entre dois corpos. O problema é que a aversão visceral de que se fala existe apenas num plano verbal/gestual: só acedemos a ela através daquilo que os irmãos nos vão dizendo (no decurso de acessos de fúria ou tristeza que são sempre demasiado empolados para soar a coisa sentida). Na verdade, por estimulante que fosse – em tese – o projeto do filme, o que dele resulta é um interminável desfile de vinhetas maníaco-depressivas, protagonizadas por duas figuras que parecem ter ficado emocionalmente retidas na adolescência: veja-se, por exemplo, a sequência em que Alice desmaia ao encontrar Louis num dos corredores do hospital. Tudo isto seria tolerável com um mínimo de distanciamento irônico. Tal como ficou, é só de um pedantismo insuportável. ●



★★★★★

UM PEDAÇO DE CÉU

De Michael Koch

Com Michèle Brand, Simon Wisler, Elin Zgraggen (Suíça/Alemanha)
Drama M/14

ESTREIA Não é comum partilhar-se nestas páginas um estado de estupefação causado por um filme, mas foi nesse estudo que "Um Pedaço de Céu" nos deixou, há quase um ano, ia então a meio o concurso do Festival de Berlim. Estupefação porque, a priori, pouco ou nada prometia esta nova longa-metragem do suíço Michael Koch (n. 1982, Lucerna) — e, no entanto, está aqui um dos filmes mais seguros de 2022. O trabalho anterior do cineasta, a longa de estreia "Marija" (passou em Locarno), não deixara especial marca. Dos atores deste "céu" nada se sabia, até porque nenhum deles jamais havia representado. Koch instalou-se desde o primeiro instante numa comunidade fechada, assaz conservadora, de camponeses alpinos habituados à rudeza das altitudes elevadas. Pouco faladões, são fíes aos seus costumes ancestrais, vivem sobretudo da criação de gado e não são propriamente as pessoas mais simpáticas do planeta. Nas primeiras sequências teme-se que "Um Pedaço de Céu" se torne apenas mais uma ficção mascarada de documentário com fundo etnográfico e é neste enquadramento que conhecemos Marco (Simon Wisler), que trabalha numa quinta, e Anna (Michèle Brand), empregada de balcão. O namoro deles é recente. Marco é um tipo psicologicamente vulnerável (a morte de uma vaca pela qual tinha especial afeto deixa-o destroçado), Anna quer apostar num reencontro após uma relação falhada, tem uma filha pré-adolescente para educar. "E se tudo isto for um sonho?", diz-lhe ela no início, pensando num futuro melhor a dois. A estupefação nossa vem da extraordinária evolução emocional deste casal, quando Koch começa a pôr aquele amor à prova. Um hit dos anos 90, "What Is Love (Baby Don't Hurt Me)", de Haddaway, ganha então um eco tremendo à medida que o cineasta conduz as suas personagens para um melodrama de uma sobriedade glacial, profundamente comovente a cada passo, não ficando longe do que a germânica Valeska Grisebach já provou saber fazer neste género. / FRANCISCO FERREIRA



★★★★

POETA

De Darezhan Omirbaiev

Com Aida Abdurakhman, Klara Kabylgazina, Yerdos Kanaev (Cazaquistão)
Drama M/14

Observador arguto das contradições, da crueldade, mas igualmente da ironia da sociedade cazaque, Darezhan Omirbaiev, rosto maior do cinema de um país que não tinha propriamente uma 'identidade' durante os tempos da União Soviética, procura em "Poeta" uma experiência cinematográfica mais coral e distante de um guião convencional. "Poeta" não deixa de nos falar do Cazaquistão, mas é portaventura o filme de Omirbaiev menos circunscrito a essa origem. Curiosamente, é o primeiro a ter tido estreia comercial em Portugal, pese embora a reputação de obras como "Kairat" ou "Kardiogramma", que vincaram o nome deste autor desde os anos 90. Começamos por seguir um editor de livros e poeta nas horas vagas, Didar, de 40 anos, e a degradação progressiva da língua cazaque que ele e os seus pais testemunham nos tempos que correm — estes tempos em que o inglês reina como um despota sobre todos os idiomas. Das inquiétudes atuais do sisudo Didar, perplexo com o estado do mundo e, por isso mesmo, personagem com uma certa comédia, Omirbaiev transporta-nos para um filme de época (coisa rara na sua obra) em que somos 'apresentados' a Makhambet Otemisuly (1804–1846) que, além de nómada e líder político, foi poeta devoto à tradição oral e aos ensinamentos e ladaínhas que passavam de geração em geração. Nada deixou escrito e acabou assassinado por recusar submeter-se aos interesses coloniais russos no século XIX. Balanceando estas duas linhas narrativas (o presente enquanto eco do passado), comparando a vivacidade guerreira de Makhambet no século XIX com a submissão impotente de Didar num século XXI saturado de imagens e de ecrãs, Omirbaiev deixa-nos um filme inteligente sobre o preço da liberdade e o valor da memória para um povo que se sente intelectualmente atacado no seu âmago mais profundo. E contudo "Poeta" não é pessimista, guarda uma résia de esperança num amanhã melhor, acredita que um espectador basta para que tudo ressuscite. Vale muito a pena descobri-lo. / F.F.

E ainda...



ADEUS FELICIDADE

De Ken Scott

François Arnaud, no papel de Nicolas, e Julie LeBreton, como Liliane, (na imagem), foram dos dois atores escolhidos por Ken Scott para um drama familiar centrado em quatro irmãos desavistados que se juntam numa casa de verão para recordarem o pai falecido. Uma oportunidade para evocarem os melhores tempos e limparem os traumas passados.



O INCRÍVEL MAURICE

De Toby Genkel

Hugh Laurie, o eterno "Dr. House" da série de televisão, dá voz ao sábio gato de rua que empresa o seu nome ao mais recente filme de animação — já garantido na seleção do Festival Sundance 2023 e que esta semana chegou aos cinemas. A matreirice de Maurice é o seu trunfo, mas isso pode não chegar para continuar a vencer.



REPOSO ABSOLUTO

De Lori Evans Taylor

Filme de terror sobre uma grávida em fim de gestação à qual é prescrito um período de descanso forçado. Até ai entusiasmada com as obras na casa onde vive com o marido, Daniel (Guy Burnett), Julie Rivers (Melissa Barrera) vê-se agora confinada à sua cama — mas esse não é o maior dos problemas. Poderá estar prestes a enfrentar uma assombração.



SHOTGUN WEDDING — CASAMENTO EXPLOSIVO

De Jason Moore

Poderá uma situação-limite fazer repensar a própria vida? Este "Casamento Explosivo" mostra como isso pode mesmo acontecer. Quando um grupo de criminosos decide tomar o lugar escolhido por um casal de novos (cheios de dúvidas) para o seu casamento, estes mudam completamente a sua perspetiva sobre o futuro.

ESTRELAS DA SEMANA

	Francisco Ferreira	Jorge Leitão Ramos	Vasco Baptista Marques
Annie Ernaux — Os Anos Super 8	★★★★	★★★★	★★★★
Avatar: O Caminho da Água	★★	★★★★	★★★★
Uma Bela Manhã	★★★★	★★★★	★★★★
Corsage — Espírito Inquieto	★★★★	★★★★	★★★★
Decisão de Partir	★★	★★★★	★★★★
Os Fabelmans	★★★★	★★★★	★★★★
Irmão e Irmã	★	★	★
Os Irmãos de Leila	★★★★	★★★★	★★★★
O Natal do Bruno Aleixo	★★★★	★★★★	★★★★
Ossos e Tudo	★★	★★★★	★★★★
Um Pedaço de Céu	★★★★	★★★★	★★★★
Poeta	★★★★	★★★★	★★★★
Regresso ao Pó	★★	★★★★	★★★★
O Trio em Mi Bemol	★★★★	★★★★	★★★★

DE MINIMO A ★★★★★ MÁXIMO

EXPRESSO

Tele visão

Coordenação João Miguel Salvador
jmsalvador@expressoimpresa.pt

Este simpático “Glass Onion: Um Mistério Knives Out”, ao contrário do que já se viu escrito, não é uma sequela do homônimo “Knives Out” de 2019 já que tudo muda de um filme para outro e, do elenco, só mesmo Daniel Craig repete a dose, dando continuidade ao papel do detetive Benoit Blanc. Faz mais sentido falar de um novo episódio, ou de uma lógica de seriado, tal como o espectador se adaptou, por exemplo, a seguir um novo episódio de Poirot ou de Sherlock Holmes. Também convém recordar que Rian Johnson, outro indefectível da película

35mm (como P. T. Anderson ou Tarantino), teve bons motivos para dar continuidade ao detetive que ele começou a burlar em 2005 (muito antes, portanto, do seu “Star Wars: Episódio VIII – Os Últimos Jedi”) e que só há três anos foi devidamente apresentado ao mundo.

“Knives Out” foi, em 2019, desde a estreia em Toronto, um assinalável êxito de bilheteria, também graças à proeza de ter reunido no elenco, para além de Craig, intérpretes com o gabarito de Chris Evans, Ana de Armas, Jamie Lee Curtis, Michael Shannon, Don Johnson, Toni Collette, Frank Oz e até Christopher

Plummer (foi um dos seus últimos papéis). Era um exercício cinematográfico despretensioso, tipicamente adaptado ao modelo policial do whodunnit, um filme entregue de coração aberto ao entretenimento, com o detetive Blanc a tentar deslindar a estranha morte de um riquíssimo patriarca, autor de novelas policiais, que vivia rodeado por uma família de herdeiros parasitas e gananciosos. A coisa pegou a tal ponto que a Netflix, mesmo em plena pandemia, chegou-se à frente e financiou duas novas obras. “Glass Onion...” é a primeira destas. Outro aspecto

Daniel Craig diverte-se à brava

O superdetetive indiscreto que deixa toda a gente desconfortável descobre-se agora a banhos na ilha grega de um excêntrico multimilionário. Chegou o novo “Knives Out”, de Rian Johnson

TEXTO FRANCISCO FERREIRA

O detetive Benoit Blanc é o único repetente do novo “Knives Out”. Daniel Craig (à dir.), aqui com Edward Norton (interpreta Miles) e Madelyn Cline (no papel de Whiskey), dá-lhe corpo e alma



cinemateca

JEAN-LUC GODARD PARA SEMPRE



JEAN-MARIE STRAUB NUNCA RECONCILIADO

a sublinhar é a desenvoltura que o britânico Daniel Craig ganhou uma vez concluídas — pelo menos tanto quanto a audiência conseguiu entender... — as suas encarnações de James Bond. O agente 007 estava a tornar-se uma figura excessivamente dramática e já distante da natureza escapistica que lhe dera celebridade, uma personagem que estava a ficar “pesada” para o ator. Mas, com “Knives Out”, Craig conseguiu encontrar o oposto disso, rir-se outra vez e até potenciar, com uma peculiar pronúncia, todas as suas capacidades enquanto ator de comédia.

“Glass Onion...” é mais agradável, absurdo e cínico do que o filme anterior. Se a obra de 2019 pecava por passar-se praticamente toda no mesmo sítio e ser demasiado explicadinho, o novo tomo, farto de confinamentos (a pandemia é, aliás, engenhosamente integrada nas primeiras cenas), vai apanhar novas ares: o destino é uma paradisíaca ilha grega. E a história ganha contornos delirantes quando nos apercebemos que o ‘anfitrião’ convidou uma série de gente, quase todos seus amigos (mas também alguns inimigos), para uma festa de assassinio-mistério em que ele próprio prevê vir a tornar-se na vítima. Rian Johnson dá a Edward

Norton o papel do multimilionário high tech Miles Bron, líder de uma empresa online que suga tudo aquilo em que toca, fundos, dados e criptomoedas incluídos; um nababo, em suma, espécie de Charles Foster Kane dos tempos modernos. É Miles quem trata de convidar o resto das personagens para desvendar o suposto quebra-cabeças cuja solução só ele conhece, ou nem mesmo isso, já que basta a primeira morrer para que todas as outras personagens se tornem suspeitos credíveis. Ao espectador não lhe resta outra coisa senão seguir o fio deste novelo. Por ali estão políticos, cientistas, supermodelos, *influencers* e uma antagonista de peso, Cassandra Brand (Janelle Monáe), coautora da empresa que fez de Miles um príncipe e que ele tratou de enxotar para seu proveito, deixando-a na miséria. Já o nosso detetive foi ali parar por acaso, ou melhor, por engano, como o movimento de uma peça de xadrez planeado para surtir efeito umas quantas jogadas depois. Miles conta-nos que Benoit não estava na *guest list*, mas deixa-o ficar a fazer parte do jogo. A ideia é que alguém, a uma dada altura, o matará e que os convidados terão de deslindar quem é e porque matou o assassino.

Se a trama podia ter saído da cabeça de uma Agatha Christie, a personagem de Miles Bron, essa, é em tudo contemporânea e representa uma nova plutocracia de tal modo excentrica, que nem as berrantes camisas havaianas de Benoit Blanc conseguem travar. Torna-se óbvio para todos nós que Miles é um decalque inspirado na personalidade e nas exorbitâncias de Elon Musk, tendo em conta a influência política que os super-ricos e os seus esquemas dominadores possuem hoje em dia. Este lastro de crítica atravessa de ponta a ponta o divertimento que Daniel Craig e o resto do elenco mantêm sempre num patamar eficiente e aprazível. Afinal, ninguém estava à espera de Bergman, pois não? ●

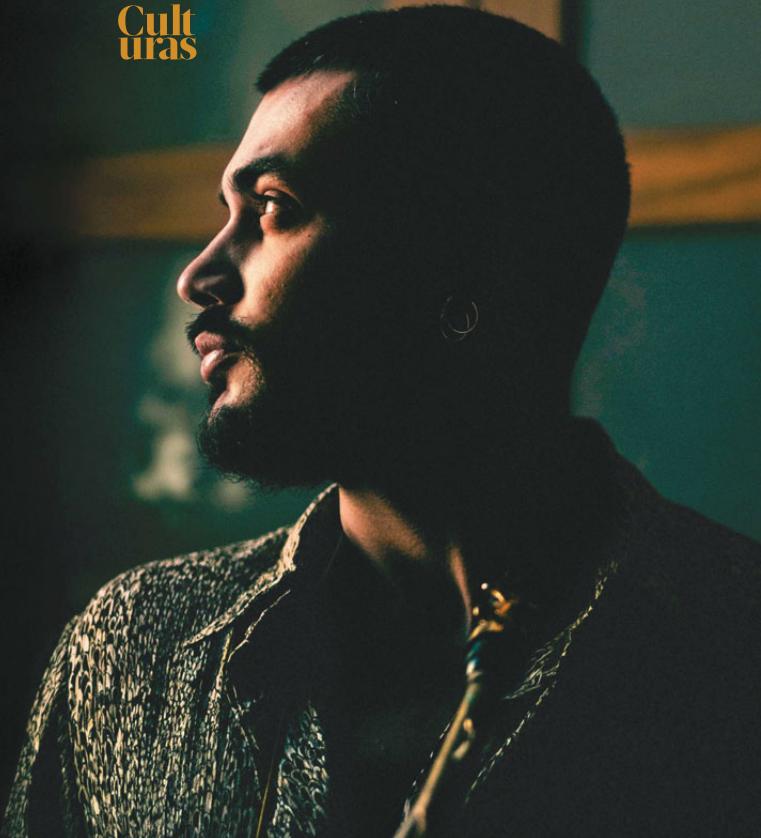
JOHN WILSON/NETFLIX

**GLASS ONION: UM
MISTÉRIO KNIVES OUT**
De Rian Johnson
Com Daniel Craig, Edward Norton,
Janelle Monáe
Netflix, em streaming

JANEIRO 2023

Música

Coordenação Luís Guerra
lguerra@blitz.empresa.pt



Do ar à arte

O saxofonista Ricardo Toscano assina, em "Chasing Contradictions", um dos mais tocantes momentos musicais do ano

TEXTO RUI MIGUEL ABREU

Perseguir contradições, imagina-se, pode implicar seguir em duas direções em simultâneo. Em tempos, John Coltrane terá tentado explicar o seu 'método' a Wayne Shorter, procurando meter em palavras o mistério da criação espontânea: "É como começar uma frase no meio e depois seguir para a frente e para trás ao mesmo tempo." No seu novo álbum, "Chasing Contradictions", o saxofonista Ricardo Toscano apresenta-se apenas rodeado pelos elegantes e sabedores Romeu Tristão, em contrabaixo, e João Lopes Pereira, em bateria, assumindo essa missão de seguir em diferentes direções ao mesmo tempo sem ter um farol harmônico

para o guiar. Nada que o assuste, percebe-se. Ricardo Toscano conta ao Expresso que é uma questão de "mergulho", de busca: "Há muitos estilos de jazz, mas o meu preferido é o do digging, quando estás na busca, mas em tempo real. Isso só acontece quando tens o teu material em dia, quando estás em forma, quando estás a 'acontecer'. Há fases em que acontecemos mais do que outras, mas o trio obriga-nos a estar nessa fase. Se não, não tens argumentos para um concerto inteiro ou para um disco inteiro. Os temas de jazz são coisas curtas. Nós é que fazemos solos longos, sempre a desenvolver e a conversar. Isso, em trio, é muito nu. Se não tiveres o teu jogo de cintura em dia, não

consegues fazer isso." Escutando "Chasing Contradictions", confirma-se que Toscano é um 'atleta' de alto rendimento, um daqueles que são os primeiros a chegar aos treinos e os últimos a abandonar o campo. Gravado ao vivo – sem público – no Teatro São Luiz, em Lisboa, em março do ano passado, este novo trabalho apresenta um repertório híbrido: duas composições do próprio líder (o tema título e ainda 'Orange Blossom'), uma do seu baterista ('Totem'), um standard de Thelonious Monk ('Played Twice') e uma tocante reinvenção de um fado ['Súplica (Vagas Paixões)']. Contas feitas a todas essas parcelas, o resultado que se obtém no final é



"Gosto de escrever temas de ato único. Começa-se a escrever e acaba-se no mesmo dia. Ou no momento", diz Ricardo Toscano

"Toda a gente, a partir de uma certa idade, tem de se tornar independente. Não é um pianista que me vai ajudar a tocar melhor um tema"

RICARDO TOSCANO

sucesso desse empreendimento justifica que se encare com alguma surpresa a adoção do formato de trio para esta nova etapa da sua carreira discográfica. Para Toscano, tocar com um pianista significa apenas, e muito simplesmente, ter mais uma pessoa "na conversa". E depois elabora: "Toda a gente, a partir de uma certa idade, tem de se tornar independente. Não é um pianista que me vai ajudar a tocar melhor um tema. Ele pode é fazer-me soar melhor. Mas não me vai ajudar. Eu não vou estar perdido numa estrutura a precisar que me deem a mão para atravessar a rua." Nada disso. E bastam as primeiras notas da sua exposição sem amparo rítmico no tema que dá título ao novo álbum, o primeiro do alinhamento, para se entender que, ainda que possa estar a seguir em múltiplas direções ao mesmo tempo, perseguindo as suas contradições, Ricardo Toscano conhece suficientemente bem o caminho para lá chegar até de olhos fechados, transformando ar em arte, emoção em melodia, pensamento em discurso e silêncio em maravilhamento.

Há também uma vénia a Thelonious Monk sob a forma de uma abordagem a 'Played Twice', tema que o pianista gravou em 1959 com um quinteto, mas que surge aqui numa bem swingada e reduzida (no sentido gastronómico do termo) abordagem, em que Toscano pinta, muito literalmente, um vívido retrato daquilo que entende que o jazz deve ser. "O Monk mostra tudo aquilo que está certo na sua forma mais minimal e indiscutível de todas", garante ele. "Por exemplo, um tema do Monk pode mostrar uma impressão perfeita da ideia do jazz. Não sei explicar isto de outra forma. O ritmo, os acordes, a melodia, a forma como ele toca. 'Queres saber o que é o jazz? É isto mesmo'", exclama o saxofonista. Nesta peça, o contrabaixista Romeu Tristão também tem oportunidade de oferecer a sua própria definição do que é o jazz, e todos ficamos a ganhar perante essa

uma das mais belas obras lançadas este ano em Portugal: um disco em que Ricardo Toscano assume a plenitude da sua voz, mostrando que o tom que foi moldando no seu alto é único, o verdadeiro pilar da sua distinta voz autoral. Mas Ricardo não é apenas um grande músico, é igualmente, como mais uma vez demonstra, um compositor de mão-cheia. 'Orange Blossom', confessa-nos, foi escrita ao piano, num repente: "Não sou grande pianista. Toco, vá lá, ao nível de um compositor", explica ele, soltando uma gargalhada que traduz a plena consciência do que acabou de dizer. "É gosto de escrever temas de ato único. Começa-se a escrever e acaba-se no mesmo dia. Ou no

plural exposição de uma invenção centenária que continua a admitir a urgência do que é novo. Quando questionado sobre trios de referência, Toscano volta a pensar num pianista, o que não deixa de ser curioso: "Gosto muito do trio do Ahmad Jamal. Esse é imaculado", avança. "Mas há outros que têm mesmo aquele som — aquela arquitetura máxima — do trio. Trios de saxofone? O Sonny Rollins tocava em trio. Mas nunca tinha uma banda fixa. Ia tocando com malta. Ele tem um álbum com o Elvin Jones, 'A Night at the Village Vanguard'... Mais digging que aquilo é impossível", conta-nos o saxofonista, não escondendo o entusiasmo, mas sem revelar todas as fontes em que bebeu.

E se há momento em "Chasing Contradictions" em que somos confrontados com essa busca de que Toscano tanto fala, esse momento tem por título 'Súplica (Wagas Paixões)', um fado que Ricardo Toscano já interpretou com o seu amigo Camané e que aqui se ergue em toda a sua dramática glória, todo ele cinza emocional, tão fundo como a mais negra das solidões e tão luminoso como a mais brillante ilusão, uma contradição que, feita som, nos dá uma das mais belas exposições melódicas de que há memória no nosso jazz e um solo que é todo alma exposta, como uma fratura após uma queda. Não há cura para esta dor, parece dizer-nos o alto de Toscano. Mas o sofrimento também é prova de vida. E Ricardo Toscano está bem vivo, aqui. ●



★★★★★

CHASING CONTRADICTIONS
Ricardo Toscano Trio
Clean Feed

Manifestar a dor

Pra lá de todo o amor que possamos ter em nós, somos seres feitos de dores, perdas e despedidas que vamos acumulando ao longo da vida. O modo como lidamos com elas pode atirar-nos para um buraco sem fundo, mas o processo de mastigação daquilo que nos causa mágoa poderá, por oposição, alimentar-nos a inspiração e dele conseguirmos retirar algo que ajude a alumiar-nos o caminho. Foi essa a via seguida por Papillon, manifestação artística do rapper de Men Martins Rui Pereira, neste seu segundo álbum em nome próprio. "Jony Driver" sucede a "Deepak Looper", de 2018, e é o primeiro registo a solo depois de extinto o coletivo GROGNation, com o qual se apresentou ao mundo há aproximadamente uma década. "Todos precisamos daquela fundação que nos vai fazer dar os passos por nós próprios", assume o rapper em entrevista ao Expresso. "Foi a minha escola, onde aprendi todas as bases para fazer música por mim próprio. Essa base foi muito importante para o artista que sou hoje." Já para o homem que é, a maior referência será sempre o pai, estrela norteadora de um disco que parte em busca da luz no meio do luto. A arte que dele nasce é a prova viva da gana que Papillon tem de seguir ao volante pelos caminhos que mais lhe aprovarem.

"Faz falta mudar para melhor." É envolto no crescendo explosivo de 'Metamorfose Fase I' que entramos em "Jony Driver", com Papillon a deixar bem claro, desde o início, que veio para "renovar a mensagem", "remodelar a paisagem" e "mudar o mundo" sem pedir licença. E mudar-se a ele próprio pelo caminho. "Papillon é símbolo de transformação. Quero ser sempre essa bandeira, mostrar que é possível mudar para melhor, e que só se muda para melhor se tivermos coragem para mudar", defende. "Se não tentas, nunca vais saber se consegue ou não." A viagem, depois desse assertivo arranque, passa por momentos negros — numa 'Desperta', que vai ardendo em

lume brando, alimenta a briga entre cabeça e coração para reconhecer que foi a música que o salvou de andar à deriva; em 'Fe', dá voz ao "amor que desaba e te abandona" e à "saudade que aperta a alma e o intestino" — mas eleva-se, pelo caminho, com a efervescência de canções como uma 'Y' com "sangue na guerra" ou uma 'Cria' que chega como homenagem ao pai-herói ("filho de estrela só tem de brilhar") e à força lutadora das suas raízes ("sou filho da tuga que praticamente só aceita niggas com palmares"). Não há canções curtas em "Jony Driver", o que não só significa que Papillon tem muita para dizer ao mundo (e outros tantos recados para entregar a si próprio) como que quis dar-se o tempo necessário para curar estas dores. "Foi difícil revisitar certos e determinados sentimentos", confessa. "É quase masoquismo pôr constantemente o dedo na ferida. Foi difícil lidar com a dor no rumiar dos pensamentos, mas depois, quando chegámos à parte da execução, foi muito mais divertido. Eu gosto de fazer música, portanto o tempo passa rápido quando estou a fazê-la."

Papillon vai olhando também, no decorrer da viagem de "Jony Driver", para o mundo que o rodeia, refletindo sobre o racismo sistémico em "Corre, da Morte" ("Sou cercado pela bôfia, e, do nada, eram quatro ou cinco/ fardados de mão no cinto, me abordaram bem agressivos/ e um diz: 'Você está detido' e eu nem sei qual é o motivo/ Um nigga corre da morte, todo o dia a morte diz: 'corre, nigga'") ou o nepotismo e a tentação do dinheiro em 'Con.' (Mal saiu da faculdade,



JONY DRIVER
Papillon
Sente Isto/Sony Music



Papillon segue a solo depois do fim dos GROGNation

FILIPE FEIO

foi trabalhar ainda tenrinho para a empresa de construção do seu padrinho/ tempo é dinheiro, ele não faz nada devagarinho/ no tanque dos tubarões, ele aprende como um golfinho"). Na reta final do disco, tudo se torna mais intenso, com a despedida da figura paterna a tomar o lugar central em "Corpo. Mente", na qual conta a sua história de superação; numa comovante 'D.O.R.' ("Espero que um dia tu tenhas orgulho em mim/ que estas palavras possam chegar até ti, Jony Driver"); na transcendência de 'Cria'; e, claro, na despedida de 'Jony Driver': "Esta é a herança que o criador deixou/ os valores passados que valem bem mais que todos os preciosos metais são lições imortais que para sempre eu vou ter." Claro que os pontos finais no título de cada canção não são inocentes: estão lá para mascarar a dor. Entre

o toque do despertador, o corredor da morte e um fedor transformado em fé, Papillon criou um grupo de canções reparadoras de traumas que o ajudam a construir um futuro livre das amarras do passado.

"Aquilo que sou hoje é o resultado das decisões que tomei ontem, mas é importante reconhecer o que aprendi", confessa. "Aquilo que quis transmitir com este disco foi a importância de entender que essas decisões são importantes para o nosso crescimento. Por mais que acabem por se refletir em dor, vão traduzir-se, também, em crescimento." O que sobressai desse exercício sombrio de exorcização é o olhar otimista de quem salta do lugar de passageiro para o volante: "Tou bem mais atento aos sinais e vou atrás dessa luz para nunca mais esconder a dor atrás de pontos finais." Bravo. / MÁRIO RUI VIEIRA

JAN 2023

Inventámos umas coisas que fazem barulho, mas não uma única que crie o silêncio.

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO

Noël Coward
Vida de Artistas



TEATRO
CARLOS
ALBERTO
5–8 JAN

Momento – Artistas
Independentes
M/14 anos

Tratado, a
Constituição Universal

Diogo
Freitas

encenação

TEATRO
SÃO JOÃO
12–21
JAN

Theatro Nacional
D. Maria II
M/14 anos

Casa
Portuguesa
Pedro Penim

texto e
encenação

TEATRO CARLOS
ALBERTO
19–22 JAN

Artistas Unidos
M/12 anos

Vida de Artistas
de Noël Coward
Jorge Silva Melo

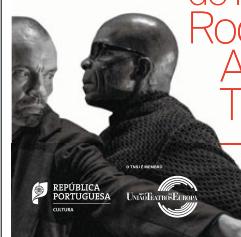
FINISTERRE
MOSTRA DE ESPETÁCULOS
INTERNACIONAIS

TEATRO
SÃO JOÃO
27+28 JAN

Théâtre National
de Strasbourg (França)
Teatro Nacional
São João (Portugal)
M/14 anos

Iphigénie
de Tiago
Rodrigues
Anne Thérón

encenação



REPÚBLICA
PORTUGUESA
GOMINA
União das Comunidades Europeias

BPI

Fundação "la Caixa"



★★★★★

ANADOLU EJDERI

Gaye Su Akyol

Glitterbeat

Sem que se tenha dado muito por isso (sempre melhor do que irromper num foguetório de hype que, mal explode, logo se fina), alguma da mais surpreendente música dos últimos anos tem surgido no exterior das habituais coordenadas anglo-americanas. Do ótimo "Songs of Our Mothers" (2019), da afeugá Elaha Soroor, a "Vulture Prince" (2021), da saudita-paquistanesa Arooj Aftab, ou a "Roya" (2022), da israelo-iraniana Liraz — por coincidência (ou não), três mulheres oriundas de quadrantes onde a condição feminina é encarada sob uma perspectiva menos que medieval —, não houve muita outra música que tivesse valido tanto a pena descobrir. Exceções apenas (também no exterior das fronteiras do "império") para aquela que a selvática invasão russa da Ucrânia nos chamou a atenção — os belíssimos Folknery, DakhBrakha, Torbán, Dakh Daughters, ou Joryj Kloc — e para o inesgotável universo sonoro da China contemporânea. Abra-se alas, então, para a turca Gaye Su Akyol, autora de "Anadolu Ejderi" (Dragão da Anatólia). Ela própria explica como, durante os anos de peste pandémica, encerrada em casa, escreveu para cima de 100 canções: "Senti-me como uma cientista lidando com uma reação química que expandia os gêneros que conhecia: pop-folk da Anatólia, música clássica turca, rock psicadélico turco, pós-punk, jazz, surf e umas pitadas de disco e de música africana. É um meteoro turco: sangue, suor e lágrimas numa paisagem de cavalos selvagens." Celebrando o metafórico despertar do dragão adormecido ("Vivemos um clima político no qual a luta pela identidade feminina é revolucionária. A única resistência só pode ser uma ação coletiva"), estas "histórias para o futuro" narradas sobre filigrana psicadélica de guitarra, baixo, bateria, violino, baglama, cimbüs e sazbüş, são o empolgante manifesto de quem se apresenta como "uma nadadora olímpica numa piscina cheia de lâminas". / JOÃO LISBOA

E ainda...



PASSAGEM DE ANO
EM LISBOA

Terreiro do Paço, amanhã, 22h30

Lisboa despede-se de 2022 ao som de Paulo Gonzo, às 22h30. Depois do fogo de artifício, um "elenco" composto por Bonga, Cuca Roseta, Elida Almeida, Pongo, Batukadeiras X e Samuel Uriá celebra a lusofonia, acompanhado pelos Fogo Fogo.



PASSAGEM DE ANO
NO PORTO

Queimódromo, amanhã, 22h30

A Invicta celebra o réveillon com um concerto de Fernando Daniel, às 22h30. Depois de um espetáculo imersivo e do fogo de artifício, atuam Diogo Piçarra, às 00h10, e Moullinex, às 1h30.



OKSANA LYNNIV

Grande Auditório da Gulbenkian,
5 de janeiro de 2023, 20h.
e 6 de janeiro de 2023, 19h

A maestrina ucraniana Oksana Lyniv protagoniza o Concerto de Ano Novo da Gulbenkian. Fundadora e diretora artística do LivMozArt Festival e da Orquestra Sinfônica Juvenil da Ucrânia, é uma embaixadora da cultura ucraniana e da luta pela paz.

Exposições

e@expresso.empresa.pt

ANTONIO JORGE SILVA



Um cubo sem fim

Embrião de múltiplas exposições futuras, tal e qual como a obra de Pomar, que continuamente vamos redescobrindo

TEXTO JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

Quando hoje se fala do cubo branco como espaço de exposição (modernista), está quase sempre implicita uma crítica à sua finitude. Ora, o espaço expositivo do Atelier-Museu Júlio Pomar é um cubo que não parece ter limitações, é algo que salta para fora da si mesmo sobretudo através de uma série, sabia e sensível, de exposições onde a obra de Pomar dialoga com outros artistas, as mais das vezes de gerações que lhe sucederam, com efeitos fortes e inesperados, emprestando uma surpreendente plasticidade ao espaço onde esse encontro se realiza.

As mutações foram constantes ao longo dos anos: da afirmação de um *axis mundi* com Julião Sarmento, ao lixo transfigurado em gesto vertical com Pedro Cabrita Reis, ao cursivo tridimensional com Rui Chafes, à dança com Sónia Almeida. Na presente exposição a situação é diferente: não há um conjunto, mas obras de Júlio Pomar (1926-2018) escolhidas para interagir caso a caso com pequenos núcleos - peças de André Romão (n. 1984) e Jorge Queiroz (n. 1966), e ainda com uma

instalação de Susanne Themlitz (n. 1968), esta última numa situação de grande visibilidade, ocupando uma grande parte do espaço.

No caso de Jorge Queiroz, há uma mesma intenção, algo convulsiva, nas quatro pinturas de Queiroz comparadas com oito desenhos bem anteriores (“Caderno de Paris”, 1963) de Júlio Pomar, situação que se acentua ainda mais numa correspondência que chega a parecer mimética entre desenhos-colagens com penas de A. Romão e desenhos de Pomar. Já com Susanne a situação é diferente, no caos que se vai organizando quando se compara “Entre”, um andaime de bambu com intervenções têxteis verticais, e os bem conhecidos “Mascarados de Pirenópolis” de Pomar.

A exposição joga com a semelhança ou com a simpatia formal entre Pomar, Romão e Jorge Queiroz, e em semelhanças de situação na organização de um espaço pretensamente caótico nos “Mascarados” e na fragilidade e precariedade de “Entre”. Não sinto aqui qualquer procura de globalidade, já que a mostra se organiza numa série de fragmentos

dispersos e diversos, assim como na procura deliberada de contacto entre Pomar e três artistas mais novos, tentando e conseguindo uma demonstração óbvia da já bem conhecida versatilidade e variedade nos desenhos e pinturas de Pomar que podemos redescobrir, um pouco por toda a parte, noutras obras e artistas sem qualquer influência ou imitação deliberada. Aqui e ali, à margem da exposição, afloram outros temas: o da destruição e (ou) da morte na arte, nos fragmentos agonizantes de estatuária utilizados por André Romão, e, mais relevantes ainda, os de uma correspondência que sublinha o funcionamento global daquele espaço, numa curiosa peça, também de Romão, “Atlântico” (2021), que nos apresenta uma mala de viagem aberta, e aparentemente abandonada ao acaso, contendo um resumo oceânico de conchas e sugestões aquáticas. Esta é uma pequena infinitude que se relaciona com a infinitude do grande cubo onde tudo se mostra, e que contém, sem limitar, toda esta parafernalia que, mais do que uma exposição, pode entender-se como um embrião de múltiplas e variadas exposições futuras, tal e qual como a obra de Pomar, que continuamente vamos vendendo, lembrando e redescobrindo. ●



**EM MATERIA
DE MATERIAS-PRIMAS**

Júlio Pomar, André Romão,
Jorge Queiroz e Susanne Themlitz
Atelier-Museu Júlio Pomar, Lisboa,
até 31 de março de 2023



ECHOES OF NATURE

Manuela Marques

Museu Nacional de Arte Contemporânea
do Chiado, Lisboa, até 29 de janeiro

Com importante circulação internacional e em Portugal (Prémio BES Photo em 2011 e exposição na Gulbenkian em 2017), Manuela Marques vê agora incluída na programação da temporada Portugal-França 2022 a exposição "Echoes of Nature". A mostra faz parte de um tríptico expositivo e reúne um conjunto alargado de obras fotográficas e videográficas, sob curadoria de Emilia Tavares, que remontam de 2018 até à actualidade. Eco é uma palavra bastante sintomática desta recolha, porque há um longo nestes imagens, um mundo primevo que enviamos para as margens geográficas do viver colectivo. Cada ressonância de relevo ou recorte de luz, cada fruto da pedra vulcânica, cada cintilação marinha ou redemoinho de vento nos lembrão o quanto nos apartámos de uma vida onde cabe a madeira, a lava, o gelo ou o fogo. Mais do que um exercício de documentação, este trabalho corresponde à ideia de uma "geopoética" (do poeta e viajante Kenneth White, citado no texto de Leá Bismuth no catálogo), ao testemunho meditativo da última aparição do sublime ou do seu reflexo fotográfico possível, que se manifesta logo nessa distância que a fotografia reinventa, se confirma na escala que a nós mesmos recoloca ou na estranheza pontual do que vemos, também ela filtrada por um paciente olhar fotográfico. No mar espelhado do video "Outremer" (2002), que deixa ver as águas noturnas na aproximação de uma tempestade, nas imagens que exibem o estranhamento das texturas, as ocasionais presenças e gestos humanos ou de algumas outras criadas em contextos mais artificiais, mas que buscam ainda o espelho da natureza, descobrimos a coerência de um olhar que usa a imagem como forma de aproximação humana a um mundo que tem o seu próprio movimento.

CELSO MARTINS

/ CELSO MARTINS

Einda...



MINIATURAS

TIPOGRAFICAS

Américo da Silveira
Museu Nacional da Imprensa, Porto,
exposição permanente

São 160 peças de uma coleção única, que mostra a evolução da imprensa, produzidas ao longo de 40 anos por Américo da Silveira, tipógrafo que emergiu das Oficinas de S. José, mestre em várias escolas técnicas e chefe de tipografia em empresas de Portugal e Angola.



HISTÓRIAS DE TODOS OS DIAS. PAULA REGO, ANOS 70

Paula Rego

Casa das Histórias Paula Rego,
Cascais, até 21 de maio de 2023

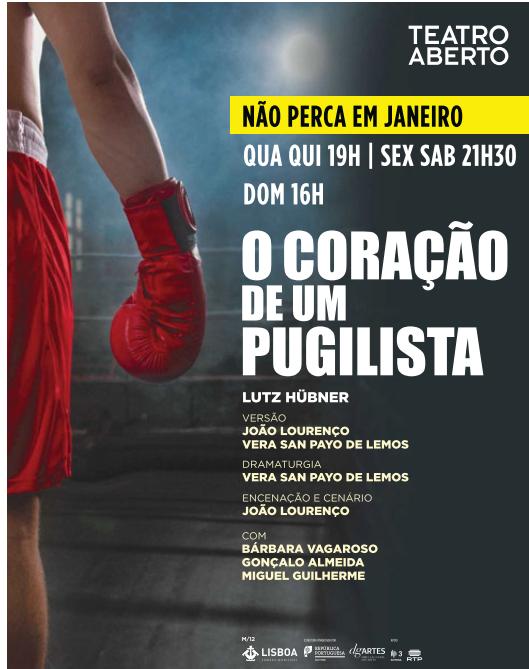
É a curadora Catarina Alfaro quem nos diz: "Durante esse período, a artista encontra na quinta da família, na Ericeira, e nos trabalhos do campo, a que se dedica com frequência, um sentimento de leveza que se revela proveitoso em termos criativos."



IL FANATICO PER LA MUSICA: O CONDE DO FARROBO E O TEATRO DAS LARANJEIRAS

Teatro Thalia, Lisboa,
até 31 de março de 2023

Comissariada por Fernando António Baptista Pereira e José Norton, a mostra assinala os 200 anos do Teatro Thalia, fundado pelo conde de Farrobo, reunindo 70 peças, algumas inéditas, vindas sobretudo da coleção da família Quintela.



SUBSCREVA
O EXPRESSO POR

A large, stylized blue '50' logo occupies most of the page. The '5' is on the left and the '0' is on the right, with a thick blue outline. Inside the '0', the word 'anos' is written in a dark gray sans-serif font. In the bottom-left corner, there are three smaller screens showing different magazine spreads from 'O Expresso'.



AS NOTÍCIAS MUDAM, O PREÇO DO EXPRESSO NÃO

CAMPANHA EXCLUSIVA 50 ANOS

Subscreva o Expresso Digital até 2073,
equivalente ao valor de 19,80€* ao ano.

Expresso

Liberdade para pensar



JULGO QUE ERAM AS SOMBRINHAS



A neozelandesa
Katherine
Mansfield

OS CONTOS E SKETCHES DE "NUMA PENSÃO ALEMÃ" COSTUMAM SER DESCRITOS COMO GENUÍNOS, CRUÉIS, VIBRANTES, SARCÁSTICOS

Termino a viagem -em- livros a 1922 com uma colectânea de Katherine Mansfield, escolha que implica um pequeno desvio: se o mais importante livro de contos da neozelandesa saiu em 1922 ("O Garden-Party", de que há diferentes traduções portuguesas), queria antes evocar "Numa Pensão Alema" (1911), livro de estreia que a própria autora considerava "imatura", "extravagante" ou "horrendo". Escolho-o, em primeiro lugar, porque não creio que seja nenhuma dessas coisas, excepto talvez "extravagante". Em segundo lugar, porque é um daqueles casos onde o muito bom já é visível no menos bom. E, em terceiro, porque foi o primeiro livro que li de Mansfield, com vinte e poucos anos e cheio de entusiasmo e expectativa.

Em 1909, a jovem Katherine estava grávida e sem marido quando a mãe decidiu mandá-la para umas termas na Baviera. Ficaram ambas alojadas num hotel, depois Katherine mudou-se sozinha para uma pensão (entretanto perdera o bebé). Compreende-se que o seu estado de espírito não fosse o melhor. Estar rodeada de alemanes não ajudou. Os contos de "Numa Pensão Alema" são caricaturalmente antigermânicos, tantos os alemanes snobes, glutões, pretensiosos e nacionalistas que aqui aparecem; mas se isso é pouco interessante, há momentos em que as personagens se transformam em figuras genéricas de comédia: os barões, os professores, as mães pudicas ou casamenteiras, os lúbricos, as literatas. Ainda que a família de Mansfield não viesse da penúria nem da obscuridade, há nestes textos um olhar "plebeu" sobre a alta burguesia que torna o livro divertido, sobretudo quando destrota o romantismo como enfadonho marcador de classe (uma das personagens, alter ego da autora, atira um livro de Mörike, um dos românticos alemães, contra uma buganvília, ou seja, atira o romantismo contra a natureza). Mas se não é o *sic transit gloria German mundi* que fica na memória, o que fica?

O que nos vem logo à ideia é a proximidade entre a pensão alemã e o círculo artístico e literário de Bloomsbury, do qual Katherine Mansfield era uma espécie de prima das colónias. Metade oitocentista, metade novecentista, Katherine partilhava essa indefinição com os bloomsburitas e os burgueses alemães. Um dos seus contos começa: "Julgo que eram as sombrinhas que nos davam aquele ar ridículo." E em 1915, numa crítica na imprensa, chamará a Virginia Woolf, a propósito do primeiro romance desta, "Miss Austen up-to-date", o que ajudou

a que Woolf decidisse afastar-se da ficção "antiquada". Como lembra uma biógrafa de Mansfield, Claire Tomalin, as personagens de Virginia ostentam uma ligação com a História e a cultura, são sofisticadas, elegantes, enquanto as de Katherine, vivas, vulneráveis, ousadas, têm apenas do seu lado "o charme, o absurdo, o *pathos*". Por isso Virginia Woolf confessou que a invejava, embora não gostasse dela, e que se sentia assombrada por aquele "fantasma emaciado com olhos agudos e lábios trocistas".

Os contos e sketches de "Numa Pensão Alema" costumam ser descritos como genuínos, cruéis, vibrantes, sarcásticos, virtudes que podem descambiar em defeitos ou insuficiências. O primeiro editor do livro louvou a "ingenuidade maliciosa" das histórias, embora essa ingenuidade (*naïveté*) seja mais uma falta de experiência ou uma experiência inocente, desiludida. Veja-se como a ambição, liberta de constrangimentos sociais, surge ainda assim indexada ao dinheiro; como as mulheres emancipadas se portam de forma nada emancipada; como os homens que prometem aventura trazem pouco mais do que grosseria, ou como as receitas para a felicidade são fraudulentas, seja o casamento, as maneiras refinadas, a poesia alemã ou a hidroterapia. Se um destes contos, que mal se distingue de um plágio de Anton Tchekhov, acaba em tragédia, o tom dominante é a insatisfação e a decepção, como se Mansfield fosse um Tchekhov insubmisso e abrasivo. Não sendo um grande livro, "Numa Pensão Alema" é ainda hoje uma grande descoberta. ●

pedromexia@gmail.com

Pedro Mexia escreve de acordo com a antiga ortografia



/ PEDRO
MEXIA

VÍCIOS

"PESSOAS SEM VÍCIOS TÊM POUCAS VIRTUDES"

EBIKE C3 URBAN GLIDE

Com pneus apelidados de fat, até o mais desajeitado se sente colado à estrada e possivelmente com menos receio de cair. Claro que há um custo associado: se faltar bateria, o atrito das rodas "gordas" vai repercutir-se em esforço para pedalar. De resto, é uma opção para quem preza a comodidade ou se cansou da irregularidade do piso. Quadro e banco dobráveis facilitam arrumação. Não permite acesso a app.

Motor: 250 W **Bateria:** autonomia máxima de 60 km; sete mudanças; quatro modos de motor elétrico **Peso:** 27 kg **Preço:** €1249



Pedais com ajuda

A corrida às bicicletas elétricas tende a engrossar o pelotão de quem junta deslocações ao exercício e à ecologia. Antes de ir à loja, descubra o que tem de saber

TEXTOS HUGO SÉNECA

1 CRUISER-SILENT RIESE MÜLLER

O nome de pasteira fica aquém das aspirações da Cruiser-Silent: os punhos e banco de pele e os pneus castanhos são um hino ao clássico, o guidão curto ajuda a evitar espelhos retrovisores e simplesmente não se dá pela correia, pois é de carbono e não faz barulho nem suja as calças. Relacionada com a corrente está a maior virtude do modelo: a possibilidade de mudar de velocidade parado em stops e semáforos. Mesmo com motor desligado, confirma que foi feita para retribuir o carinho dos donos. Flutua quando os outros modelos rolam.

Motor: 250 W e 65 Nm **Bateria:** 500 Wh; não tem conectividade com app de telemóvel; travões hidráulicos **Preço:** desde €4039

2 MACINA KAPOHO 7973 KTM

Até mesmo na classe das motas haverá modelos mais baratos, mas nada garante que prestem o serviço premium da Macina Kapoho 7973. Até um aselha do pedal nota que a ajuda do motor é suave e gradativa e a comodidade não é sacrificada pela velocidade. A largura de pneus garante aderência e conforto acima da média. Uma escolha que promete não deixar ficar mal quem circula em calçadas, paralelepípedos e um ou outro buraco e não dispensa as voltas no campo.

Motor: 250 W e 85 Nm **Bateria:** 750 Wh; 12 mudanças **Peso:** 27,7 kg **Preço:** €5199

3 ALLTRAIL 4 HAIBIKE

Se não gosta de BTT e não quer questionar a lei da gravidade, esta não é bicicleta que procura. Além das suspensões da roda dianteira e o amortecedor sob o assento, a "configuração BTT" distingue-se por um motor ligeiramente mais agressivo. O piso é sentido com grande detalhe, sem ser incomodativo. O acréscimo de força exigido pelo motor desligado não deverá ser problema para fãs de um desporto que exige binário de pernas. Permite rodas de diferentes tamanhos.

Motor: 250 W e 70 Nm **Bateria:** 630 Wh; autonomia máxima de 120 km **Peso:** 23,8 kg **Preço:** €3999

Há mais de 200 anos a bicicleta provou que é possível fazer do animal transportado a principal força motriz, mas os últimos tempos confirmam que nem sobre os pedais há verdades absolutas. "O motor elétrico atua consoante as necessidades. A ideia é que a pessoa não deixe de pedalar. Uma pessoa que não está em forma consegue acompanhar os amigos nas voltas de bicicleta e as pessoas em forma dão voltas maiores sem se cansarem", explica Paulo Samora, técnico de ciclismo do El Corte Inglés.

Com a redução de 23% para 6% do IVA a perfilar-se em 2023, a euforia das bicicletas elétricas prepara-se para estender a escalada iniciada na pandemia — mas importa lembrar que, mesmo entre elétricas, as bicicletas não são todas iguais. E há outros cuidados a ter, além da afinação de travões: "As atualizações de software permitem, entre outras

coisas, aumentar os newtons por minuto (o binário). Quem fez atualizações poderá subir mais rapidamente uma rampa do que um amigo com o mesmo modelo de bicicleta que não fez a atualização", acrescenta Paulo Samora.

Bosch e Yamaha são as principais forças que embalam esta pequena revolução itinerante, com o fornecimento de motores, baterias e software para um pelotão de marcas conhecidas, como KTM, Scott, Cannondale, Haibike, Riese-Müller, Trek, Specialized, Orbea, Mondraker, Urban Gilde e também uma outra, que não terá sido precedida de estudos de receção em Portugal, como a Kona.

A DIETA DE DUAS RODAS

Nas idas e voltas do trabalho, na entrega de comida ou até nos despiques entre ciclistas domingueros o peso conta. Entre lojistas, há quem lembre orçamentos de centenas de euros

para reduzir 200 gramas na bicicleta, num ímpeto que talvez produzisse maior efeito com uma dieta. Quem segue esse trilho pode responder que os 200 gramas a menos valem precisamente porque não obrigam à dieta. Daí ao carbono pode ser apenas uma pedalada. "Se olhar exclusivamente ao peso, então o quadro de carbono não pode justificar-se. Mas, por outro lado, o carbono também pode levantar questões na integração de componentes", explica Miguel Feleiciano, gerente da loja BeElectric.

Os motores elétricos só funcionam com a bateria carregada, mas nos anos que leva de aconselhamento Miguel Feleiciano é levado a crer que há maior probabilidade de ver alguém apeado por um furor do que com a bateria a zero. E há duas boas razões para isso: 1) as bicicletas elétricas continuam a circular mesmo quando não há energia, e 2) quase ninguém quer ser apanhado sem



Além do motor, o candidato a ciclista deve ter em conta a localização da bateria, que, mesmo sendo amovível, influencia o equilíbrio, consoante se situe no quadro ou no porta-cargas



bateria, porque estas bicicletas são mais pesadas.

Há modelos de rodas diminutas e modelos comparáveis aos híbridos de jipe e carros desportivos (SUV), assim como opções para radicais do BTT e pasteleiras refinadas. Pelo meio irromperam também bicicletas que parecem ter pedido emprestado os pneus aos boogies que cruzam as praias. Entre os modelos notam-se

duas famílias dominantes: uma com motor no eixo dos pedais (roda traseira) e uma segunda com motor na roda traseira.

Além do motor, o candidato a ciclista deve ter em conta a localização da bateria, que, mesmo sendo amovível, influencia o equilíbrio, consoante se situe no quadro ou no porta-cargas. Mais importante ainda é, melhor do que uma bateria amovível, só mesmo duas baterias amovíveis, pois permitem que se deixe em casa uma unidade a carregar enquanto se usa a outra. Claro que este cenário implica investimento: “A bateria é um consumoável, como os travões e os pneus”, lembra Carlos Luís, gestor da marca Urban Glide em Portugal.

Os motores têm como referência os 250 watts de potência — mas distinguem-se pelo “binário”, medido em newton metro (Nm). Num modelo citadino, a referência são os 50 Nm. Numa bicicleta de BTT ou de montanha já serão bem-vindos 70 Nm e uma bicicleta de carga possivelmente não dispensa um bom almoço. Os motores tornam fácil superar o limite dos 25 km/hora, mas o desempenho será tanto melhor quanto o hábito para combinar mudanças com modos de motor. A autonomia varia do modo ecológico à opção “turbo” ou equivalente. O peso transportado e o relevo do piso também condicionam.

As suspensões e os amortecedores mecânicos ou de ar comprimido e os travões hidráulicos ou cablados têm uma palavra a dizer — e uma fatuра, caso os consumidores pretendam substituir componentes. A mesma conveniència se aplica às luzes. Havidendo energia, há computação. E é esse “cérebro eletrônico” que dá capacidade para estimar autonomias energéticas e aceder à internet para apresentar mapas em apps de telemóveis e visores ou até bloquear o motor remotamente.

Há quem diga que nunca se esquece. Os pedais estão lá para o provar. ●

4 MK-1 BUTCHERS & BICYCLES

É possível que já haja crianças que distingam os adultos consoante saibam ou não pilotar uma MK-1. Para os pais, pode parecer fácil impressionar com uma viagem no habitáculo dianteiro, mas antes disso há que aprender a lidar com a basculação que suporta este triciclo, que vira sem grandes manobras de volante em estrada, mas exige treino para manobras em espaço reduzido. Mesmo sem motor, desliza sem grande esforço, mas os 49 kg seguramente que se fazem notar com duas crianças ou numa subida com as pernas como única força motriz.

Motor: 250 W e 85 Nm **Bateria:** 500 Wh, com possibilidade de acoplar duas baterias; permite atrelado; **Peso:** 200 kg; **autonomia:** máxima de 80 km

Preço: €6444 (sem IVA incluído)

5 CHIP 3.0 MEGAMO

As duas rodas de pequenas dimensões e a dobradiça a meio do quadro dizem logo ao que vêm. A Chip 3.0 foi feita para pisos planos e uniformes, em locais citadinos e frenéticos. Sente-se todo o piso, mas em demasia, pelo que as viagens sobre paralelepípedos ou calçadas podem ser mais penosas. Dá sensação de inércia sempre que se pára de pedalar. Em contrapartida, o motor tende a ser mais agressivo quando entra em ação. Uma opção para casas e bagageiras exigüas ou para quem apenas quer meio de locomoção sem grande compromisso. Não tem conexão com app.

Motor: 250 W **Bateria:** 281 Wh; **autonomia:** máxima de 50 km **Peso:** 17,5 kg **Preço:** €1019,15

6 RIVERSIDE 500E DECATHLON

É a típica bicicleta de trekking (não confundir com BTT), mas cumple a missão de chegar a quase todos os perfis. Tem motor na roda traseira e arroga-se a maior equilíbrio, por ter a bateria no quadro. Não será um drama ficar sem ajuda de motor, mas dispõe apenas de três modos de motor, que limitam o efeito gradativo. Bloqueio de suspensão nas descidas e garantia de três anos do motor são mimos a ter em conta. Tem ecrã interativo mas não dispõe de app.

Motor: 250 W e 42 Nm **Bateria:** 418 Wh; três modos de motor elétrico, oito mudanças **Peso:** 22,9 kg **Preço:** €999



VÍCIOS

RECEITA

POR JOÃO RODRIGUES
(PROJECTO MATERIA)



PRODUTOS & PRODUTORES

Nature Fields

A Nature Fields, empresa sediada no coração da Beira Baixa e integrada no Geopark Naturtejo, centra-se no cruzamento de raças — tais como Brava, Montbéliards, Limousine e a japonesa Akaushi —, de forma a obter uma carne única e exclusiva, em profundo compromisso com a natureza. A formação em Engenharia de Produção Animal é argumento determinante para Arlindo Cardosa, agricultor e empresário, avançar com a compra da Quinta da Várzea, em Idanha-a-Nova, e nela criar o epicentro da Nature Fields. Fundado a 8 de abril de 2013, este negócio “é o suporte a cruzamentos de raças de gado bovino”. Desde o princípio que Arlindo apostou num modelo assente na sustentabilidade, e o primeiro registo data de 2013 e está vinculado à carne de novilho tradicional. Trata-se da marca Geo do Prado, associada ao facto de a produção da Nature Fields ocorrer no território do Geopark Naturtejo. Um ano depois, Arlindo Cardosa desenvolve a carne de vaca maturada na sequência de uma experiência iniciada, em finais da década de 1990, no norte de Portugal. “É um segmento direcionado para os chefes de cozinha.” O ano de 2016 é marcado pela obtenção da certificação biológica, pela SATIVA. Acresce o selo de Geo Produto, alcançado graças ao facto de “produzir em terra protegida pela UNESCO, no sentido de promover o consumo local e a economia circular”. É possível encontrar esta carne em vários pontos de venda a nível nacional.

Beef Wellington

Tempo de preparação 45 minutos | Tempo de confecção 1h30

INGREDIENTES

1 lombo de novilho / 500 g de cogumelos paris / 4 chalotas / 3 dentes de alho / 100 g de Terrina de Foie / 100 g de presunto / 4 crepes / 1 massa folhada / 2 chávenas de café de natas / 1 ovo / Sal q.b. / Pimenta q.b.

Picar os cogumelos, as chalotas e o alho e saltear em azeite até estarem bem cozinados.

Triturar com as natas e a Terrina de Foie para fazer um puré forte de cogumelos. Temperar com sal e pimenta.

Temperar o lombo com sal e pimenta e corar em azeite até obter uma cor uniforme. Deixar descansar.

Estender película e, no centro, fazer uma cama de presunto e barrar com o puré de cogumelos. Colocar o lombo no centro deste preparado e enrolar a película de forma a obter um rolo. É importante apertar ao máximo para conseguir uma forma cilíndrica bem compacta. Deixar descansar no frio durante uma hora.

Retirar do frio, libertar a película e, com a ajuda de uma nova película, embrulhar o preparado, desta vez numa cama de cogumelos, e deixar descansar no frio, bem apertado para manter a forma, por mais uma hora. Por fim, retirar novamente a película e embrulhar na massa folhada.

Pincelar com ovo batido e, de seguida, cozinhar no forno a 200°C por 15 minutos ou até que a massa esteja cozinhada e dourada. Deixar descansar antes de cortar. ●

PROJECTO MATERIA

É um projeto sem fins lucrativos, desenvolvido pelo chefe João Rodrigues, que pretende promover os produtores nacionais com boas práticas agrícolas e produção animal em respeito pela natureza e meio ambiente, enquanto elementos fundamentais da cultura portuguesa. Ler mais em projectomateria.pt

RESTAURANTES

POR FORTUNATO DA CÂMARA

Novo horizonte a sul

De cervejaria castiça num entroncamento passou a ser O Pinto, marisqueira com pinta, à beira-rio



NUNO FOX

Acaminho da frente ribeirinha da Amora, numa das margens da baía do Seixal, fiz questão de passar junto às antigas instalações da cervejaria e marisqueira O Pinto. Uma casa térrea, antiga, situada na confluência de três ruas, com uma barra negra a voltar a fachada, com o logótipo um pouco mais recente, que tinha vindo substituir uns toldos castiços encarnados onde se lia apenas "cervejaria". O interior tinha já vários aquários de marisco e as típicas paredes de azulejo a meia altura de muitos restaurantes de bairro. A popularidade da casa fez-se pela qualidade do marisco ali servido ao longo do tempo, com uma clientela firme que permitiu dar um salto... em frente!

E que salto! Logo uns 300 metros após a antiga morada, com o rio bem na frente, abriu no verão a nova vida d'O Pinto Marisqueira. Um edifício com terraço pronto a contemplar um horizonte ambicioso, de salas confortáveis, acústica pensada, serviço atento e eficiente e uma clara orientação para o cliente. Os preços trouxeram

poucas alterações em relação às últimas cartas da antiga casa. Ainda assim, não deixa de ser verdade que a inflação no universo das marisqueiras está ao rubro. Não é raro um prato que leve lavagante ou lagosta ultrapassar o preço de um menu de degustação de um restaurante de cozinha de autor.

Aqui começámos por seleccionar as entradas que não queríamos das que foram colocadas a "abrir" a mesa (e a conta...). Velhos hábitos que podiam ter ficado na velha morada. Se o serviço é dedicado, porque não vender o produto explicando-o (enaltecendo o presunto, etc.), em vez de o tentar "impôr"? Vieram os "Salgadinhos" (€1,20 unid.), fritos no momento, com o risol de camarão a cumprir, a cozinha de frango banal e o croquete fracote, com a carne picada sem destriña de sabor e as frituras em geral "cansadas", em sabor e aspeto, e descurado, com um dos croquetes a vir rebentado. Entrou-se na "praia" da ementa, os mariscos, com as "Ostras" (€22,50/kg) fresquissimas e abertas sem vestígios de cascas, sucos imaculados e sabor total a mar. Os "Percebes" (€95/kg) de calibre médio, alguns de pelo bem robusto, cozidos com acerto, sem ficarem aguados, talvez pudesssem ter um nadirna mais de sal que lhes avivasse a alma marinha. Excelente o "Casco santola" (€38/kg), na versão "arranjada", ou seja, com todas as carnes retiradas das

pernas e misturadas no recheio principal, rico, pouco adubado com ingredientes extra, a deixar a qualidade do crustáceo e as suas lasquinhas adocicadas brilharem.

Passámos aos quentes com umas belíssimas "Gambas ao alhinho" (€12,50), além da grafia correta, sem hispanismos desnecessários, a qualidade era superior ao habitual, com os lombos de camarões médios, firmes e muito saborosos, alho em porção equilibrada, sem abafar, mas a ter o protagonismo merecido. Um molho viçante para embebêr em fatias de pão torrado com manteiga. Nova demonstração de rigor na matéria-prima selecionada com os "Canivetes grelhados" (€12), carnudos e muito bem depurados, em porção generosa. A quase fechar, a "Sopa do mar" (€22,50/2 pax), numa terrina familiar que fará feliz três convivas, com um caldo de base pouco forçado em farinhas para ficar cremoso, antes mais rico em sabor e guarnecido com camarão, mexilhão e sapateira, e ainda um toque de espinafres que o tornou aveludado. Uma surpresa inesperada foi o impecável "Prego do lombo" (€8/150 g), com carne de qualidade superior, tenra e de sabor víncido. Um senhor bife que vale a viagem.

No serviço há atenção e eficiência, só têm que reffrear um pouco o push para o cliente beber, beber... Nos vinhos, entre opções plausíveis de não carregar muito a conta e rótulos de prestígio para ocasiões especiais, a carta é abrangente. Vieram duas sotremesas de chave de ouro: o delicado "Bolo folhado" (€5,10), com finas camadas de massa entremeadas de doce de ovos, e o "Fidalgo" (€5,10), com o bom doce de ovos embrulhado a preceito nas elegantes folhas de ovo.

É sempre bom ver um restaurante evoluir e melhorar a sua oferta em instalações e conforto. O Pinto está pronto a entrar confiante em 2023, mas pode afinar alguns detalhes, já que a expectativa que as suas novas e muito agradáveis instalações criam diminui a margem que o rio ali em frente proporciona. Que bom ver tudo isto acontecer fora de Lisboa e a valorizar outros locais, abrindo mais horizonte a sul. Que O Pinto Marisqueira seja referência de bem comer e receber! ●

O PINTO MARISQUEIRA

Rua Fonte de Prata, 32 — Amora
Telefone: 212 215 310 ou 938 549 961
Encerra à segunda-feira

Desde 1976, a crítica gastronómica do Expresso é feita a partir de visitas anónimas, sendo pagas pelo jornal todas as refeições e deslocações

ACEPIPE

Anedotas do século XIX

Um destes sujeitos que não vão tomar chá a uma casa senão para encher a algibeira de bolos preparava-se para sair de uma noite em que estivera e junto de uma bandeja enchida de bolos as algibeiras da casaca e do sobretudo sem reparar que um criado o observava silenciosamente. De súbito, solta um grito, sentindo a perna esquerda escaldada. Volta-se furioso e vê o criado a entornar-lhe na algibeira das calças.
— O que é isto? — brada ele.
— Ah, perdão! — torna o criado respeitosamente. — Como V. Ex.⁹ leva os bolos, supus que também queria levar o chá.

**

Num restaurante, o freguês:
— Você é capaz de dizer que esta sopa, que nem cheiro tem, seja sopa de rabo de boi?

O criado:
— Ah, isso digo e torno a dizer.

O freguês, furioso:
— Pois então leve a terrina e diga ao boi que torne aqui a meter o rabo pelo menos duas ou três vezes.

**

Num jantar, Paul Plantier, editor-autor do "Cozinheiro dos Cozinheiros" (1870), faz elogios forçados à mocidade suspeita de uma das damas ali presentes.

A senhora retrucou:
— Sinto não poder dizer-lhe o mesmo, sr. Plantier.

Com a frontalidade que lhe era conhecida, o relojoeiro francês faz um disparo cruel:

— Pois, minha cara senhora, minta, minta como eu!





GETTY IMAGES

A acabar o ano dos perigos todos

Os vinhos que salvem a crise, é o que se pede

Emuito complicado falar sobre o ano de 2022 sem ter sempre presente o que nos caiu em cima sem que ninguém esperasse. De repente ficámos todos superinformados sobre a geografia da Ucrânia, sabemos quase tudo sobre mísseis e andamos todos a roer as unhas à conta da inflação, fenômeno que muitos já tinham esquecido. Estou no contingente geral: não sabia onde era Mariupol, pensava que os Patriot eram brinquedos (perigosos) do tempo da guerra do Iraque e que agora a conversa seria outra. Parece que não. No caso dos vinhos, dizer que o ano de 2022 foi atípico é elemental: tudo correu mal até que as vinhas nos vieram recordar que têm mais capacidade de resistência do que nós poderíamos imaginar. Foi assim que sem chuva, com calor a mais e com todas as condições possíveis para que a vindima fosse um desastre, eis senão quando afinal vai ser possível encontrar coisas boas (alguns brancos já os provei) e quem sabe se não será ano de Porto vintage. As vinhas, sobretudo as velhas, sabem muito

mais do que nós imaginamos, andam ‘nisto’ há milhares de anos e nós só há 60 descobrimos que há uns bichos que são leveduras e outros que são bactérias. Temos muito ainda que pensar...

Como é evidente, o final do ano e o começo de um novo deve ser devidamente assinalado com umas bolhas. Para quem as tiver em casa, as garrafas de champanhe são chamadas à boca do palco. É nesta noite que ‘voa’ grande parte dos 300 milhões de garrafas que a região francesa coloca por ano no mercado. Já o disse várias vezes, é caso para tirar o chapéu aos franceses, que conseguiram elevar o champanhe à bebida de celebração por excelência. Mas bebidas com bolhas produzem-se no mundo todo (e na Crimeia também, já agora...), e em Portugal foi nos finais do século XIX que se fizeram as primeiras experiências de espumantização. O espumante que sugiro hoje é especial: feito com Tinta Roriz (uma das castas que mais controvérsia gera no meio enófilo), tem-se revelado um vinho de excepcional qualidade, rivalizando

com muito champanhe. Já leva uns bons anos de vida, o que significa que ‘dormiu’ longamente nas caves antes de levar a rolha de cortiça, e essa dormência foi condição sine qua non para que se conseguisse obter um vinho com esta *finesse*. Claramente vocacionado para ser consumido a solo, pode também ser perfeito parceiro para umas ostras ou para peixes fumados servidos em canapés. O tinto tem origem na Gricha, uma bela propriedade situada na margem sul do Douro, um pouco acima do Pinhão. Ali, e de uma única parcela, fez-se um vinho de Touriga Nacional com quantidades que variam todos os anos, uma vez que “a vinha é que nos diz quanto quer produzir e a variação vai desde as duas mil até às quatro mil garrafas”, diz-nos Johnny Graham, o CEO da empresa. Tratando-se de vinhos com muita personalidade, não podem exigir mais – é o que elas querem. O branco nasceu em Mértola, terra de calores abrasadores mas onde se conseguiu fazer este branco, invernosso mas com muita personalidade. ●

Murganheira Millésime 2011

Região: Távora-Varosa
Produtor: Caves da Murganheira
Casta: Pinot Noir e Chardonnay
Enologia: Marta Lourenço / Orlando Lourenço
PVP: €26

O vinho apresenta uma forma magnífica, com muito delicadeza de fruta, com elegância de conjunto, com a acidez perfeita. O trabalho de espumantização foi aqui notável.

Dica: não é vinho de guarda, é agora que ele está no melhor momento e, com o preço ajuizado que tem, não há razão para não celebrar com ele a chegada de 2023.

Quinta da Gricha Talhão 8 tinto 2018

Região: Douro
Produtor: Churchill Graham
Casta: Touriga Nacional
Enologia: Ricardo Nunes
PVP: €45

Este é o talhão de Touriga Nacional da quinta. Nesta colheita originou 1700 garrafas. É um tinto de rara delicadeza, sério e ainda austero, mas que mostra muito boa aptidão para brilhar à mesa. Dica: deixe-se tentar com as carnes vermelhas mal passadas ou com estufados de borrego. Se for apreciador, a caça será uma boa sugestão.

Grande Discórdia Grande Reserva branco 2020

Região: Alentejo
Produtor: Edual
Casta: Arinto
Enologia: Filipe Sevimate Pinto
PVP: €34

Tem origem no Alentejo profundo, numa propriedade que aposta na caça e no plantio de medronheiros em larga escala. Este fermentou e estagiou em barrica. Produção limitada a 820 garrafas. Dica: volumoso, cheio, com bom diálogo entre fruta e madeira. Austero, de recorte mineral com fundo cítrico, bom para queijos de pasta mole, por exemplo.



AS NOSSAS RECOMENDAÇÕES

Saiba mais sobre estas e outras sugestões em boacamabaomesa.expresso.pt

boa cama boa mesa

Expresso

MESAS COM MÉRITO

A Carvalheira

Rua do Eido Velho, 73, Fornelos.
Tel. 258 742 316

Picam-se as "Favas com fumados" e as "Pataniscas de bacalhau". Sustenta-se com o "Pernil no forno", o "Cabrito", o "Bacalhau com broa", o típico "Sarrabulho" e a lampreia e o sável do rio Lima. Preço médio: €25.

Mugasa

Largo da Feira, Fogueira,
Sangalhos. Tel. 234 741 061

O seu "Leitão assado" é servido com batata frita ou cozida, salada, laranja e molho apimentado, tendo o segredo a ver com a "quantidade e a sequência em que os ingredientes são colocados e as reações químicas provocadas". Preço médio: €30.

Taberna do Quinzena

Rua Pedro de Santarém, 93-95,
Santarém. Tel. 243 322 804



A ementa é feita à semana e inclui pratos típicos, como "Naco de noivinho bravo avinhado" e "Bariga de porco assado no forno", nas carnes, "Magusto com bacalhau assado" e "Petingas de escabeche", nos peixes. Preço médio: €20.



50 ANOS, 50 RESTAURANTES

1995 — Elegante e cosmopolita, o Porto ganha um restaurante para o mundo

Tendências de mercado, remodelações e a pandemia não desviam o restaurante Caféina, aberto em 1995, do grande desafio: manter-se sempre atual. Casa de referência, símbolo de contemporaneidade, cosmopolitismo e elegância no Porto, manteve a identidade, que espelha a do proprietário Vasco Mourão Ponderado, analítico, mas também intuitivo quando é preciso; o empresário gera um grupo de sucessos com seis restaurantes. A visita em 2012 da então Presidente do Brasil, Dilma Rousseff, fica na história.

Tombalobos

Rua 19 de Junho, 2, Portalegre.
Tel. 245 906 111

As "Pétalas de toucinho" são ex-líbris da casa de José Júlio Vintém. "Açorda de fraca no forno", "Bicos de touro bravo grelhado" e "Lombo de veado frito com alho e sal" são algumas das originalidades da carta. Preço médio: €30.

Fajã dos Padres

Estrada Padre António Dinis Henriques, Fajã dos Padres.
Tel. 291 944 538

A cozinha regional da Madeira é a base da gastronomia, das "Lapas grelhadas" ao polvo, ao "Atum sal-presado" e "Bife de atum grelhado" e ao peixe fresco grelhado ou frito. Preço médio: €20.

Pôr do Sol

Rua dos Rolos, Fajãzinha, Flores.
Tel. 919 342 214

Os proprietários produzem batata-doce e branca, inhame e outros hortícolas e criam ovelhas e porcos. Depois há as lapas, a "Caçolla com carne de porco e fígado", o "Cozido de porco", mais o peixe da lota. Preço médio: €20.

UMA VIAGEM PELO MELHOR DE PORTUGAL

Na emissão desta semana do "Boa Cama Boa Mesa" recordámos os melhores destinos que ao longo do ano demos a conhecer. Começámos em Trás-os-Montes, em Montesinho, onde o lobo faz parte da vida e do imaginário. Rumamos depois a Tondela, para experiências de velocidade em duas ou quatro rodas, no Museu do Caramulo. Depois percorremos a única estância de esqui do país, para logo a seguir viajarmos no tempo até ao Dino Parque da Lourinhã. No Parque Natural das



Serras de Aire e Candeeiros, a aventura leva-nos às grutas de Alvalos, Santo António e Mira de Aire, as mais famosas. No Alentejo descobrimos o primeiro parque temático de gin do mundo. Vamos ainda a Bragança, Faro e Figueira da Foz, entre outros destinos.



RECHEIO
CASH & CARRY

SELO DE QUALIDADE Em parceria com o Recheio, este símbolo é a garantia de que o restaurante em destaque utiliza produtos das melhores origens e criteriosamente selecionados

ALOJAMENTOS

Ritz Four Seasons Hotel Lisboa

Rua Rodrigo da Fonseca, 88,
Lisboa. Tel. 213 811 400



Foram renovados e modernizados quase todos os 282 quartos e suítes. As suites especiais dão agora acesso a um lounge exclusivo. O spa, com piscina interior aquecida, continua a ser uma referência, mas a exótica piscina exterior é um novo polo de atração. Preço médio: €600.

Herdade da Malhadinha Nova

Albernoa. Tel. 284 965 432

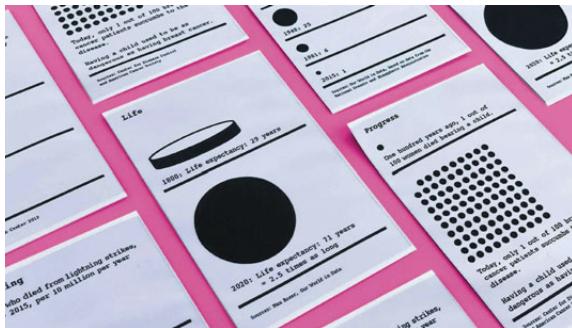
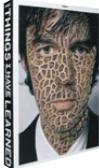


Já havia massagens e banhos de vinoterapia, mas agora há o novo spa, feito de materiais naturais, à base de mármore e cal, com várias texturas e em nível integral, no interior e no exterior. Escolha um dos 30 quartos e suítes, divididos pelas cinco unidades de alojamento. Preço médio: €500.

Galeria

Rua António Sérgio,
3 A, Cova da Piedade.
Tel. 212 596 585

O restaurante tem como grande trunfo a cozinha de tacho, como a "Massinha rica de corvina", a "Cataplana de tamboril", os "Sames de bacalhau em cama de grão" ou a "Sopara da Trafaria". As propostas especiais também abrangem as carnes, como a "Carvoada de vitela" e as "Costeletas de borrego grelhadas com molho de alecrim". Recebe ainda exposições de pintura. Preço médio: €20.



O que tem de vir

Sagmeister coloca um foco sobre o lado positivo da vida

Sagmeister passa da ideia para a pesquisa, para o conceito, para a partilha. Quer através dos livros ou das exposições e filmes, as propostas proactivas de Sagmeister têm uma perspectiva sobre o positivo, mas nunca são inocentes ou passivas. Os destinários têm de navegar entre factos, ideias, opiniões e conclusões, que são estimulantes acima de tudo. Umas mais provocadoras do que outras, mas todas visualmente impressionantes.

Conheço, desde há muito, um designer de origem austríaca que vive há muito tempo em Nova Iorque. Desenvolveu alguns dos mais interessantes trabalhos de design de comunicação que já alguma vez vi e é um dos mais influentes designers do mundo. Chama-se Stefan Sagmeister e tem agora 60 anos. Hoje não falo da qualidade estética do seu trabalho nem da sua eficácia, quer encontramos em muitos outros designers. Stefan, como designer mas também como pessoa, interessa-se sobre a evolução — a sua, a dos outros, a da sociedade. É a sua pesquisa e criação, principalmente em projectos pessoais que proactivamente lança, tem como objectivo criar atenção para aquilo de bom que já conseguimos conquistar ou aquilo de que, em certa forma, nos pode levar a tornar o mundo melhor ou, pelo menos, a nós próprios melhores. Sagmeister coloca um foco sobre o lado positivo da vida, algo que é tão raro acontecer hoje em dia.

No seu livro "Things I Have Learned in My Life So Far", de 2008, Stefan indicava já de forma clara este interesse na evolução de cada um de nós. Através da criação de uma série de projectos de comunicação, que depois deram origem à publicação, Stefan apresentou-nos mais de 20 máximas que, sendo pessoais, podemos extrapolar para nós. "Having guts always worked out for me", "Trying to look good limits my life", ou ainda "Over time I get used to everything and start taking it for granted", ou "Complaining is silly. Either act or forget" são alguns exemplos, e

a forma como ele os desenvolveu enquanto designer de comunicação é magistral e com um grau de inovação difícil de equivar. Sagmeister levou a sério o seu processo de aprendizagem e tornou decisões tão radicais como a de quando passou o seu gabinete de design, no auge do sucesso, com cerca de 80 pessoas, para um de três pessoas, incluindo ele próprio, de forma a poder sempre personalizar o trabalho para os seus clientes.

Nos anos mais recentes, Stefan desenvolveu projectos relacionados com o tema da felicidade, com a exposição "The Happy Show", e com o tema da beleza, sempre na óptica de enfatizar aspectos positivos e a sua importância. Ultimamente tem feito diversos tipos de pesquisa para o projecto "Beautiful Numbers", que procura contrariar as informações negativas e catastróficas dos media e das plataformas sociais actuais, dando relevo a estatísticas que provam a evolução da nossa espécie e que nos permitem colocar em perspectiva todas as informações negativas que nos submergem.

O ano de 2023 vem aí e não podemos fechar os olhos ao contexto difícil e exigente que nos rodeia. Mas podemos enfrentar o que tem de vir com proactividade, com foco no que de bom conquistámos e com ações concretas. Sejam de que escala forem.

Um bem desenhado e corajoso 2023. ●

Guta Moura Guedes escreve de acordo com a antiga ortografia

No projeto "Beautiful Numbers", para tornar mais próxima de todos a mensagem que quer transmitir,

Sagmeister usa diversas plataformas de comunicação, indo ao ponto de criar uma marca de roupa. A "Democratic Sweater" compara o número de países democráticos em 1910 (13) com o de 2010 (89). No "Opinion Coat", o gráfico mostra que a opinião de que as mulheres deveriam retornar aos seus papéis tradicionais na sociedade era compartilhada

por cerca de metade da população nos Estados Unidos nos anos 90, e desde então encolheu para um quarto.



Dicas & Regras

Agradecer e celebrar

Vá com estilo até 2023 e faça dos dias uma festa

Vamos fechar o ano em grande estilo e dar o mote para aquele que vai vir. Agradecer aquilo que temos e abraçar o bom que está para vir é sempre uma celebração, quer façá a passagem do ano em casa, numa discoteca ou num hotel. O que vestir? Mais do que tipo de festa, vai depender do seu mood: tanto pode apetecer usar lantejoulas numa reunião caseira de amigos como um look discreto numa festa de arrumba com desconhecidos.

A boa notícia é que os visuais de festa não vão voltar para a gaveta depois da passagem do ano. Uma das grandes tendências para 2023 é incorporá-las no quotidiano: *paillettes*, brilhos metálicos, aplicações arrojadas, rendas sedutoras, tudo é permitido para celebrar as conquistas do dia a dia, por mais pequenas que sejam. Para as mulheres fica o desafio: que tal, nesta entrada triunfante, trocar o preto pela cor, como para animar o futuro próximo? Um vestido ou um fato colorido, com brilho e sofisticado, vai lindamente com

acessórios em cores contrastantes. Há outra alternativa, mais luminosa e pacífica: o look branco total. Não tem como enganar: uses todas as peças brancas exceto os acessórios, que podem ser dourados ou prateados e dão aquele toque de festa.

Para os homens, também o tradicional *smoking* chega nos mais variados padrões e cores. E pode sempre usar apenas o casaco e conjugá-lo, caso o *dress code* o permita, com uma t-shirt e umas calças informais, com umas de ganga preta ou umas clássicas mas mais fluidas e descontraídas. Se gosta de camisas, opte por uma versão acetinada, mas arrisque no padrão. Há dois outros conselhos imprescindíveis ao seu conforto que deve seguir à risca. Primeiro, deve adotar a técnica da cebola, ou melhor, do look em camadas, para que possa vestir ou despistar qualquer peça de roupa consoante esteja mais ou menos calor. E, em segundo lugar, não se esqueça de levar outros sapatos, mais confortáveis, para trocar, pois a ideia é que se divirta até ser dia. Feliz 2023! ●



FOTOGRAFIAS GETTY IMAGES

Shopping



VESTIDO DE GOLA ALTA COM SAIA DE PEDRARIA
Elisabetta Franchi

€1058



BLAZER DE SMOKING
Marciano by Guess

€280



TOP COM
PAILLETTES
EM NAPA
PINKO

€295



VESTIDO
EM MALHA
DOURADA
Massimo
Dutti

€299



SAPATOS
FORRADOS
A CETIM
COM CRISTAIS
PINKO

€365



VESTIDO
COMPRIDO
EM CETIM
Marciano
by Guess

€280



CLUTCH RÍGIDA
DOURADA
Elisabetta Franchi

€289



BLAZER CRUZADO EM VELUDO
Massimo Dutti

€169



Ano novo, portátil novo

A Lenovo apostou tudo numa tripla para os computadores pessoais de 2023

ALenovo antecipou-se à inauguração da famosa feira CES com a apresentação de três portáteis que pretendem afirmar-se como legítimos representantes da sustentabilidade ambiental e do trabalho remoto, ao mesmo tempo que confirma que de 5 a 8 de janeiro haverá gadgets bem mais arrojados para ver em Las Vegas, além das slots machines. ThinkPad X1 Carbon de 11^a geração, ThinkPad X1 Yoga de oitava geração e ThinkPad X1 Nano de terceira geração integram a plataforma Evo, da Intel, e distinguem-se pelos materiais reciclados, além de ferramentas de privacidade para videoconferências ou que beneficiam a vida da bateria. Os modelos X1 Carbon e X1 Yoga podem ser 'artilhados' com 64 gigabytes (GB) de memória RAM e dois terabytes (TB) de armazenamento,

enquanto a versão Nano 3 não poderá ir além dos 16 GB e 1 TB de armazenamento. As versões Carbon e Yoga estão equipadas com ecrãs OLED de 35,56 centímetros (14 polegadas), mas a primeira está preparada para uma resolução de 2,8K, enquanto a segunda já está apta para 4K, com 500 nits de brilho. Estes dois modelos contam ainda com baterias de 57 watts hora. A versão Nano tem ecrã de 33 centímetros (13 polegadas), com resolução 2K, 450 nits, e ainda opção para interação tátil. Dispõe de uma bateria de 49,6 watts hora e é o mais leve dos três modelos, com 970 gramas. A versão Yoga pesa 1,38 kg, enquanto o modelo Carbon se fica pelos 1,12 kg. Ainda não se conhecem preços. Os lançamentos deverão ocorrer em 2023, mas não há datas anunciadas. ●



VOO PERSONALIZADO

O Jettracer foi desenhado para chegar aos três mil metros de altitude a velocidades máximas de 250 km/h. Seria uma boa opção para fugir aos engarrafamentos nas estradas, mas deverá começar a ser disponibilizado em centros de demonstração e parques mais radicais dos EUA que pretendam brindar as visitas com esta pequena aeronave de 10 motores, que tem vindo a ser desenvolvida pela Zapatka. O modelo dispõe de um módulo de assistência que facilita a pilotagem e evita acidentes.



NECESSIDADES TECNOLÓGICAS

A Numi 2.0 Smart Toilet promete reforçar a nova geração de sanitas com um assistente digital Alexa, da Amazon, tampo aquecido, ultravioletas para desinfecção, bidé e luzes LED para animar o cenário. A nova sanita inteligente da Kohler contempla ainda funcionalidades providenciais, como descarga de água e desodorizante e um secador. E, claro, permite fazer o que se faz em todas as sanitas. À venda a partir dos EUA por 11500 dólares (€10.800).



COMPRAS COM REGRAS

Se faz compras na Amazon, vai notar nas mudanças que aí vêm, após acordo com a Comissão Europeia. A fim de evitar uma sanção máxima de 10% da faturação, a gigante do comércio eletrónico vai aplicar iguais condições a marcas e vendedores na denominada "buy box", além de criar uma segunda box para ofertas mais competitivas. Também se prevê o fim das práticas discriminatórias da concorrência no Amazon Prime e o término do uso dos dados que fomentam as vendas de marcas do grupo.

Fusão ou confusão?

Poderão "World of Warcraft", "Diablo" ou "Call of Duty" tornarem-se exclusivos da Xbox? A Microsoft já rejeitou o cenário, mas a alegada boa intenção não a livrou de um processo judicial iniciado pela Comissão Federal do Comércio dos EUA, que recebeu que a compra da produtora Activision Blizzard possa distorcer a concorrência. Tendo em conta a envergadura da produtora de videojogos e da Microsoft, ninguém tem dúvidas de

que o negócio acabará por transformar a indústria dos videojogos – e até o metaverso. A entidade reguladora dos EUA não está só no escrutínio deste negócio, orçado em 69 mil milhões de dólares (quase €65

mil milhões), um grupo de 10 fãs de "Call of Duty" também iniciou um processo contra a aquisição. Através do presidente, Brad Smith, a Microsoft comprometeu-se a assinar um acordo para garantir que os títulos detidos pela Activision Blizzard permanecem disponíveis para consolas concorrentes da Xbox durante 10 anos, mas a sugestão terá gerado desconfiança das autoridades. Uma coisa é certa: boa parte da concorrência e do cardápio de jogos disponíveis para as consolas Xbox, PlayStation e Nintendo depende do desfecho deste caso judicial, que deverá conhecer novos avanços no verão.



OS JOGOS DE 2023

A Sony já deu a conhecer a lista de estreias para 2023. "Horizon Call of the Mountain" já pode ser reservada para uso de óculos de realidade virtual PlayStation VR2. "Marvel's Spider-Man 2" não tem data anunciada, mas "Forspoken" promete aventura na PlayStation 5 a partir de 24 de janeiro. "Hogwarts Legacy" estreia a 10 de fevereiro. Seguem-se "Destiny 2: Lightfall" a 28 de fevereiro. Seguem-se "Resident Evil 4", a 24 de março, e "Final Fantasy XVI", até ao terceiro trimestre.



CITROËN AMI BUGGY

A Citroën vai lançar uma nova edição limitada de mil unidades do My Ami Buggy, que será comercializada no final do primeiro trimestre de 2023. Este pequeno carro elétrico já vendeu mais de 30 mil unidades, em nove países, desde o seu lançamento no final de 2020. Em Portugal, a Citroën já comercializou 700 unidades do Ami.

Espaço sobre rodas

É grande, espaçoso, confortável e gosta da estrada. As portas deslizantes laterais ajudam imenso e facilitam em espaços fechados

Se tem uma família numerosa e um dos seus problemas é o espaço sempre que vai de viagem, este Mercedes-Benz Classe T 180 d (de diesel, sim, esse mesmo que ainda vai continuar a dar cartas por muito tempo) pode ser a solução.

Aqui há espaço nos lugares da frente, nos de trás e também na bagageira. E como o carro é volumoso (1,81 metros de altura) bem podem vir malas, sacos, carrinhos de bebé e demais adereços familiares. Cabe tudo. E há sempre lugar para mais alguma coisa.

Depois há, desde logo, um outro pormenor que salta à vista: as portas traseiras deslizantes. Uma maravilha, especialmente para quem tem de transportar crianças com direito a cadeirinha própria para a idade, mas também um descanso para a entrada e saída de adultos, nomeadamente aqueles que medem alguns centímetros acima da média.

Assim que assumimos os comandos deste Mercedes monovolume de dimensões generosas, facilmente percebemos que dispõe de uma excelente posição de condução. Elevada e com uma ótima visibilidade em relação à estrada e tudo à volta.

Na verdade, estamos a bordo de um Mercedes, e isso acaba por se perceber em vários detalhes, à medida que nos vamos fazendo à estrada, seja no sistema de navegação ou no painel



FICHA TÉCNICA

Motor Diesel, com 116 cavalos de potência
Caixa Automática de sete velocidades
Consumo 6,5 litros aos 100 km
Preço €41.401,62

de instrumentos mesmo à nossa frente. Destaque, também, para o facto de o ecrã tátil central não estar apretado como demasiado 'foguetório', cingindo-se aquilo que realmente interessa a quem vai a conduzir e não pode desviar a atenção da estrada. Nota positiva ainda para alguns botões físicos que complementam algumas funções do ecrã tátil, como a climatização ou o controlo do sistema de som. Coisas simples mas relevantes para quem vai a conduzir.

Em termos de conforto a bordo, não estamos, garantidamente, na presença do nível de requinte, de elegância e de detalhe que encontramos em alguns modelos topo de gama da marca germânica, mas tanto as portas como o tablier encontram-se revestidos de materiais de qualidade, agradáveis ao tato, assim como os bancos.

Este é um monovolume familiar feito claramente para a estrada mas, com os seus 116 cavalos de potência, não se pode esperar muito no que diz respeito à velocidade. Cumple os requisitos para o segmento em que se integra, mas esqueça o acelerador a fundo. Não vale a pena. Foi feito para as viagens, de preferência longas, para o conforto a bordo, mas menos para o desempenho dinâmico em estrada. Quanto ao design exterior, ou se gosta, ou se odeia, ou se aprende a gostar. E não é difícil. ●



MERCEDES EQE SUV

O EQE SUV da Mercedes-EQ já pode ser encomendado. Este modelo [elétrico] é considerado pela marca germânica como o mais versátil deste segmento executivo EQE. A versão EQE 350+ está disponível a partir de €91950, para o modelo equipado com um motor elétrico que debita 215 cavalos de potência. Para o motor mais potente, de 350 cavalos, o preço sobe para os €129 mil.



OPEL MOKKA MAIS AUTÔNOMO
O Opel Mokka está mais autónomo e o é' de elétrico (Mokka-e) torna-se Mokka Electric. O motor elétrico com 115 kW / 156 cavalos de potência permite agora percorrer 406 quilómetros com uma única carga. No modo de carregamento rápido pode ficar com 80% da carga em cerca de 30 minutos.

NOVIDADES

da semana

HOMENAGEM AO AZULEJO PORTUGUÊS

No final do ano, a marca portuguesa Castelbel lança uma coleção inspirada na arte centenária da azulejaria portuguesa, para a casa e para o roupeiro. Na nova linha podem encontrar-se as novas saquetas perfumadas de lavanda e camomila e sândalo e fava-de-tonca.

castelbel.pt



PERFUME RESERVADO

Nathalie Lorson e Olivier Cresp lançaram em 2022 uma novidade na linha masculina de perfumes da Givenchy. Gentleman Réserve Privé é uma fragrância amadeirada floral ambarada com um ingrediente surpreendente – um whisky criado na Escócia. Uma proposta muito original, dedicada ao homem contemporâneo. givenchy.com

PRÉMIOS SOBRE RODAS

Em 2022, o Museu do Ciclismo Joaquim Agostinho, em Torres Vedras, foi duplamente reconhecido pela Associação Portuguesa de Museologia. O vídeo introdutório intitulado "O Par Perfeito – Recordar Joaquim Agostinho, Celebrar a Bicleta" recebeu o prémio de "Melhor Filme" e o museu recebeu uma menção honrosa na categoria "Trabalho de Museografia".

mjoaquimagostinho.pt



DIÁRIO DE UM PSIQUIATRA

POR JOSÉ GAMEIRO

Triste país de cobardes

A célebre venda que torna a justiça cega parece ter sido deitada para o lixo

Infelizmente, a psiquiatria tem sido demasiado utilizada como arma de arremesso. Desde o desprezo com que eram tratados “os loucos”, ainda não completamente postos em igualdade com os outros doentes, até à sua utilização criminosa para justificar os gulags. Os psiquiatras e os neurologistas são chamados frequentemente a atestar o estado mental de diversos tipos de pessoas, em circunstâncias diversas. Ao longo da minha vida profissional fiz dezenas de perícias. Ao contrário do que acontece em alguns países, não temos em Portugal perícias de parte. Ou seja, as peritações oficiais não podem ser discutidas, em tribunal, com outro perito escolhido pelo arguido. Fui chamado a intervir nalguns casos, como testemunha, com muito menor valor jurídico que um colega perito. Este sistema tem levado a erros, a que toda a períagem está sujeita, que poderiam ser diminuídos se o tribunal pudesse ouvir o contraditório.

Nos meus últimos anos, no Hospital Miguel Bombarda, fui responsável pela Enfermaria Forense. Lá conheci muitos doentes a quem tinha sido declarada a inimputabilidade, depois de terem cometido crimes. Assim ficavam internados em alternativa a irem para uma prisão comum. Nalguns, poucos, sempre duvidei da certeza desta classificação, mas também vi algumas condenações em pessoas muito doentes e que tinham sido consideradas imputáveis.

Vem isto a propósito da polémica acerca do estado mental de Ricardo Salgado. Não o conheço, se conhecesse não poderia escrever esta crónica. Não tenho nenhum interesse na questão. Não fui prejudicado pela situação do BES nem beneficiado... Conheço o meu colega neurologista que, como é do conhecimento público, o tem acompanhado e feito relatórios no sentido de um quadro demencial em evolução. Não li o relatório pericial do professor Joaquim Ferreira sobre o doente, mas reconheço-lhe o maior mérito como neurologista. Tanto quanto os *media* dizem, o diagnóstico já tem mais de um ano. Até agora, o Ministério Público e os juízes do processo nunca quiseram pedir uma períagem oficial. Não sou jurista, mas como médico acho inaceitável, para não dizer pior, que não o tenham feito. Para defesa do arguido e do sistema e pela gravidade do quadro que o meu colega atesta. Já há algum tempo que este assunto me trazia incomodado. Ana Gomes, já há um ano, sempre disposta a disparar, tinha escrito: “Só Proenças de Carvalhos e acólitos advogados procuram vender a ficção da demência.” Mas o meu gatilho acionou há uns dias quando ouvi as declarações inacreditáveis de João Paulo Batalha, da Associação Frente Cívica. Cito: “É altura de o país saber se Ricardo Salgado teve a Alzheimer mais oportuna da História ou se é um pretexto criado pelos advogados.” Mas diz mais: “Não sabemos se o Alzheimer lhe foi atribuído por um médico ou por um advogado ou se é um alibi amanhado pelos advogados.” A associação que Batalha faz parte luta contra a corrupção, os compadriões, as teias de interesses, mas há uma grande diferença entre esta luta, o jornalismo e as suspeitas infundadas.

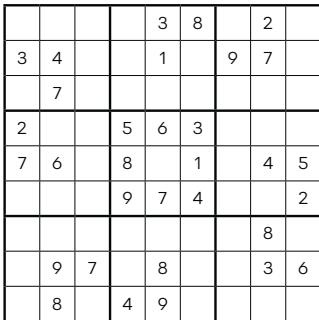
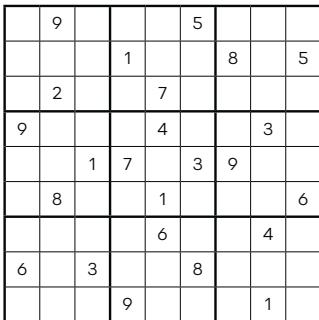
Estas declarações são feitas no meio de um pedido legítimo de que seja efetuada uma períagem oficial, coisa que a defesa afirma ter feito desde o primeiro atestado médico. Mas perde toda a respeitabilidade quando, sem nenhuma prova, põe a hipótese de um médico neurologista, respeitado pela comunidade científica, ter feito relatórios de favor. Um diagnóstico de Alzheimer é feito clinicamente, por imagens cerebrais, TAC e PET, avaliação neuropsicológica e análise do líquor. Já agora fica a saber um pouco do assunto... Se Batalha duvidava, o que teria de dizer seria: “Ninguém é infalível, outra períagem, esta oficial, tirará as dúvidas.” Para quem tem como bandeira a seriedade, não me parece que tenham sido declarações sérias e isentas.

A célebre venda que torna a justiça cega parece ter sido deitada para o lixo. Com a exceção do Grupo de Estudos de Envelhecimento Cerebral e Demências, lamentavelmente, que eu saiba, nenhum colega, nem o Colégio da Especialidade de Neurologia, nem a Ordem dos Médicos, sempre tão pronta a proteger a ética profissional, deram a cara, a defender o colega. Triste país de cobardes... ●

josemanuelgameiro@sapo.pt

PASSATEMPOS

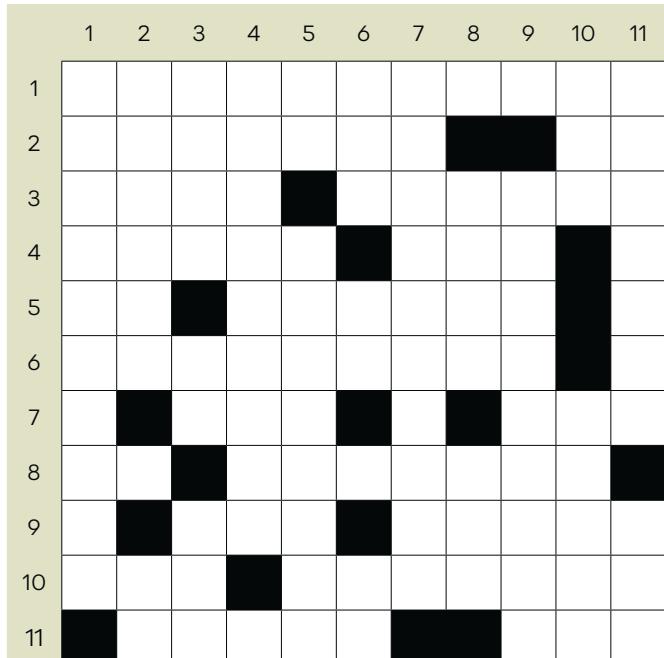
POR MARCOS CRUZ

Sudoku Fácil**Sudoku Difícil****Soluções**

Fácil	Difícil
1 5 2 7 1 6 4 3 9 9 3 6 5 2 4 7 8 1 4 8 1 3 9 5 2 6 7 6 7 9 4 8 3 1 5 2 2 1 9 6 7 5 3 4 8 5 4 3 2 1 6 9 7 6 7 6 5 3 4 9 8 2 1 3 2 8 6 1 7 4 9 5 8 9 5 6 2 1 3 7 4	9 1 9 / 1 5 4 5 7 6 8 2 4 3 1 9 6 5 3 7 5 6 2 8 4 1 9 5 2 4 7 1 6 3 8 6 9 5 6 3 2 7 1 4 8 2 8 6 3 5 1 7 9 4 7 4 9 2 1 6 5 3 6 1 6 3 4 7 9 2 8 5 5 9 8 7 4 1 2 6 3
1 5 2 7 1 6 4 3 9 9 3 6 5 2 4 7 8 1 4 8 1 3 9 5 2 6 7 6 7 9 4 8 3 1 5 2 2 1 9 6 7 5 3 4 8 5 4 3 2 1 6 9 7 6 7 6 5 3 4 9 8 2 1 3 2 8 6 1 7 4 9 5 8 9 5 6 2 1 3 7 4	9 1 9 / 1 5 4 5 7 6 8 2 4 3 1 9 6 5 3 7 5 6 2 8 4 1 9 5 2 4 7 1 6 3 8 6 9 5 6 3 2 7 1 4 8 2 8 6 3 5 1 7 9 4 7 4 9 2 1 6 5 3 6 1 6 3 4 7 9 2 8 5 5 9 8 7 4 1 2 6 3
1 5 2 7 1 6 4 3 9 9 3 6 5 2 4 7 8 1 4 8 1 3 9 5 2 6 7 6 7 9 4 8 3 1 5 2 2 1 9 6 7 5 3 4 8 5 4 3 2 1 6 9 7 6 7 6 5 3 4 9 8 2 1 3 2 8 6 1 7 4 9 5 8 9 5 6 2 1 3 7 4	9 1 9 / 1 5 4 5 7 6 8 2 4 3 1 9 6 5 3 7 5 6 2 8 4 1 9 5 2 4 7 1 6 3 8 6 9 5 6 3 2 7 1 4 8 2 8 6 3 5 1 7 9 4 7 4 9 2 1 6 5 3 6 1 6 3 4 7 9 2 8 5 5 9 8 7 4 1 2 6 3
1 5 2 7 1 6 4 3 9 9 3 6 5 2 4 7 8 1 4 8 1 3 9 5 2 6 7 6 7 9 4 8 3 1 5 2 2 1 9 6 7 5 3 4 8 5 4 3 2 1 6 9 7 6 7 6 5 3 4 9 8 2 1 3 2 8 6 1 7 4 9 5 8 9 5 6 2 1 3 7 4	9 1 9 / 1 5 4 5 7 6 8 2 4 3 1 9 6 5 3 7 5 6 2 8 4 1 9 5 2 4 7 1 6 3 8 6 9 5 6 3 2 7 1 4 8 2 8 6 3 5 1 7 9 4 7 4 9 2 1 6 5 3 6 1 6 3 4 7 9 2 8 5 5 9 8 7 4 1 2 6 3

Palavras Cruzadas Premiados do nº 2445

"A Guardiã da Memória de Kiev", de Erin Littleken, para Feliciano Rodrigues, da Amadora; "Desenhos Ocultos", de Jason Rekulak, para Maria T. Portugal de Castelo Branco; "O Meu Ano de Repouso e de Relaxamento", de Ottessa Moshfegh, para Hugo Dias, de Ermesinde.

Palavras cruzadas nº 2447**Horizontais**

- A do nascimento de Jesus é o Natal.
- Torce arames. A segunda pessoa.
- Flutua à superfície da água.
- Nome próprio da Agostinha que contracenava com o Agostinho. Como começam as histórias da Carochinha.
- Tem ídolo.
- Moluscos apreciados.
- Os Jogos que se realizarão em Paris.
- Chegar. Pedra de altar.
- Letra repetida.
- De ministro a governador do Banco de Portugal (apelido).
- Magoa. Onde os portugueses foram os primeiros a chegar por mar.
- Banha Berna.
- Suprimiram.
- Onde o futebol não pode ser acompanhado de cerveja.
- Unidade de sensibilidade.

Verticais

- Governada por um rival de Trump.
- Onde crescem as árvores da azeite.
- Identifica a Al-Qaeda.
- Exprime-se sem voz. Romanço. Pode ser médica.
- Gasta pouco.
- Há pior. Olha sem ser visto.
- Um dos possíveis locais do futuro aeroporto de Lisboa. No meio da retina.
- Deslocar-se.
- Fazer eco.
- Onde se multiplicam os protestos contra a morte da jovem que não usava convenientemente o hijab. Interjeição de admiração.
- Profetizou a Guerra de Troia, mas ninguém lhe deu ouvidos.
- Implica um fim. Usavas os incisivos.
- Atrevimento. Pode ser seca.

Soluções nº 2446**HORIZONTAIS**

- simbólico
- campô
- aram; rai
- tarimbeiros
- taipa; rito
- em; náutico
- nojo; aedos
- ártesão
- arrepios; ca
- leitão; lás

VERTICais

- sentimental
- animô; ré
- miar; júri
- baritono; ET
- Osama; APA
- obituário
- 7.I.C;
- epíteto
- cariatídes
- Omar; ocos
- pior; Osaca
- bolsos; OAS

2 SEMANAS PARA OS 50 ANOS DO EXPRESSO

ANTÓNIO COSTA “NASCI NUMA FAMÍLIA DE ESQUERDA EM QUE QUERÍAMOS LIBERDADE”



OUÇA O PODCAST
EM EXPRESSO.PT

Que idade tinha quando os seus pais se separaram?

Um ano, não me lembro de os ver juntos. O meu pai vivia em Carcavelos, só veio para Lisboa no ano em que o meu irmão nasceu [1968]. A minha mãe viveu sempre entre São Mamede, a Rua da Alegría e o Príncipe Real, teve várias casas nessa zona, a mais duradoura foi na Rua da Vinha, onde vivi 17 anos. Passava a semana com a minha mãe e ia para o meu pai no fim de semana. Com o andar dos anos fui-se diluindo a rigidez do acordo de divórcio, os fins de semana foram substituídos por um jantar durante a semana. As férias foram sempre em Portugal. Os meus pais, quando saíram de Lisboa, só conheciam o sentido que ia para o Algarve. Dois meses de férias, numa época em que o Algarve era muito diferente.

Fez a recruta do Exército em Tavira?

Já tinha casado e acabado o estágio da advocacia quando fiz a recruta, porque aindaapanhei ano e meio de serviço militar [obrigatório]. Com o passar do tempo, tenho valorizado a parte positiva dessa experiência e diluído a negativa. Eu ia trabalhar como licenciado em Direito e achava absolutamente inútil saber montar e desmontar uma G3, saber quantas peças tinha a G3 e coisas assim do género. Mas a segunda fase foi muito interessante, estive a chefiar a Secção de Justiça do Quartel-General da Região Militar de Lisboa e aprendi imenso.

Tem boas recordações da escola primária e do liceu?

No ano em que cheguei ao ciclo preparatório, abriu uma secção da Escola Francisco Arruda, no Conservatório Nacional. Foi uma experiência extraordinária. A escola era dirigida pela Isabel Laginhas, uma mulher maravilhosa que já faleceu. A escola era perto da minha casa. Os meus pais queriam que eu tivesse educação musical, mas eu preferia jogar futebol. Não aprendi nenhum instrumento, foi um desperdício. A seguir ao 25 de Abril, os professores resolveram sanear a diretora. A escola andou em bolandas, [e mudou] para o Palácio Cabral, o que fez com que no ano letivo de 1974/75 só tivéssemos começado as aulas em fevereiro. Decidi que ia chumbar, porque não fazia sentido começar as aulas em fevereiro e passar de ano. Andei na rua a ver a Revolução, o Caso República foi a primeira manifestação do PS a que fui.



TIAGO MIRANDA

Foi nessa altura que aderiu à Juventude Socialista?

A escolha foi quase epidémica. O meu pai era militante do Partido Comunista desde os anos 50 e, num fim de semana em que devia estar com ele, levou-me a uma manifestação de apoio a Vasco Gonçalves, onde cantaram o "Avante" no final. Eu não cantei, porque não sabia a letra. Mas uma conhecida da família disse-me com um ar quase religioso: "Canta o 'Avante', que é o hino do partido." Eu tinha 12 anos, mas percebi nesse dia que havia qualquer coisa ali de que não gostava. A minha educação foi laica, a família da minha mãe é laica, o meu avô não tinha sido batizado, a minha mãe e o meu tio não foram batizados, eu não fui batizado... A deterioração que aconteceu no período do PREC foi rápida, e o Caso República [maio de 1975] foi muito decisivo para mim. Nasci numa família de esquerda em que queríamos liberdade.

Quem foram os professores que o marcaram na Faculdade de Direito de Lisboa?

Gostei muito do Jorge Miranda, nas aulas de Direito Constitucional, do José Gabriel Queiroz, que foi meu professor de Direito Administrativo I e II, entre outros. O atual Presidente da República foi meu professor no 5º ano e foi marcante. Deu-me 17 valores, a melhor nota que tive na Faculdade.

Em 1993, candidatou-se à Câmara Municipal de Loures, e a campanha ficou célebre pela corrida entre o burro e o Ferrari...

Foi um grande desafio que o Guterres me lançou e que adorei. Fiquei a 0,7% de ganhar.

Apoiou Jorge Sampaio contra António Guterres num congresso do PS?

Apoiei Jorge Sampaio no congresso em que ele disputou a liderança com António Guterres. Mas dou-me muito bem com António Guterres, integrei todos os Governos dele do primeiro ao último dia. Comecei em 1995 como secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, fui ministro dos Assuntos Parlamentares quando António Vitorino deixou a pasta e fui ministro da Justiça do segundo Governo de Guterres. A seguir fui líder do Grupo Parlamentar no tempo de Ferro Rodrigues e depois fui para o Parlamento Europeu, de onde regressei oito meses mais tarde para integrar o Governo de José

Sócrates como ministro de Estado e da Administração Interna. Lançámos o Simplex, com o Cartão de Cidadão, a Empresa na Hora, o Documento Único Automóvel...

Gostou de ser presidente da Câmara de Lisboa?

Sai do Governo de José Sócrates dois anos depois [de tomar posse] para me candidatar à presidência da Câmara Municipal de Lisboa e gostei muito desses oito anos. Gosto de funções executivas, adorei ser ministro da Justiça, adorei ser ministro de Estado e da Administração Interna e gosto muito das funções que tenho actualmente.

Como primeiro-ministro, trabalhou com os Presidentes Cavaco Silva e Marcelo Rebelo de Sousa. São muito diferentes?

Se os calendários se cumprirem, trabalharei com um terceiro Presidente da República. Como é público, o Presidente Cavaco Silva fez tudo o que pôde para evitar dar-me posse. É uma pessoa institucional, a partir do momento em que me deu posse, teve uma relação impecável comigo enquanto Presidente da República. Tínhamos reuniões à quinta-feira, sempre à mesma hora, que duravam sempre o mesmo tempo. Quando havia muitos assuntos a tratar, ele apressava a conversa a partir de certa altura. Se havia poucos assuntos, a conversa prosseguia de forma distendida. A minha relação com o atual Presidente é diferente. Fui almoçar dele, solicitei-lhe pareceres quando eu era advogado, tínhamos convívio. O nosso sistema político é muito sofisticado, e o Presidente da República tem uma função que não é executiva, mas também não é uma espécie de rainha de Inglaterra. É um Presidente eleito diretamente pelos cidadãos, com a missão de garantir a unidade nacional e de ser uma voz de alerta. ●



POR
FRANCISCO
PINTO
BALSEMÃO



50 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

Há valores que levamos à letra

Expresso

50 anos de Liberdade para pensar



JOÃO FAZENDA

NÃO FAÇAM CASO DOS CASINHOS

O

integridade física com o verbo “jogar”), levo alguns toques (“toque” é o eufemismo habitual para um soco no queixo ou um chuto no fígado). Como infelizmente sou ainda um ser humano, apesar dos esforços do treinador para que eu corrija essa minha característica absurda, socos e pontapés têm tendência a provocar-me sensações desagradáveis, que eu exteriorizo sob a forma de guinchadeira. É muito frequente o treinador interromper o treino para, com alguma impaciência, me dar a seguinte sugestão: “Não faças tanto caso dos meus golpes.” Recordo que eu pago para ele me aplicar os referidos golpes e me infligir as ainda mais dolorosas sugestões.

Ser governado por António Costa assemelha-se bastante a um treino de kickbox. Ele também se enfada por nós fazermos tanto caso de casinhos sem importância. E também somos nós que estamos a pagar os golpes. Fala-se muito do preço dos combustíveis e dos bens alimentares, mas onde a inflação se nota a sério é nos secretários de Estado. No meu tempo, os secretários de Estado eram mais baratos. Agora estão caríssimos. Em poucos meses, aquele secretário de Estado adjunto teve uma ideia para um pavilhão transfronteiriço inexistente que custou 300 mil euros, e depois a nova secretária de Estado do Tesouro protagonizou uma demissão que ficou em meio milhão. O comunicado da TAP à CMVM dizia que “Alexandra Reis (...) apresentou (...) a renúncia ao cargo,

SER GOVERNADO POR ANTÓNIO COSTA ASSEMELHA-SE BASTANTE A UM TREINO DE KICKBOX. ELE TAMBÉM SE ENFADA POR NÓS FAZERMOS TANTO CASO DE CASINHOS SEM IMPORTÂNCIA. E TAMBÉM SOMOS NÓS QUE ESTAMOS A PAGAR OS GOLPES

aspecto mais interessante do kickbox é o facto de ser um desporto praticado por pessoas para as quais o boxe não é suficientemente violento. “Além de atacar o adversário a murro”, terá pensado alguém, “eu também gostaria de poder agredi-lo a pontapé”. É assim surgir esta linda modalidade. Às vezes, quando estou a jogar com o meu treinador (ele designa ataques selvagens à minha

decidindo encerrar este capítulo da sua vida profissional e abraçando novos desafios.” Em princípio, só por ser um documento oficial, não terminou com o desejo: “Voa, passarinho.”

Os meus pais foram trabalhadores da TAP durante décadas, mas permaneceram nos seus cargos até à reforma, armados em parvos, nunca lhes ocorrendo abraçar novos desafios a troco de 500 mil euros. Os trabalhadores que lá continuam fazem periodicamente reivindicações laborais que indicam a intenção suspeita de não renunciar aos cargos que ocupam. É o que se chama estar agarrado ao lugar, e é provavelmente por isso que não são premiados como quem tem o despreendimento de renunciar e abraçar novos desafios. Querem ser remunerados a troco de trabalho, que é uma coisa tão prosaica e mesquinha. Abracem novos desafios, medricas. ●

Ricardo Araújo Pereira escreve de acordo com a antiga ortografia



/ RICARDO
ARAÚJO
PEREIRA

Hyundai TUCSON

Absolutamente extraordinário.



Gasolina/Diesel • Híbrido • Plug-in

O que faz do TUCSON um SUV absolutamente extraordinário? Tudo. O design sofisticado, os sistemas de segurança líderes do seu segmento e a conectividade de última geração. O SUV compacto está disponível com uma das mais amplas gamas de motorizações eletrificadas do segmento. Saiba mais em hyundai.pt.

hyundai.pt



Hyundai Portugal

 HYUNDAI

7
anos
Garantia
sem limite de quilómetros

Consumo combinado (l/100km): 6,8. Emissões de CO₂ em ciclo combinado (g/km): 153. A garantia de 7 anos sem limite de quilómetros da Hyundai é apenas aplicável aos veículos leves de passageiros matriculados a partir de 1 de setembro de 2019, vendidos por um concessionário autorizado da rede Oficial Hyundai Portugal a um consumidor final, de acordo com os Termos e Condições constantes no Passaporte de Serviço. A imagem pode não corresponder ao modelo em campanha.



TUDO COMEÇA COM
UMA RESPIRAÇÃO

VISITE AS NOSSAS LOJAS

GEOX